



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Daiane de Oliveira Tavares

**Escritas encarceradas:  
representações do universo prisional feminino nas páginas do  
jornal da Penitenciária Talavera Bruce**

Rio de Janeiro

2011

Daiane de Oliveira Tavares

**Escritas encarceradas:  
representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da  
Penitenciária Talavera Bruce**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mignot

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

T231 Tavares, Daiane de Oliveira.

Escritas encarceradas: representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da Penitenciária Talavera Bruce / Daiane de Oliveira Tavares - 2011.

141 f.

Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mignot.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Escrita – Significação (Filosofia) – Teses. 2. Educação de adultos – Prática de ensino – Teses. 3. Prisioneiras – Narrativas pessoais – Teses. 4. Impressos efêmeros – Fonte de informação – Teses. I. Mignot, Ana Chrystina Venancio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

rc

CDU 372.46

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Daiane de Oliveira Tavares

**Escritas encarceradas:  
representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da  
Penitenciária Talavera Bruce**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 31 de agosto de 2011.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Chrystina Venancio Mignot (Orientadora)  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza  
Faculdade de Educação (UNEB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Paiva  
Faculdade de Educação da UERJ

Rio de Janeiro

2011

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria Elita.  
Às privadas de liberdade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço muito à Prof<sup>a</sup> Ana Chrystina Mignot, por ter acolhido o meu tema mostrando-me a importância e sentido de trabalhar com a escrita das privadas de liberdade, além do respeito e confiança que desde o início depositou em minha pesquisa. Destaco ainda a sua generosidade e motivação, o que me possibilitou crescer em âmbito acadêmico e profissional. Com Ana pude encontrar o caminho possível para desvendar o *Só Isso!* e perceber toda a riqueza e relevância de um impresso produzido por mulheres e em condições tão peculiares.

À grande responsável pela minha inserção na temática: Prof<sup>a</sup> Jane Paiva. Sem dúvida, só cheguei até aqui por conta do seu apoio desde o período da graduação. Nunca me esquecerei do almoço em que ela me convenceu de concorrer à seleção de mestrado, me indicou caminhos e foi uma das minhas grandes incentivadoras. Aprendi muito com Jane e muito do que sou hoje agradeço a essa querida professora que marcou a minha trajetória com seu exemplo de ética e profissionalismo.

À todos os professores do Programa, pois muito contribuíram para minha formação.

À CAPES e CNPQ por financiarem essa pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer aos companheiros de trabalho da Secretaria de Estado de Educação: João Correia, Godofredo de Oliveira e Marilson Santana que não só me convidaram para trabalhar na SEEDUC como acreditaram e investiram no potencial de uma recém formada de apenas 23 anos. Vivemos muitas coisas juntos e aprendi muito com cada um deles. Também não posso esquecer de Eugenia Ceva, querida companheira de trabalho que entrou na minha vida no momento em que eu preciso de disponibilidade para concorrer à seleção de mestrado e me apoiou em tudo que precisei naquele momento.

À Elionaldo Julião por toda ajuda e confiança. Muito do que conquistei profissionalmente agradeço a este companheiro que tornou-se um grande amigo.

Aos amigos de grupo de pesquisa: Débora Priscila, Aline Velasco, Bruna Tavares, Jackeline Albuquerque, Rory França, Paulo Rogério, Marcela Clemente, Marcelo Gomes, Valéria Crespo, Roberto Pontes e, sobretudo, Alexandra Lima, Inês Rocha, Heloisa Meirelles e Robson Fonseca por todo apoio e companheirismo.

À minha família por tudo.

Ao meu querido e amado Felipe Garavito, pelo amor e apoio em todos os momentos.

À amiga de toda a vida Carolina Oliveira, por compartilhar os momentos mais felizes e mais difíceis de minha vida.

À amiga Cély Leal por todo apoio e carinho.

À Fatima Garavito, Marcia Garavito e Dorati Garavito por toda ajuda, sobretudo, na reta final deste trabalho.

## RESUMO

TAVARES, Daiane de Oliveira. *Escritas encarceradas*: representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da Penitenciária Talavera Bruce. 2011. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

O jornal da Penitenciária Feminina Talavera Bruce, intitulado *Só Isso!*, produzido no período de 2004 a 2008, constitui objeto e fonte privilegiada nesta dissertação. Na análise do impresso, a metodologia de pesquisa esteve centrada na produção, circulação e recepção do referido jornal, buscando refletir sobre os possíveis sentidos constituídos nas escritas das apenadas, para uma melhor compreensão das práticas cotidianas dessas mulheres, principalmente, no que tange a uma realidade tão específica, fazendo emergir o registro de um modo de vida tão particular. Nesse sentido, busquei compreender o impresso pesquisado em seus destinos e representações mergulhando em nuances e particularidades que o tema comporta, buscando o universo de significados, isto é, a possibilidade de entendimento acerca das relações estabelecidas por esses sujeitos privados liberdade com a escrita na prisão, o que permitiu perceber quem são apenadas, como expressam suas sensibilidades e subjetividades, como vivem, por que escrevem e quais dificuldades enfrentam. Para analisar esse periódico, aproximei-me de fundamentos e de metodologia vinculados à História da Cultura Escrita e também de autores que auxiliaram a problematizar as questões voltadas para as vicissitudes do encarceramento feminino. Sendo assim, a interpretação desenvolvida está alicerçada em autores que apontam e problematizam a importância de compreender a escrita e o seu suporte, estudiosos que discutem as escritas em espaços de confinamento que, via de regra, procuram ocupar o tempo, experimentar a liberdade ou burlar a solidão, além de pesquisadores que ajudam a pensar a escrita de si e suas representações, e outros voltados para a História da Educação que pensam e discutem a importância do impresso enquanto fonte de pesquisa. Tendo em vista o fato desse tema ter uma fronteira tênue entre os campos de pesquisa, dialogo também com antropólogos e sociólogos que trazem dados sistematizados sobre o universo prisional e auxiliam na sua compreensão. O trabalho de pesquisa sobre jornal, representou, portanto, compreender um pouco mais sobre a realidade das mulheres privadas de liberdade, valorizando a escrita oriunda de um contexto em que os rigorosos meios de controle utilizados pela instituição penitenciária acabam por desumanizar os sujeitos apenados. Desta forma, o direito ao ato de escrita e leitura na prisão, torna-se revestido de uma função social e educativa fundamental para a sobrevivência no cárcere. A tentativa dessa pesquisa é, de alguma forma, trazer contribuições que possam refletir em garantia de direitos e oportunidades, possibilitando aos sujeitos encarcerados dignidade e melhores condições de vida.

**Palavras-chave:** Mulheres encarceradas. Impresso. Escritas na prisão. Histórias de vida.



## ABSTRACT

This dissertation is about the woman's prison house Talavera Bruce's periodical named *Só isso!*. The paper was published between 2004 and 2008. For the analysis of this print, the methodology has been centered in the production, circulation and thinking of the journal. Also analyzing about the possible senses composed in the inmate's writings, for a better understanding of this woman's daily practices, regarding such a peculiar society, and making by that, a record of a unique way of life. Considering the above mentioned background, I tried to understand this material in its destinies and representations, digging deep in its details and peculiarities, searching its universe of meanings and the possibility of understanding the established relations by this subjects deprived of freedom with the possibility of writing inside prison, allowing for us to get to know who were the inmates, how they expressed their sensibilities and subjectivities, how they lived, why they wrote, and what kind of problems they faced. For the analysis of this periodical I had to get close to elements and methodologies bounded to the History of Writing and also to authors that research and cover the subject of females' incarceration. So, the developed interpretation is supported by authors that point out the importance to understand the writings and its foundations. Scholars that debate writers that lived in scenarios of confinement that usually search to occupy their time, experimenting with freedom, or escaping loneliness. Authors that helped to comprehend the writings and representations of one himself and also researchers of History of Education that think and discuss the importance of the journal as a source of investigation. This theme is over a narrow line between many fields of research. During this dissertation I dialog with anthropologists and sociologists whom have useful data regarding the prison world and refine our understanding. The work of research about the journals stood for a better perspective on this females inmate's reality, giving value for their writings in a scenario where the rigorous institutional systems eventually dehumanize women. Thus, the right to read and write in prison fan educational and social aspect that is key for the female prisoners survival inside of the institution. This research reflects about the oppression against female inmates and also contributes to build opportunity and rights to the inmates, allowing them dignity and better life conditions while incarcerated.

**Keywords:** Woman's prison. Paper. Writing inside prison. Life stories.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1-	Relação de exemplares do jornal <i>Só Isso!</i> .....	24
Figura 1 -	Exemplares do jornal <i>Só Isso!</i> .....	28
Quadro 2 -	Relação da periodicidade dos exemplares do jornal <i>Só Isso!</i> .....	29
Figura 2 -	Ilustração extraída do arquivo digital da edição nº 10, set. 2006 .....	32
Figura 3 -	Ilustração extraída do arquivo digital da edição de nº 3 .....	33
Figura 4 -	Foto das internas Cris e Paula obtida da versão digitalizada da edição nº 3, out 2005 .....	34
Quadro 3 -	Crimes cometidos por mulheres condenadas no estado do Rio de Janeiro .....	41
Figura 5 -	Carlinhos de Jesus e Neguinho da Beija Flor no Concurso Garota TB. Fonte: arquivo digital da edição nº 8, jan.2006 .....	46
Figura 6 -	Ilustração extraída do arquivo digital da edição nº 4, dez. 2004 .....	50
Figura 7 -	Foto da interna Nacarid Bello extraída do arquivo digital da edição nº 7, ago. 2005 .....	53
Quadro 4 -	Nível de escolaridade da população carcerária da Talavera Bruce ..	56
Quadro 5 -	Atividades laborativas oferecidas na Penitenciária Talavera Bruce ..	60
Gráfico 1 -	Mulheres responsáveis por domicílios .....	62
Quadro 6 -	Mulheres presas no Rio de Janeiro, com atividades remuneradas, segundo faixas de ganho mensal- 1999/2000 .....	63
Figura 8 -	Foto da —Coluna da Terezall, edição de nº 9, mai2006 .....	72
Quadro 7 -	Levantamento das cartas enviadas à —Coluna da Terezall .....	73
Quadro 8 -	Circulação do <i>Só Isso!</i> em outros estados .....	75
Figura 9 -	Carta do Governo do Estado extraída do arquivo digital da edição nº 9, mai. 2006 .....	79
Figura 10 -	Foto da Agente Peniteciária Bernadete de Fátima extraída do arquivo digital da edição nº 5, mar. 2005 .....	84

Figura 11 - Foto do Coral Evangélico Tribo de Judá extraída do arquivo digital da edição nº 8, jan. 2006 .....	113
Figura 12 - Ilustração de cunho religioso extraída do arquivo digital da edição nº 9, mai. 2006 .....	115
Figura 13 - Ilustração de cunho religioso extraída do arquivo digital da edição nº 8, jan. 2006 .....	116
Figura 14 - Seção —Boca no Trombonell da edição nº 4, dez. 2004 .....	127
Figura 15 - Página do impresso da edição nº 4, dez. 2004 .....	128
Figura 16 - Seção —Boca no Trombonell da edição nº 7, dez. 2005 .....	129
Figura 17- Página do impresso da edição nº 7, dez. 2005 .....	129

## LISTA DE SIGLAS

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
ALERJ	Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
ASSIAPERJ	Associação das Igrejas Evangélicas Atuantes nos Presídios do Estado do Rio de Janeiro
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
MJ	Ministério da Justiça
OEI	Organização dos Estados Iberoamericanos
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PAMA	Programa de Assistência à Mulher Apenada
PAR	Plano de Ações Articuladas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PROPED	Programa de Pós-graduação em Educação
SEAP	Secretaria de Administração Penitenciária
SEEDUC	Secretaria de Estado de Educação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
VEP	Vara de Execuções Penais

## SUMÁRIO

	<b>FOLHEANDO UM IMPRESSO DO CÁRCERE .....</b>	<b>13</b>
<b>1</b>	<b>SÓ ISSO!: UM JORNAL ESCRITO POR PRESAS .....</b>	<b>22</b>
1.1.	<b>A produção de um jornal da prisão .....</b>	<b>23</b>
1.2.	<b>Práticas jornalísticas em presídios .....</b>	<b>36</b>
1.3.	<b>Especificidades do periódico de uma prisão feminina .....</b>	<b>42</b>
<b>2</b>	<b>AS VOZES DE UM IMPRESSO DA PRISÃO .....</b>	<b>48</b>
2.1.	<b>Histórias de vida de apenadas .....</b>	<b>48</b>
2.2.	<b>Perfil socioeconômico e educacional das internas .....</b>	<b>54</b>
2.3.	<b>Escrever para trabalhar, ocupar o tempo e interferir no próprio destino .....</b>	<b>59</b>
<b>3</b>	<b>UM ELO ENTRE PRESÍDIOS .....</b>	<b>69</b>
3.1.	<b>Estratégias de circulação do impresso .....</b>	<b>69</b>
3.2.	<b>Uma ponte com outros sujeitos .....</b>	<b>80</b>
3.3.	<b>Encurtando distâncias e afastando a solidão .....</b>	<b>86</b>
<b>4</b>	<b>LEITORAS E LEITORES DO CÁRCERE .....</b>	<b>93</b>
4.1.	<b>Cartas de leitores, pistas de leituras .....</b>	<b>93</b>
4.2.	<b>Marcas de escolarização na escrita e edição das cartas .....</b>	<b>98</b>
4.2.1	<b><u>Educação em espaços de privação de liberdade</u> .....</b>	<b>101</b>
4.3.	<b>Temas que arrebatam .....</b>	<b>109</b>
4.3.1	<b><u>Práticas religiosas</u> .....</b>	<b>109</b>

4.3.2	<u>Maternidade, família e abandono</u> .....	120
4.3.3.	<u>Luta por melhores condições de vida</u> .....	126
5	<b>A ESCRITA COMO UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA</b> .....	133
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	137

## FOLHEANDO UM IMPRESSO DO CÁRCERE

Vivi as experiências mais duras e cinzentas de minha vida em espaços nos quais o cinza das paredes, do chão, das grades frias e dos olhares tristes e curiosos parecem apagar todas as cores do mundo. Falo da prisão. Lugar que me faz refletir sobre o valor do ser humano, pois ali todas as mazelas do mundo são potencializadas, latentes e gritantes.

Ainda na graduação pude visitar um dos presídios femininos do estado, pois durante o curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tive a oportunidade de ser bolsista de extensão no Projeto *Parceria com o Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Estado do Rio de Janeiro — novos conceitos e práticas*, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Jane Paiva, o que também me possibilitou participar, como bolsista, de um projeto de formação continuada voltado para professores da rede estadual de ensino que atuavam em unidades escolares existentes no sistema penitenciário do Rio de Janeiro.

A passagem por esse projeto, mesmo que breve, despertou em mim grande interesse pela educação no sistema prisional, resultando em um trabalho monográfico<sup>1</sup> que discutiu a educação em prisões e a especificidade da mulher apenada. A pesquisa de campo para o trabalho realizou-se na Penitenciária Talavera Bruce, quando entrevistei duas mulheres, alunas do Colégio Estadual Roberto Burle Marx, localizado na referida penitenciária, a fim de que estas me ajudassem a desvendar parte do universo prisional feminino e os sentidos da educação em suas vidas.

Este foi o meu primeiro trabalho na referida unidade prisional e que me permitiu trabalhar na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), quando integrei a nova equipe que se formava para atuação direta com as escolas estaduais que atendem sujeitos em privação de liberdade, o que implicou acompanhar 13 unidades escolares<sup>2</sup> alocadas no sistema penitenciário que, desde 1967, por meio de um convênio entre a Secretaria de Estado de Educação e a Secretaria de Justiça, oferece educação aos detentos.

---

<sup>1</sup> TAVARES, Daiane de Oliveira. *Mulheres e Cárcere: educação na prisão e a especificidade feminina*. Monografia de conclusão do curso de Pedagogia. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

<sup>2</sup> Nesse período havia 13 escolas estaduais alocadas no sistema penitenciário do Rio de Janeiro, 11 estão situadas em presídios do Complexo de Gericinó, 1 no bairro de Estácio de Sá e outra em São Cristóvão. Atualmente, houve ampliação do número de escolas.

Minha experiência profissional, de agosto de 2007 até os primeiros meses de 2009, se deu no âmbito das práticas pedagógicas que são realizadas nessas escolas. No mês de maio de 2007, as unidades escolares em prisões passaram a estar vinculadas de forma direta ao Gabinete do(a) Secretário(a) de Estado de Educação, por necessitarem de maior acompanhamento administrativo e pedagógico, tendo em vista sua função social e especificidades geradas pela localização no sistema prisional.

Em 12 de junho de 2008, foi criada uma Coordenadoria Especial de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas<sup>3</sup> ligada diretamente à Secretaria de Estado de Educação, para atender escolas em prisões e em instituições em que adolescentes em conflito com a lei cumprem medidas socioeducativas.<sup>4</sup>

Penso ter sido privilegiada em poder realizar um trabalho ímpar na graduação e pelo trabalho desenvolvido na Secretaria de Educação que garantiu meu acesso ao sistema penitenciário e me possibilitou conhecer e trabalhar com as escolas que atendem esses sujeitos, ter acesso aos diversos sujeitos atuantes no sistema, compreender melhor as relações existentes no sistema prisional e, principalmente, ter contato e vivenciar um pouco da realidade dos apenados.

Ao atravessar todo o caminho áspero entre grades, eu encontrava a escola, e busquei contribuir para que as unidades escolares existentes nas prisões do Rio de Janeiro se tornassem espaços educativos de mais qualidade. Não acredito que essas escolas sejam a saída para os apenados e nem que funcionem como garantia de reinserção social. Penso a educação como um direito de todos e como uma possibilidade de reconciliação dos sujeitos privados de liberdade com o ato de aprender, a fim de que possam superar as adversidades intra e extramuros, na esperança de que vislumbrem um caminho mais digno para suas vidas.

Esse grupo é constituído por homens e mulheres que cometeram erros, muitas vezes, por terem tido uma trajetória de vida marcada por acontecimentos inimagináveis, carregados de muita dor e sofrimento e, portanto, vejo-os como alunos e como sujeitos de direitos, privados apenas do seu direito de ir e vir e não dos demais direitos ao qual se faz jus como ser humano.

---

<sup>3</sup> Atualmente essa Coordenadoria passou a se chamar Diretoria Especial de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas.

<sup>4</sup> Essa Coordenadoria possui três divisões, entre elas a Divisão de Ensino, Gestão e Integração, da qual fui nomeada Diretora, deixando o cargo, como já dito, em 2009 após a atuação de um ano e meio.



Com meu ingresso no Proped-UERJ, em março de 2009, comecei a buscar documentos que me possibilitassem compreender os possíveis sentidos das escritas das mulheres presas e nesse trajeto tive acesso ao periódico *Só Isso*. A partir da leitura de alguns de seus exemplares pude logo perceber a riqueza desse impresso e o defini como meu objeto/fonte de pesquisa. Se, ao entrar no presídio, o cinza do espaço me impressionava, mais ainda me impressionou a qualidade do jornal escrito por mulheres presas. Nesse periódico é possível enxergar muito mais do que muros e grades. Percebemos sujeitos, subjetividades, sensibilidades e representações acerca do mundo prisional.

Assim como em outros jornais, por meio do *Só Isso!* “emergem ‘vozes’ que têm dificuldade em se fazerem ouvir noutros espaços sociais, tais como a academia ou o livro impresso” (NÓVOA, 2002, p. 31). Esse jornal demonstra o quanto essas mulheres se recusam a cumprir a invisibilidade imposta àqueles que estão em cumprimento de pena e se mostram, se fazem ouvir, pela palavra, pelo que expressam a partir do impresso.

Trata-se de um jornal produzido nos anos de 2004 a 2008 e por se tratar de uma fonte/objeto de pesquisa contemporâneo, trabalharei com a perspectiva da história do tempo presente como aponta Chaveau e Tétart (1999, p.37):

A epistemologia da história do presente consiste, portanto, em interrogar a história a fim de propor novos dados que aumentarão sua capacidade de explicitação e de sugestão. Pôr em questão a história do presente não é antes de tudo louvar sua capacidade explicativa. Não é defender e ilustrar uma nova maneira de história, é ao contrário observá-la e pô-la em dúvida para melhor conhecer seu funcionamento e assegurar-se de sua validade – de sua capacidade heurística

A história do presente, como vemos, nasceu bem mais de uma impaciência social do que de um imperativo historiográfico e os historiadores do recente, garantidos sobre suas retaguardas sociais, ressaltam que o argumento da ‘falta de recuo’ não se sustenta, pois é o próprio historiador, desempacotando sua caixa de instrumentos e experimentando suas hipóteses de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, o famoso recuo (RIOUX, 1999).

Nesse sentido, é a partir das questões que envolvem o encarceramento feminino, e nas condições históricas pelas quais são percebidas, é que o estudo desse impresso se faz relevante no âmbito da história da educação. Apesar de não ser um jornal voltado para um público escolar, é possível pensá-lo como uma ação educativa, entendendo educação como um processo mais amplo, na medida em que

discute valores, hábitos e comportamentos, reconhecendo a voz de um grupo que possui especificidades em seu modo de vida, e utiliza o recurso da escrita como uma forma de interagir com o cárcere. Diante desse impresso busquei refletir sobre os possíveis sentidos constituídos nas escritas das apenadas, buscando uma melhor compreensão das práticas cotidianas dessas mulheres, principalmente, no que tange a uma realidade tão específica, fazendo emergir o registro de um modo de vida tão particular.

Vale também destacar que no período de agosto à dezembro de 2010 fui contratada pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para prestar consultoria para o Ministério da Educação junto à Coordenação Nacional de Educação em Prisões. Essa experiência me possibilitou acesso à diversos documentos e publicações na área, construir documentos ligados às políticas nacionais de educação de jovens e adultos privados de liberdade e conhecer mais de perto a realidade de outras unidades da federação, trabalhando sempre em parceria com o Ministério da Justiça. Esse trabalho enriqueceu muito a minha pesquisa e me fez reforçar a ideia de que estudos envolvendo as instituições prisionais e os sujeitos nelas enclausurados, exigem atenção simultânea em seus diferentes aspectos e dimensões, sempre articulados uns aos outros, indissociáveis, de modo “que integrem o cotidiano, seu dinamismo e suas especificidades como contribuição a um entendimento ampliado das complexas relações entre permanências e inovações.” (BARBOSA, 2008, p. 139).

Ressalto ainda que chegar a esses impressos não foi fácil, tendo em vista todas as questões de segurança ligadas a uma unidade do sistema penitenciário. O jornal teve restrita circulação (apenas unidades do sistema e instituições ligadas à execução penal tiveram acesso), mas me foi possível por meio da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Estado do Rio de Janeiro (SEAP-RJ), que colocou os exemplares existentes na Penitenciária Talavera Bruce à minha disposição, graças ao trabalho que realizei na Secretaria de Estado de Educação. De um total de 13 impressos, não tive acesso aos números 1, 3, 10 e 11, pois, segundo a direção da penitenciária esses jornais não foram encontrados no acervo da Unidade. No entanto, após muita procura, conheci um dos grandes idealizadores do projeto e este, apesar de não me conceder uma entrevista formal<sup>5</sup>, me

---

<sup>5</sup> Não tive autorização para divulgar o seu nome.

disponibilizou todos os arquivos digitalizados do impresso e me deu informações importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Em minha imersão pelas edições, dúvidas foram surgindo, principalmente no que diz respeito ao patrocínio do projeto e aos motivos que levaram ao fim do jornal. Diante dessas indagações encontrei algumas respostas com o referido informante, que detalhou um pouco mais acerca das empresas da sociedade livre que patrocinavam o impresso e os supostos motivos que levaram à extinção do projeto. Um outro dilema com o qual me defrontei ao folhear as páginas do jornal foi de natureza ética: deveria trazer os nomes de escritoras e escritores? Deveria preservar suas identidades? Em meio a essas e outras questões, optei por trazer os nomes como constam no jornal sem a preocupação de comprovar se são nomes verdadeiros, pseudônimos ou apelidos<sup>6</sup>. Com relação às fotografias extraídas do impresso, no entanto, julguei prudente utilizar recursos que dificultassem a identificação das apenas aquelas que se deixaram surpreender pelas lentes das fotografias do *Só Isso!*<sup>7</sup>. Vale ainda ressaltar, que trago os textos extraídos do periódico como se encontram no impresso, sem qualquer modificação.

O *Só Isso!* surgiu a partir da iniciativa de quatro mulheres: Lotta Hagstrom uma finlandesa, a alemã Sabrina Hagel, a boliviana Lila Mirtha e a brasileira Marileine. Na formação inicial da equipe, Sabrina era a editora do impresso, Lila e Marileine atuavam na redação do jornal e Lotta elaborava suas ilustrações. Segundo relatos encontrados nas páginas do impresso, estabelecer, a partir do *Só Isso!*, uma forma de comunicação entre os sujeitos privados de liberdade e uma maneira de oferecer trabalho às internas, foram as maiores motivações para a sua criação.

Diante do exposto, a relevância da temática em questão justifica-se por possibilitar a produção de uma memória histórica desses sujeitos por meio de suas escritas, que podem muito contribuir para a reflexão a respeito das vicissitudes do encarceramento feminino. Trata-se de perceber a escrita como uma prática cultural, uma forma de veicular ideias, um suporte para a memória e um sistema de representações de ideias que possuem especificidades e podem nos revelar nuances da vida em espaços de privação de liberdade. O trabalho de pesquisa a partir do *Só Isso!* é uma possibilidade de compreender um pouco mais sobre a realidade das mulheres privadas de liberdade, valorizando a escrita oriunda de um

---

<sup>6</sup> Pseudônimo: nome suposto ou falso; apelido: designação especial de alguém.

<sup>7</sup> Os nomes e rostos das editoras foram divulgados na grande imprensa e, por isto, não se justificava preservar a identidade das mesmas.

contexto em que os rigorosos meios de controle utilizados pela instituição penitenciária acabam por desumanizar os sujeitos apenados.

Entendo que o jornal *Só Isso!* revela em muito o cotidiano de um presídio feminino, as dificuldades materiais, psicológicas e emocionais por que passam esses sujeitos, discussões sobre o encarceramento, reivindicações e o sonho de algumas dessas mulheres de construírem melhores condições de vida dentro e além das grades da prisão.

Apesar de não ser um jornal voltado para um público escolar, é possível pensá-lo como uma ação educativa, entendendo educação como um processo mais amplo, na medida em que discute valores, hábitos e comportamentos, reconhecendo a voz de um grupo que possui especificidades em seu modo de vida, e utiliza o recurso da escrita como uma forma de interagir com o mundo.

Segundo Magaldi e Xavier (2008), a utilização de impressos nas investigações acadêmicas desenvolvidas no campo da educação ganha relevo, entre outras razões, pela ampla variedade de publicações que revelam um universo social multifacetado, pela potencialidade de captação dos debates e ações no campo educacional no momento, mesmo, em que se processavam e pela possibilidade de promover o acesso do pesquisador a diferentes vozes e diferentes diagnósticos acerca das questões educacionais.

Diante dessa perspectiva, busquei compreender o impresso pesquisado em seus destinos e representações, mergulhando em nuances e particularidades que o tema comporta, buscando o universo de significados, isto é, a possibilidade de entendimento acerca das relações estabelecidas por esses sujeitos privados de liberdade com a escrita na prisão a partir do *Só Isso!*. Nesse sentido, procuro interpretar esse jornal a fim de perceber quem são as privadas de liberdade, como expressam suas sensibilidades e subjetividades, como vivem, por que escrevem e quais as dificuldades que enfrentam.

Para tanto, a metodologia utilizada teve como proposta pensar na produção, circulação e recepção do impresso por acreditar que estes aspectos possibilitam uma visão mais ampla do jornal, suscitando questões relevantes voltadas para a forma como as mulheres da Penitenciária se organizaram para elaborar o jornal, as práticas que permitiram a existência desse impresso, quem são seus escritores, a materialidade e o conteúdo do periódico, os espaços por onde circulou, além de pensar na recepção do jornal para analisar quem são seus leitores.

Segundo Nóvoa (2002), a análise de impressos é relevante na medida em que possibilita apreender práticas que se situam no nível macro do sistema, assim como no plano micro da experiência concreta, quando percebemos desejos de futuro e situações do presente. Diante dessa perspectiva, este estudo pretende ampliar a compreensão de discursos e práticas de privados de liberdade, dando visibilidade às suas vozes e às suas tentativas de constituição de um elo com um mundo entre grades, para além dos muros da prisão.

A interpretação desenvolvida está alicerçada em Roger Chartier que aponta e problematiza a importância de compreender a escrita e o seu suporte e, neste sentido, para pensar os sentidos dessa escrita na prisão, será preciso compreender o veículo utilizado, que nesse caso é um jornal. Diante dessa reflexão me pautei em alguns estudos que insistem na “necessidade de se articular os textos com os contextos de produção e recepção, através de práticas que permanecem históricas, ou seja, baseadas na (re)produção de sentido através de diferentes espaços-tempos” (BASTOS, CUNHA, MIGNOT, 2000, p. 21).

Outros estudiosos também contribuem para essa reflexão: Verônica Sierra Blas, Diego Navarro e Ana Chrystina Venancio Mignot, que discutem as escritas em espaços de confinamento que, via de regra, procuram ocupar o tempo, experimentar a liberdade ou burlar a solidão. Ângela de Castro Gomes, Leonor Arfuch e Philippe Artières também ajudam a compreender a escrita de si e suas representações, bem como pesquisadores voltados para a história da educação<sup>8</sup> que pensam e discutem a importância do impresso enquanto fonte de pesquisa.

Tendo em vista o fato desse tema ter fronteira tênue entre os campos de pesquisa, dialogo não somente com os autores da cultura escrita, mas também com antropólogos e sociólogos que trazem dados sistematizados sobre o universo prisional e auxiliam na sua compreensão. Dentre estes destaco Bárbara Soares, Lara Ilgenfritz e Julita Lemgruber.

Este trabalho se desenvolve em quatro capítulos: no primeiro busco apresentar o impresso, a fim de compreender questões voltadas para a produção e materialidade desse jornal. Neste sentido algumas questões são suscitadas, tais como: como e onde o jornal foi produzido? Como e por quem foi financiado? Como se deu a repercussão interna e externa do periódico? Quais são suas especificidades em relação aos outros jornais produzidos em presídios masculinos?

---

<sup>8</sup> Ana Maria Magaldi, Antônio Nóvoa, Libânea Xavier, Marta Carvalho, entre outros.

Neste capítulo é possível melhor compreender as práticas jornalísticas em presídios e a instituição prisional onde o jornal *Só Isso!* foi produzido

Para pensar nas vozes que se fazem presentes nas páginas do periódico, trago, no segundo capítulo, as histórias de vida e o perfil das escritoras do jornal e as motivações que levaram à criação do impresso. Para tanto, busco responder as seguintes questões: quem são as escritoras do jornal? Qual o perfil socioeconômico e educacional desses sujeitos? O que impulsionou esses sujeitos a criarem o *Só Isso!*?

No terceiro capítulo me volto para entender como o jornal se tornou um elo entre os presídios, buscando responder as seguintes perguntas: quais os presídios por onde circulou? Em que outras instituições e órgãos públicos o *Só Isso!* marcou presença? O jornal circulava entre agentes penitenciários e outros funcionários ligados à administração das unidades penais? Percebendo os espaços por onde o *Só Isso!* esteve presente, vislumbramos o quanto se caracterizou como ponte entre os presídios e uma forma de trazer à tona os problemas e dificuldades das diversas unidades prisionais do Rio de Janeiro, além de unidades de outros estados da federação.

No último capítulo, pretendo privilegiar o ponto de vista das leitoras e leitores a partir da seção “Carta de Leitores”, a fim de compreender como estes sujeitos percebem o jornal e como expressam o mundo vivido no cárcere por meio dessas narrativas epistolares. Vale destacar que o objetivo inicial desse capítulo era, além de trabalhar com a referida seção, entrevistar algumas internas que foram leitoras enquanto o jornal circulou na Penitenciária. No entanto, a Secretaria de Administração Penitenciária do Estado do Rio de Janeiro (SEAP) não autorizou a minha pesquisa na unidade, alegando que o jornal não existe mais e que as mulheres que fizeram parte de sua redação já estão em liberdade.

Tal fato não comprometeu a discussão e pude perceber, a partir dessas cartas, as marcas de escolarização de quem as escreve, assim como o papel da edição na publicação desses textos. Pensar na escolarização desses sujeitos e na educação em espaços de privação de liberdade é também um dos focos desse capítulo. Para concluir, trago temas de grande presença no jornal que dizem respeito à maternidade na prisão, às práticas religiosas, e à luta desses sujeitos por melhores condições de vida.

Trata-se pois, de tentar, a partir das representações do universo prisional feminino que emergem nas páginas do jornal, contribuir para a melhoria de vida das mulheres apenadas. Sendo assim, este estudo tem um horizonte indisfarçável de intervenção em prol da garantia de direitos dos sujeitos privados de liberdade.

## 1 *SÓ ISSO!:* UM JORNAL ESCRITO POR PRESAS



Equipe do *Só Isso!*.

Fonte: Arquivo digitalizado da edição de nº 2, ago.2004, p.1



## 1.1 A produção de um jornal da prisão

A possibilidade de organização das mulheres presas em prol da produção de um jornal reveste-se de grande relevância no sentido de criar um espaço de comunicação e trabalho, pois como aponta Antonio Nóvoa (*apud* CATANI, BASTOS, 2002), a imprensa periódica é lugar de permanente regulação coletiva: a elaboração de um jornal traz sempre debates e discussões, polêmicas e conflitos; mesmo quando é fruto de uma vontade individual, a controvérsia não deixa de estar presente, no diálogo com os leitores, nas reivindicações junto aos poderes públicos ou nos editoriais de abertura.

Para as internas da Penitenciária Talavera Bruce, o *Só Isso!* “representa um grande acontecimento e um veículo importante de informação e, a partir dele, a sociedade poderá saber e lembrar que, ao serem presas, elas não deixam de ser seres humanos com sentimentos, esperanças e valores” (n. 2, ago. 2004, p. 3), como se lê no editorial da segunda edição do jornal.

Para a melhor compreensão acerca desse impresso de grande relevância na vida das internas e de sua produção, algumas inquietações surgem e se traduzem nas seguintes questões: como esse impresso foi produzido? Como era a organização de sua equipe? Como pensar esse suporte em sua materialidade? Quem financiou o projeto? Como foi a sua repercussão interna e externa? Como pensar nas práticas jornalísticas em presídios? Que instituição prisional é esta? Quais as especificidades desse impresso? São estas perguntas as quais tentarei responder nesse primeiro capítulo.

Para responder as questões propostas, utilizarei suas 13 edições, conforme o quadro, a seguir:

Quadro nº 1: relação de exemplares do Jornal *Só Isso!*

ANO E NÚMERO	DATA	NÚMERO DE PÁGINAS
1/1	Maio de 2004	08
1/2	Agosto de 2004	08
1/3	Outubro de 2004	08
1/4	Dezembro de 2004	08
2/5	Março de 2005	08
2/6	Maio de 2005	08
2/7	Agosto de 2005	08
3/8	Janeiro de 2006	12
3/9	Maio de 2006	12
3/10	Setembro de 2006	12
3/11	Dezembro de 2006	12
4/12	Agosto de 2007	12
5/13	Agosto de 2008	12

Fonte: Edições do *Só Isso!*

Em seu segundo exemplar, o jornal traz o que representou a sua criação e a grande festa de lançamento, que contou com a cobertura jornalística do jornal *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *TV Bandeirantes*, *Rádio CBN*, *Rádio Tupi*, *Canal 21* e *Revista Época*. Em matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo*, em 29 de abril de 2004, e intitulada “*Jornal de detentas será lançado no Rio*” encontramos informações sobre o *Só Isso!* e, entre elas, o fato do então Diretor da Penitenciária Talavera Bruce ter oferecido uma sala para a produção do jornal, e que as internas contavam com um computador e uma máquina fotográfica.

O *Só Isso!* teve grande repercussão na mídia, pois contou com patrocinadores da sociedade livre e, inclusive, segundo matéria<sup>9</sup> de um jornalista do *Boletim ABI*<sup>10</sup>, um dos patrocinadores do impresso é jornalista e treinava as internas em texto, reportagem, edição e diagramação. Na internet é possível encontrar diversas matérias sobre o periódico veiculadas por grandes jornais e revistas como a *Folha de São Paulo* e *Revista Época*<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Disponível em [www.jornaldamidia.com.br](http://www.jornaldamidia.com.br) e acessada em 17 de maio de 2010.

<sup>10</sup> Associação Brasileira de Imprensa- ABI

<sup>11</sup> No decorrer desse capítulo serão destacadas outras matérias, o que possibilita verificar a dimensão da repercussão externa desse impresso.

Esse impresso foi criado na gestão do Diretor Marcos Pinheiro que, à frente da Penitenciária Talavera Bruce, possibilitou a organização das internas para a elaboração do jornal. Segundo ele, “foram meses de preparação, de espera, de aperfeiçoamento em busca da concordância entre os ideais das fundadoras e a necessidade de comunicação” (n. 8, jan. 2006, p. 1). No primeiro exemplar Marcos Pinheiro expressa o que pensa acerca do papel de uma iniciativa como esta em um presídio feminino:

A idéia de se criar um jornal dentro de uma unidade foi imediatamente aceita e apoiada. Todos sabem que a informação utilizada de forma positiva é fundamental para o crescimento pessoal e primordial para o sucesso de vários segmentos empresariais. Estimular a pesquisa, a integração entre as leitoras das diversas nacionalidades, a troca de experiências, o combate ao ócio, possibilitar o acesso ao humor e à poesia, além da divulgação dos eventos realizados, demonstram a importância do lançamento do jornal *Só Isso!* (n.1, mai. 2004, p. 1).

No que diz respeito à composição da equipe do *Só Isso!*, como consta em todas as suas edições, a redação do impresso conta com uma editora, uma redatora, uma ilustradora, uma digitadora e, ainda, as monitoras responsáveis pela sua expedição, distribuição interna e para outras unidades prisionais.

É possível perceber ainda que esta equipe passa por mudanças no decorrer do tempo: algumas mulheres a deixam, outras passam a constituí-la, o que pode ser ocasionado por vários motivos, dentre os quais o fato de algumas terem ganhado a liberdade, outras por não terem se adaptado ao trabalho, entre outros. Vale ressaltar que Lila Mirtha e Sabrina Hagel são as mulheres que estiveram à frente da edição, primeiro Sabrina e depois Lila, assumindo a função já no segundo ano do jornal, a partir do exemplar de n. 6 e quando Sabrina passa a não compor a equipe.

Segundo informações da *Folha de São Paulo*<sup>12</sup> Lila Mirtha é dentista e foi presa em 1999, em seu apartamento em Botafogo, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Ela era a responsável pelos textos. Divorciada, tinha dois filhos. Lotta Hagstrom é artista plástica e foi presa em 2002 no aeroporto internacional do Rio de Janeiro quando levava cocaína para o seu país. Marileine é professora, também condenada por tráfico e cuidava da publicidade. Em outubro de 2002, Sabrina Hagel foi presa quando tentou levar do Brasil para Alemanha 10 kilos de cocaína. Também casada e com dois filhos. No *Só Isso!*, Sabrina conta um pouco mais de sua história:

---

<sup>12</sup> Disponível em [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br). Copyright Folha de São Paulo de 29 de junho de 2004. Acessado em 17 de maio de 2010.

Quando eu escolhi o dinheiro não pensei nas conseqüências. Tenho 25 anos, fui presa junto com minha mãe por tráfico internacional de entorpecentes. Infelizmente pegamos uma pena de quatro anos, que é a sentença mínima, mas para nós é mínima (n. 6, mai. 2005, p. 6).

O fato de se sentirem abandonadas, solitárias, devido à distância de seu país de origem, além da dificuldade de conseguir trabalho durante o cumprimento da pena por conta de sua nacionalidade, podem ter sido os motivos que levaram estas mulheres a idealizar e concretizar esse projeto:

O jornal *Só Isso!* será um veículo para a criação de trabalho dentro do Sistema. Muitos verão que nós, internas, necessitamos de trabalho para ocupar o nosso tempo, adquirir conhecimento e aprender uma profissão. O trabalho prisional é fundamental para a recuperação e ressocialização do ex- presidiário na sociedade. Todas nós, internas, não só do Talavera Bruce, mas também de outras unidades prisionais, contamos com a concretização de nossos projetos e idéias, e o principal é o trabalho dentro dos presídios! (Editorial, n. 2, ago. 2004, p. 1).

Para que o interlocutor do *Só Isso!* compreenda a importância e as motivações que levaram à criação do jornal as internas destacam, em matéria sobre o seu lançamento, que:

Um jornal feito de presa para presa, em oito páginas que informam sobre eventos na Unidade, esportes, horóscopo, poesias, história das internas, saúde e jurídica, classificados e correio sentimental. Presos de outras unidades terão agora uma forma de se comunicar mandando mensagens de amizade e até mesmo de amor (n. 2, ago. 2004, p. 1).

O relato encontrado na pesquisa coordenada por Bárbara Soares ajuda a pensar na realidade das mulheres estrangeiras aprisionadas em nosso país:

M. tem 26 anos, é estrangeira e queria conhecer o Brasil, além de ganhar dinheiro. Foi presa com o marido, que acabou sendo morto pela polícia, quando viajavam com passaporte falso. Sente-se duplamente desrespeitada em seus direitos: 'Não recebemos nenhuma visita [...]. Trabalhar é muito difícil pois não chamam as estrangeiras.' (SOARES, 2002, p. 96)

No que tange ao patrocínio do impresso, verificamos empresas que se responsabilizam pela produção editorial, impressão e acabamento. Em todas as edições constam os nomes dessas empresas que são: In-Fólio – Produção Editorial, Gráfica e Programação, Shape Editoração Eletrônica e Grafitto Gráfica e Editora. Em edição de aniversário de um ano do *Só Isso!*, as internas falam da importância dos patrocinadores:

O aparecimento de nossos patrocinadores, que Deus colocou no nosso caminho para nos ajudar, tornou realidade este maravilhoso sonho. Deus abriu esta porta para que nosso grito pudesse ser ouvido além dos muros, para que pudéssemos ter uma segunda chance. Se erramos queremos reparar esse dano (n. 8, jan. 2006, p. 1).

Na referida edição de comemoração de um ano do jornal, as internas fazem um balanço das publicações, espaços por onde o jornal circulou<sup>13</sup> e destacam sujeitos que foram importantes nesse processo. Foram publicadas, em um ano de existência do *Só Isso!*, 118 Cartas dos Leitores, 124 Cartas na seção “Correio Sentimental”, 148 “Recados de Amor”, 87 poemas, 23 entrevistas, 123 anúncios, 124 ilustrações, 91 fotografias, além de matérias noticiosas.

Quanto aos agradecimentos, destaca-se um, dirigido ao então presidente da Fundação Santa Cabrini, responsável pelas atividades laborativas nas prisões do estado Rio de Janeiro, por ter remunerado as internas da redação do *Só Isso!* durante o primeiro ano do jornal, além do Diretor da Unidade e todas as leitoras, leitores, escritoras e escritores do jornal.

Com a grande repercussão do *Só Isso!*, a cada edição sua tiragem foi aumentando e sua circulação ampliada. A primeira tiragem foi de 500 exemplares, com 8 páginas, distribuídos em órgãos como a Defensoria Pública, Vara de Execuções Penais, Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, Ordem dos Advogados, Secretaria de Administração Penitenciário do RJ, Organizações Não Governamentais, e igrejas. Já na segunda edição, o *Só Isso!* foi distribuído para todos os estabelecimentos penais do Complexo de Gericinó e Presídio Frei Caneca e a tiragem aumentou para 800 exemplares. Com a terceira edição a quantidade de exemplares quase dobrou, com a tiragem de 1.500 jornais e, “ficou claro que o *Só Isso!* não era somente do Talavera Bruce, mas de todo o Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro” (n. 8, jan. 2006, p. 1).

A partir da quarta edição a tiragem passou a ser de 3000 exemplares e cada unidade prisional e as instituições já mencionadas recebiam uma média de 50 exemplares cada uma. Vale destacar que o *Só Isso!* foi registrado na Biblioteca Nacional.

Trata-se de um jornal colorido, com fotos, ilustrado, características estas que demandam recursos financeiros e, segundo a equipe do *Só Isso!*, a qualidade gráfica do impresso é um meio de chamar atenção de empresários.

---

<sup>13</sup> Os locais por onde o jornal circulou serão melhor detalhados no terceiro capítulo por este tratar da circulação do impresso.



Figura 1. Exemplos do jornal *Só Isso!*

No jornal de n. 12 há uma alteração nas empresas que patrocinam o impresso, pois apenas a In-Fólio permanece apoiando, e surge a empresa SERMOGRAF que atua na impressão e acabamento do jornal. Como dito acima, trata-se de um jornal de boa qualidade gráfica, característica esta que demanda recursos financeiros, e a diminuição de empresas no patrocínio foi o motivo para a grande mudança que podemos perceber, já que no início havia um maior número de edições por ano. Daí encontramos a explicação para a diferença de intervalos entre as publicações nos anos de 2006, 2007 e 2008, o que altera sua periodicidade, como consta no quadro:

**Quadro nº 2: relação da periodicidade dos exemplares do Jornal *Só Isso!***

<b>ANO</b>	<b>PERIÓDICOS PUBLICADOS</b>	<b>Nº DE PUBLICAÇÕES ANUAIS</b>
2004	Ano 1, nº 1, maio Ano 1, nº 2, agosto Ano 1, nº 3, outubro Ano 1, nº 4, dezembro	04
2005	Ano 2, nº 5, março Ano 2, nº 6, maio Ano 2, nº 7, agosto	03
2006	Ano 3, nº 8, janeiro Ano 3, nº 9, maio Ano 3, nº 10, setembro Ano 3, nº 11, dezembro	04
2007	Ano 4, nº 12, agosto	01
2008	Ano 5, nº 13, agosto	01

Fonte: Edições do *Só Isso!*

Trazer a materialidade e temas destacados no *Só Isso!* propicia pensar os sentidos dessa escrita na prisão, permitindo também compreender o veículo utilizado, seu suporte, que nesse caso é um jornal, pois “não existe texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 2002, p. 127). Além disso, é preciso “compreender as séries de discursos na sua descontinuidade, desmontar os princípios de sua regularidade, identificar as suas racionalidades particulares [...]” (CHARTIER, 2002, p. 133).

Diante dessa perspectiva, vale destacar que para dar conta de diversos assuntos, o jornal possui seções fixas<sup>14</sup> em suas edições, que são: “Aconteceu, virou só isso!”, “Recados de Amor”, “Uma de Nós”, “Compra, venda e serviços”, “Pingue e Pongue”, “História de vida”, “Religião, Espiritualidade e Fé”, “O que precisamos saber: Assistência Jurídica e Saúde”, “Correio Sentimental”, “Boca no Trombone”, “Carta de Leitores” e “Coluna da Tereza”.

A compreensão acerca da diversidade de seções e temáticas do jornal, segundo Magaldi e Xavier (2008), oferece ao pesquisador a investigação de um universo amplo e abrangente, em que é possível perceber práticas diversas, assim como ideias produzidas e disseminadas por múltiplos agentes. Nesse sentido, a

<sup>14</sup> Nem todas as seções do *Só Isso!* serão abordadas nesse trabalho tendo em vista a impossibilidade de abarcar tantas temáticas em uma pesquisa de mestrado.

seção “Aconteceu, virou Só Isso!” traz as principais notícias e fatos importantes que ocorreram na Penitenciária. Já na “Recados de Amor”, como o título sugere, verificamos o envio de mensagens para internas do Talavera e internos de outros presídios. A “Carta dos leitores” conta com a opinião dos internos, que na maioria dos casos escreve para parabenizar as matérias e o trabalho da equipe do jornal, sendo a interpretação desses textos uma possibilidade de refletir a respeito das especificidades da vida no cárcere.

Com o objetivo de divulgar serviços e produtos elaborados pelas próprias internas, a seção de “Compra, venda e serviços” traz anúncios, uma espécie de classificados. Já a seção “Pingue e Pongue”, traz entrevistas com funcionários do Sistema Penitenciário ou com internas que tenham se destacado em alguma atividade. Em “História de Vida” encontramos relatos sobre a vida dessas mulheres. “Religião, Espiritualidade e Fé” conta com mensagens, orações, entre outros, que abordam as diversas religiões.

Diante de todas essas seções<sup>15</sup>, é possível perceber que o jornal traz muitas “informações próximas do fato ou acontecimento recente, ou seja, os escritos jornalísticos têm um caráter mais imediato, inscrevendo-se numa lógica de reação a acontecimentos ou ideias, normas legais, situações políticas e outras circunstâncias” (FERNANDES, 2008, p.19).

Nesse sentido, outros espaços significativos dizem respeito à seção “O que precisamos saber: Assistência Jurídica e Saúde” que destaca informações sobre direitos humanos e legislação e questões ligadas à prevenção e tratamento de doenças. A maior seção do jornal é a “Correio Sentimental” que se constitui como um espaço de envio de correspondências entre as mulheres aprisionadas na Penitenciária Talavare Bruce e internos de outras instituições prisionais, vislumbrando novas amizades ou até mesmo um novo amor. A “Boca no Trombone” se configura como o lugar onde encontramos apelos por melhores condições de vida na prisão e ocupa um pequeno espaço no impresso. Já a “Coluna da Tereza” traz notícias de outros presídios, sendo uma ponte entre o Talavare Bruce e os demais estabelecimentos penais do estado.

Diante da diversidade de assuntos e questões abordadas no *Só Isso!* este impresso se configura em meio extremamente útil para interpretar as relações entre os projetos e as realidades, entre a tradição e a inovação,

---

<sup>15</sup> Esse trabalho não discute todas as seções do impresso, tendo em vista a diversidade de temas.



características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível” [...] (NÓVOA *apud* DIAS, 2002, p. 113).

A fim de compreender a materialidade do periódico vale destacar as ilustrações trazidas no *Só isso!*, tendo em vista que “a imagem no frontespício ou na página do título, na orla do texto na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, índice identificador” (CHARTIER, 2002, p.133). Outra questão relevante é atentar para o que sugere Sierra Blas (2003, p.83) ao destacar que “la imagen, siempre que sea bien elegida, tiene el poder de mostrar lo que la palabra no puede enunciar”.

Nesse sentido, os desenhos contidos no jornal são uma importante fonte de análise, principalmente por terem sido, segundo meu informante, um dos motivos que geraram tensões entre a equipe do jornal e a Direção da Unidade, após a saída do Diretor que incentivou a criação do jornal. Tal fato leva à reflexão do que aponta Chartier (2002, p.137) quando afirma que “não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou gestos”. Segundo o referido informante, a conotação sexual e homossexual de algumas ilustrações e textos do impresso geraram, entre outras questões que discutirei mais a frente, problemas que contribuíram para o fim do *Só isso!*, em 2008.

Figura 2. Fonte: arquivo digital da edição de n. 10, set. 2006, p. 1.



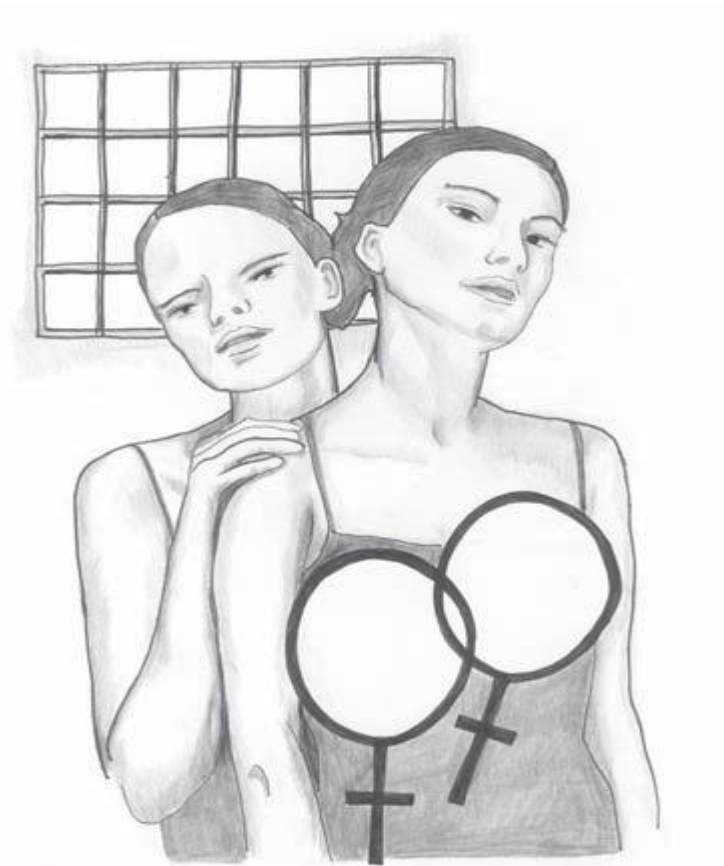
Tal fato nos leva a refletir sobre o que nos aponta Bárbara Soares e Iara Ilgenfritz (2002, p.43), acerca das questões referentes à sexualidade em um presídio feminino:

Com relação à manifestação sexual - uma necessidade primária do ser humano -, a lei é omissa. De modo geral, a questão da sexualidade nos presídios é tratada com muita hipocrisia: a liberdade sexual do mundo de hoje se contrapõe frontalmente aos preconceitos, tabus e julgamentos morais que regem a sexualidade dentro da prisão.

A vida no cárcere faz com que essas mulheres expressem a sua sexualidade das maneiras mais contraditórias e criativas, apesar de todo cunho moralizante e preconceituoso que reveste uma instituição penal feminina. A sexualidade e a homossexualidade ainda são vistas com muito preconceito pelos responsáveis por

um presídio para mulheres e, prova disso, foi a censura em relação às ilustrações contidas no *Só Isso!*, que expressavam essa questão. “A partir do momento em que a interna é definida como homossexual pela administração e pelo corpo de guardas, ela estará sujeita à observação constante [...]” (LEMGRUBER, 1999, p. 119).

**Figura 3. Fonte: arquivo digital da edição de n. 3, out. 2004, p. 1,**



No entanto o *Só Isso!* abriu espaço para que casais homossexuais contassem suas histórias e enviassem recados apaixonados. A figura acima está na capa da edição de número 3 para destacar a entrevista entre Cris e Paula que formam um casal homossexual e que se conheceram antes mesmo de serem presas.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> No jornal, consta a informação de que Cris e Paula cumprem pena juntas na Talavera Bruce.



**Figura 4. Fonte: foto de Cris e Paula retirada do arquivo digital da edição de n. 3, out. 2005, p. 5**

Trocas de textos amorosos entre mulheres fazem parte da seção “Recados de Amor”, como nos mostra um trecho de Biscuti para Érica, ambas internas da Talavera Bruce:

Que há então de mais na decisão que tomei? Descobri que eu pensava erradamente acerca de declarar meu amor por ti. Pensava eu que se repetisse muitas vezes que “te amo” as palavras começariam a soar repetitivas, vazias, desprovidas de verdade e de emoção (n. 9, mai. 2006, p. 9).

Um recado de Cris para Paula demonstra, por sua vez, explicitamente a relação homossexual das duas apenas e inclusive a remetente se expressa como se fosse do sexo masculino:

Minha galega, fico feliz por nós. Pois dia 18 de dezembro comemoraremos seis anos de casamento. Espero que o que sentimos um pelo outro se renove a cada ano. Sei que não mereço tanto amor, e ter uma pessoa tão maravilhosa assim do meu lado me enche de orgulho e satisfação. Deixo aqui um pequeno recado, por esta data muito especial! Do seu negão que muito te ama (n. 2, dez. 2004, p. 7).

Para compreender melhor a relação sexual entre mulheres privadas de liberdade, vale destacar:

[...] a característica afetiva do feminino conduz muitas encarceradas, na ausência ou carência de relações heterossexuais sólidas, à homossexualidade como uma estratégia de adaptação e resistência às privações carcerárias; esta, não obstante em muitos casos, desencadeada por motivações distintas da orientação sexual já anteriormente existente, ou dos critérios típicos da homossexualidade nas prisões masculinas, reforça os estereótipos de inadaptabilidade aos padrões de 'normalidade' (CHIES, BARROS, LOPES, COLARES, OLIVEIRA, 2009, p. 274).

A homossexualidade nos presídios femininos tem como um dos seus motivos o abandono e a solidão presentes na vida dessas mulheres. A solidão, questão que abordarei mais a seguir com maior profundidade, é uma grande sobrecarga na vida desses sujeitos. Em pesquisa realizada por Lemgruber (1999, p.117) na Penitenciária Talavera Bruce, esta verificou que “levando-se em conta depoimento de internas, guardas e pessoal da administração, grande número de presas envolve-se na prática homossexual – algumas esporadicamente, outras com maior frequência e constância”.

Diante das questões aqui levantadas, o jornal *Só Isso!* revela muito o cotidiano de um presídio feminino, as dificuldades materiais, psicológicas e sentimentais por que passam esses sujeitos, discussões sobre o encarceramento, reivindicações e o sonho de algumas dessas mulheres de construírem melhores condições de vida dentro e além das grades da prisão. O trecho abaixo, intitulado *Desabafo* expressa um pouco da angústia dessas apenadas:

Oii! Quem somos nós? Somos pessoas privadas de nossa liberdade e com a mente a ponto de estourar. Com os nervos à flor da pele, somos mulheres que mais temos saudades de nossos filhos e familiares. Os dias são perturbadores e as noites agonizantes. Nada somos, e pouco temos, mas com muita garra e fé lutamos contra o tempo (n. 4, dez. 2004, p. 4).

Percebemos, assim, que as principais motivações que levaram à criação do jornal estão voltadas para a necessidade de trabalho na prisão, à importância de ocupar o tempo e uma maneira de superar a solidão por meio da comunicação com o mundo intra e extramuros. Além desses pontos, trazidos com maior destaque no impresso, vale assinalar que, ao se expressarem por meio do *Só Isso!*, essas mulheres sentem-se valorizadas, como se pode ver em outro texto, quando comentam o jornal:

Esperamos esse grande acontecimento com muita perseverança, esforço, sacrifício, e finalmente, graças a Deus, pudemos realizar nosso sonho, de ter este veículo de informação do que acontece dentro do cárcere. Assim a sociedade poderá saber e lembrar que, ao sermos presas, nós não deixamos de ser seres humanos com sentimentos, esperanças e valores, que não estão presos. Por isso, agora temos

esta oportunidade, poderemos exercer esses valores e levantar nossa auto-estima (n. 2, ago. 2004, p. 3).

Diante de tal relato é possível pensar que o *Só Isso!* se apresenta como um instrumento de grande importância para esses sujeitos, pois contempla todas as encarceradas de alguma forma, seja pertencendo à equipe e com isso conquistando um espaço de trabalho, seja como escritora e ou leitora, o que possibilita expressar sentimentos e diminuir as mazelas geradas pelo encarceramento.

Dando continuidade a essa reflexão, trarei uma interpretação do que representa a prática jornalística produzida no cárcere e, aliada a essa análise, trago um pouco da história da instituição que abriga essas mulheres, a fim de melhor conhecer o lugar de produção do *Só Isso!*.

## 1.2 Práticas jornalísticas em presídios

Ao refletir acerca das tramas e complexidades que envolvem as práticas que se estabelecem no sistema prisional algumas questões surgem ao pensar na produção de um impresso elaborado por privadas de liberdade: há uma tipificação do jornalismo praticado em unidades prisionais? Como as editoras do *Só Isso!* buscam gerar uma identificação com as outras internas e internos? Quais são os interesses dessas produções?

Para tentar responder essas perguntas é preciso pensar na seguinte proposição:

[...] a cadeia não é uma miniatura da sociedade livre, mas um sistema peculiar, cuja característica principal, o poder, autoriza qualificá-lo como sistema de poder. Por outro lado, suas hierarquias formais, se bem que devam ser levadas em conta, não podem ser tidas como as únicas ou mais relevantes, pois os aspectos informais das organizações comunitárias são de importância fundamental, se se deseja captá-las no modo concreto de operação. Uma sociedade interna, não prevista e não estipulada, com fins próprios e cultura particular, emerge pelos interstícios da ordem oficial. A interação desses dois modos de vida, o oficial e o interno-informal, rende ensejo, naturalmente, ao surgimento de conflitos, os quais terão de ser solucionados por meio de processos de acomodação (THOMPSON *apud* CHIEZ, BARROS, LOPES, OLIVEIRA, 2001, p.3)

Diante do exposto, é importante pensar em como um jornal produzido em espaço de privação de liberdade se configura como uma organização comunitária

dentro da prisão e, se as tramas e dinâmicas para além da ordem oficial estão presentes nas páginas do impresso.

Para auxiliar na compreensão dessas questões vale ressaltar a importância do estudo de Flora Daemon<sup>17</sup> acerca da imprensa carcerária e o fazer jornalístico na prisão a partir da experiência desenvolvida por internos do presídio Evaristo de Moraes na produção do impresso *Em Prol da Liberdade*. Segundo a pesquisadora, os jornalistas aprisionados travam “um embate discursivo com o fazer jornalístico hegemonicamente autorizado sobre o direito de representar um certo perfil humano” (DAEMON, 2009, p. 88), o perfil dos apenados. Aliás, um texto da redação do jornal intitulado “A imprensa no cárcere” é muito significativo no sentido de revelar o que a própria equipe do *Só Isso!* entende acerca da prática jornalística realizada nos espaços de privação de liberdade:

Não somos jornalistas, somos apenas contadoras de histórias. Histórias reais baseadas nos exemplos vivos que somos. Os assuntos são tratados da maneira mais realista possível por meio de exemplos e ilustrações. A preocupação dos textos constitui uma tarefa agradável graças à constante cooperação dos colegas de cárcere e ao atencioso auxílio que recebemos dos colaboradores, como dos patrocinadores e de toda administração da unidade. Nós que fazemos a imprensa carcerária não salientamos o espírito de competição como nos jornais da sociedade livre. Aqui no cárcere nós usamos a união entre as Unidades Prisionais como base para um bom produto.

São grandes as dificuldades que surgem nessa trajetória, mas por amor a esse trabalho não desistimos jamais. Não é fácil escrever sobre assuntos tão delicados, tocar nas feridas sem aumentá-las. Como redatora aprendi que devemos ser cautelosas e não mexeriqueiras. Passar uma história de forma que o personagem se sinta bem ao contar, veja tudo como um desabafo, uma ajuda. Por outro lado temos as autoridades a quem devemos respeito, não usamos esse veículo como forma de agressão ou rebeldia com matérias sensacionalistas, tudo dentro da moral e do respeito.

A produção jornalística dentro das penitenciárias é uma conquista do preso. A palavra nos mergulha no vó da liberdade absoluta, superando medos e grades, é o grito do atravessando os muros (n. 9, mai.2006, p. 1).

É possível perceber a tendência de alguns aspectos ao analisar o texto supracitado: o primeiro diz respeito à construção de textos baseados em relatos de vida<sup>18</sup> para garantir a identificação dos leitores privados de liberdade e o segundo está ligado a textos que têm interesse político no sentido de denunciar a precariedade das unidades prisionais e pressionar o poder público<sup>19</sup> e ao mesmo tempo se aproximar e demonstrar respeito pela administração do presídio.

<sup>17</sup> Pesquisa de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense, no Programa de pós-graduação em comunicação: “A imprensa carcerária ou a reinvenção da notícia: um olhar intramuros sobre o fazer jornalístico”, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>18</sup> No capítulo 2 serão abordadas as histórias de vida das apenadas.

<sup>19</sup> Em vários momentos dessa dissertação serão mostrados textos do *Só Isso!* que buscam denunciar e reivindicar por melhores condições de vida no cárcere.

Eu nunca consegui entender por que uns ganham muito e os outros nada. E por que eu tenho que morar num barraco e ver o meu pai levantar às 4 horas da manhã para pegar o buzão lotado, e não termos nem direito de comer carne. Não consegui viver esse mundinho restrito, sempre quis mais e mais (n. 5, mar.2005, p. 3)

Cá pra nós... a Justiça não só do nosso Estado, mas de todo país não tem nada de equilibrada. Aqueles que são responsáveis por ela só são eqüitativos e judiciosos quando lhes convém politicamente e quando se trata das altas esferas. Exemplos não nos faltam e são assistidos todos os dias pela TV, mas vamos destacar um em especial, por estar diretamente ligado ao pior problema do nosso sistema penal, a superpopulação carcerária [...] (n. 9, mai.2006, p. 3).

A presença de textos que trazem subjetividades, sensibilidades e relatos de trajetórias de vida de apenadas e apenados parece ser um atributo diferencial de um jornal produzido na prisão. Além dessa característica outra grande marca, fortemente trazida no *Só Isso!*, é a crítica ao poder público e reivindicação por melhores condições de vida. No entanto, o impresso silencia os conflitos internos existentes que revelam nuances e tramas da vida no cárcere no que diz respeito à relação entre as internas e internos em sua convivência, assim como casos de violência e mortes ocasionadas por embates entre os próprios privados de liberdade. O que se percebe são críticas que se voltam apenas para as instâncias do Estado envolvidas com a execução penal.

Tal silêncio se compreende na medida em que a grande imprensa faz emergir nos discursos públicos a referência à condição de monstruosidade dos sujeitos que infringem e quebram a normalidade social (BRASILIENSE *apud* DAEMON, 2009, p. 88) e, no jornal do cárcere, a situação se inverte no momento em que os privados de liberdade são editores, autores e até mesmo fontes das matérias publicadas no impresso. Trata-se de um periódico que suscita os interesses desses sujeitos, que buscam dar voz às demandas dos privados de liberdade sendo, portanto, uma representação desse universo na perspectiva desses sujeitos.

Flora Daemon (2008), aponta também para o fato de que ser jornalista na prisão representa ter maior mobilidade no interior da unidade prisional e ainda permite uma maior proximidade com a Direção da unidade, o que pode justificar os agradecimentos e elogios da editora do *Só Isso!* ao então diretor da Penitenciária. No entanto, a pesquisadora aponta também o fato de que participar desse grupo, pode também gerar desconfiança de outros sujeitos privados de liberdade e, principalmente, de agentes penitenciários<sup>20</sup>. Neste sentido, é possível interpretar que

---

<sup>20</sup> A relação entre os agentes e apenados será melhor discutida no capítulo 3.



a produção do jornal garantiu à equipe do impresso um certo *status* e poder em relação às demais apenadas:

Ao que parece, a decisão de dedicar-se à elaboração de um jornal no presídio – desde a definição de pautas e ilustrações, confecção de textos até a diagramação – pode dar pistas sobre o reconhecimento da ferramenta enquanto um poderoso instrumento de fundação de poder, sobretudo quando se tem clareza de que a melhor solução para a interdição dos passos é o estímulo ao movimento da informação. Terreno fértil para a articulação de ideias e para o jogo de alteridade, o universo intramuros se apresenta como um espaço com grande potencial para a produção de um veículo impresso capaz de transitar entre os boatos e as regras oficiais e paralelas (DAEMON, 2008, p. 3)

Neste cenário, é preciso perceber como a prática jornalística no cárcere busca dar visibilidade aos privados de liberdade e no contexto complexo em que está inserida, ora esta permite dar voz às demandas e anseios dos apenados, ora se submete às normas do Estado, como também se rebela contra o controle deste e denuncia as péssimas condições de vida dos encarcerados. O que se percebe é como a prática jornalística realizada em presídios é um recurso importante na medida em que traz à tona sujeitos invisibilizados e silenciados em seus anseios, apesar das contradições e complexidades que envolvem esse processo. No entanto, interpretar os interesses e ideais que envolvem a produção de um impresso do cárcere, possibilita a compreensão de que o impresso *Só Isso!* é apenas a representação de uma realidade, que pode revelar nuances do universo prisional a partir da perspectiva das privadas de liberdade.

Diante do exposto, para melhor interpretar a prática jornalística realizada em uma instituição prisional feminina, é preciso trazer à tona o lugar dessa produção: a Penitenciária Talavera Bruce, criada em 9 de novembro de 1942, pelo decreto nº 3971, de 2/10/1941, sendo a primeira penitenciária feminina do antigo Distrito Federal e que esteve a princípio sob a administração interna e pedagógica de freiras<sup>21</sup>.

Nesse período a ideia era de que as mulheres precisavam de proteção contra as tentações mundanas sendo a oração e os afazeres domésticos considerados fundamentais no processo de recuperação desses sujeitos. Acreditava-se que as mulheres criminosas necessitavam nem tanto de uma estrutura militarizada e sim de um ambiente amoroso e fraternal. Em 1955, a penitenciária saiu das mãos das irmãs do Bom Pastor, congregação que havia sido muito ativa na administração de

---

<sup>21</sup> Estas informações são extraídas do livro *Prisioneiras Vida e violência atrás das Grades* de Bárbara Musumeci Soares e Iara Ilgenfritz.

presídios femininos na América Latina, e tornou-se de responsabilidade da Penitenciária Central do Distrito Federal (AGUIRRE, 2009). No entanto, foi em 1966 que a referida instituição adquiriu autonomia administrativa, sendo a única penitenciária de segurança máxima do estado do Rio de Janeiro destinada a mulheres condenadas a penas altas

Na última edição do *Só Isso!*, foi publicada a matéria intitulada “Era uma vez... A História do Talavera Bruce” que compreende a história da penitenciária e que teve como fontes duas referências: a pesquisa de Julita Lemgruber e de Bárbara Soares. Lila Mirtha, a autora do texto, fala do objetivo da criação dessa instituição prisional feminina:

Dizia-se no século passado que as mulheres cometiam crimes porque não estavam ou não eram preparadas para o lar, portanto, nada melhor do que as irmãs de caridades para levá-las de volta ao seu papel único: “dona de casa”, esta mesma prisão não tinha apenas o objetivo de educar a mulher e levá-la de volta para dentro de casa, tinha também outros objetivos tais como a Redenção e o Exorcismo, portanto nada seria mais contundente do que as irmãs de caridade para administrar a prisão feminina, cuidando do corpo e da alma. As principais atividades eram domésticas: lavar, passar, cozinhar, costurar, bordar, tricotar, fazer crochê entre outros afazeres do lar. (n. 13, ago. 2008, p. 5).

Há destaque também para as histórias de algumas mulheres que passaram pela instituição. “Entre as presas comuns que continuam vindo, saindo e muitas vezes voltando, merecem que suas histórias não sejam esquecidas” (n. 13, ago. 2008, p. 5), segundo relatos da mesma:

Nos anos 60, uma das presas mais famosas foi Neyde Mais Lopes ‘A Fera da Penha’, que em 30 de junho de 1960, foi ao Colégio Joemar, na Piedade, buscar Tânia Maria, de quatro anos, filha de seu ex-amante. Levou a menina a um matagal na Penha e a matou, chocando o Rio. Tivemos também, Marta Maria Duarte ‘Marta Pistola ou Cigana’, considerada a primeira dama do crime carioca [...]

Mais tarde nos anos 80/90, Djanira Suzana Ramos, ‘Djanira Metralha’ e ou ‘Lili Carabina’, condenada há mais de 200 anos, mas acabou reduzida para 36 anos e 6 meses. Acusada por homicídios, assaltos, falsidade ideológica e tráfico de drogas [...]

Também passou por aqui uma das chacretes condenadas por tráfico, Índia Potira e entre outras temos as Milas, as Martas e as Jorginas que cumpriram pena marcando presença pelos longos anos de solidão e sofrimento que causa a prisão (n. 13, ago. 2008, p. 5).

É importante observar que existe ao longo dos anos uma mudança referente ao tipo de crime cometido pelas internas. Se, nos anos de 1970, o maior índice de criminalidade feminina estava ligada a furtos, em 2007, 61% das mulheres presas

foram condenadas por tráfico de drogas<sup>22</sup>. O quadro abaixo, intitulado “Escalada do Tráfico” foi extraído do *Só Isso!* e retrata essa realidade:

**Quadro 3: Crimes cometidos por mulheres condenadas no estado do Rio de Janeiro**

<b>Crimes Cometidos</b>	<b>1976</b>	<b>1997</b>	<b>2007</b>
Furto	35,1%	5,3%	2%
Roubo	18,5%	22,8%	13%
Tráfico	20,8%	47,0%	61%
Seqüestro	0,6%	10,7%	6%
Homicídio	8,9%	2,8%	7%

Fonte: edição de n. 13, ago. 2008, p. 5.

A matéria em destaque traz ainda uma comparação entre a Talavera de ontem e o cenário atual da unidade, trazendo um panorama das atividades realizadas na unidade prisional no período em que o jornal circulava:

Graças ao empenho do ex-diretor Marcos Pinheiro e sua equipe, onde fazia parte o atual diretor André Luis Azevedo, foi criado o jornal *Só Isso!* que é pioneiro no Concurso de Beleza da Mulher Presidiária (Garota TB), como também o Festival da Mulher que interage com outras Unidades femininas. Foi criado também o Espaço Cultural Mãos à Arte, que realiza cursos profissionalizantes de curta duração (n. 13, ago. 2008, p. 5).

Apesar das diversas atividades desenvolvidas e ressaltadas pelas próprias internas, as instituições prisionais femininas ainda carregam marcas dos modelos de casa-convento onde as detentas eram obrigadas a trabalhar em tarefas de cunho sexista (costurar, lavar, cozinhar) e ainda há a forte presença de instituições religiosas dentro dessas unidades. Na referida matéria, as internas falam da assistência religiosa recebida das diversas denominações religiosas, principalmente as evangélicas<sup>23</sup>.

No entanto, vale atentar para o destaque dado pelas internas ao Diretor que permitiu a realização do projeto *Só Isso!*, pois este, segundo as internas, rompeu com as estruturas administrativas arcaicas da instituição e sua gestão foi marcada por grande dinamismo (n. 13, ago. 2008, p. 5).

<sup>22</sup> Dados sobre a criminalidade feminina e mulheres presas serão melhor discutidos mais adiante ainda nesse capítulo.

<sup>23</sup> O tema da religiosidade nas prisões será aprofundado no capítulo 4.

Apesar de o jornal trazer melhorias e projetos implantados no período em que o impresso foi produzido, muitos são os problemas de uma instituição penal feminina e estes emergiram nas páginas do *Só Isso!*, permitindo interpretar a complexidade e os enfrentamentos necessários suscitados pelas mulheres presas.

Ao pensar nas práticas jornalísticas que emergem do cárcere e a história da instituição penal onde o *Só Isso!* nasce, surge uma questão: como o *Só Isso!* se distingue de outros jornais produzidos no cárcere? Quais são as marcas de um impresso de uma prisão feminina?

### 1.3 Especificidades do periódico de uma prisão feminina

Pela qualidade e grande repercussão o *Só Isso!* se tornou referência nos presídios por onde circulou e, inclusive, inspirou a criação de outro impresso, o *Em Prol da Liberdade*, produzido por internos do Presídio Evaristo de Moraes, como aponta Flora Daemon (2009, p. 53):

Para situar o cenário de criação de *Em Prol da Liberdade* é fundamental explicar a influência de outro veículo desenvolvido no cárcere, dessa vez uma casa de correção de mulheres. Trata-se do jornal *Só Isso!* concebido por quatro internas da Penitenciária Talavera Bruce, parte do Complexo Penitenciário de Gericinó, em Bangu. Criado em 2004 por um grupo de presas, a maioria delas estrangeiras, o periódico iniciou sua circulação com patrocínio de um empresário que, de acordo com as internas, não queria ser identificado. Esse apoio financeiro proporcionou à publicação uma visibilidade e distribuição pouco comuns às produções jornalísticas desenvolvidas em outras unidades e circunstâncias. Com uma diagramação profissional feita externamente e impressão em duas cores em papel de alta gramatura, o jornal passou a ser referência tanto pela qualidade gráfica quanto pela distribuição.

Diante do exposto, é possível perceber que o grande diferencial do *Só Isso!* foi o fato de contar com o apoio financeiro de empresários, o que garantiu a qualidade do impresso, a ampla distribuição e, ainda, a divulgação na mídia. Já o *Em prol da Liberdade* não obteve o mesmo sucesso, segundo Flora Daemon (2009). Apesar da produção de duas edições do periódico, este não contou com a autorização da SEAP-RJ para a distribuição entre os internos. Para viabilizar a impressão e distribuição, os jornais precisam passar pelo Diretor da Unidade e, em seguida, são encaminhados para a assessoria de imprensa da SEAP que permite ou

não a divulgação dos textos. Após a análise do material, a referida assessoria não autorizou a circulação do impresso.

Além do *Só Isso!* e do *Em prol da Liberdade* outros jornais foram produzidos nos presídios do Rio de Janeiro e outros estados. O próprio *Só Isso!* traz informações acerca de outros jornais de presídios masculinos que são *Informe Atitude*, *HG* e *Visão*<sup>24</sup>:

Os internos do presídio Muniz Sodré estão elaborando um jornal intitulado “Informe Atitude”, realizado com seus próprios esforços. Nós do *Só Isso!* desejamos muitas felicidades no seu lançamento, e que continuem adiante com suas brilhantes ideias. Estamos prontas a colaborar no que estiver ao nosso alcance (n. 5, mar. 2005, p. 1).

Com a nova direção de unidade prisional Hélio Gomes, está sendo feito o relançamento do Jornal HG valorizado o esforço e o empenho dos internos (n. 7, ago. 2005, p. 5).

Vai ser lançado na Penitenciária Laércio Peregrino (Bangu I- Segurança máxima), com a ajuda da missionária Adenice Barreto o jornal *Visão*. O informativo levará a todos, a vida dos internos, dos seus problemas, do cotidiano da prisão e o que eles esperam da vida extra-muros (n. 7, ago. 2005, p. 5).

Segundo Flora Daemon (2008), no estado do Rio de Janeiro, em 2008, existiam 8 periódicos em circulação produzidos por apenados. Além dos jornais mencionados acima, foram produzidos em presídios masculinos os seguintes impressos: *Liberdade de Expressão* (Penitenciária Lemos de Brito), *O Grito* (Penitenciária Milton Dias Moreira), *Letras da liberdade* (Penitenciária Pedrolino Werling de Oliveira) e *Metamorfose* (Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Henrique Roxo) A partir da pesquisa da autora é possível saber um pouco mais do jornal *HG*:

[...] veículo idealizado pelos internos do presídio Hélio Gomes, parte integrante do extinto Complexo Penitenciário da Frei Caneca, que possui uma impressão mais simples em formato A4, em preto e branco, uma quantidade maior de textos a presença marcante da censura institucional. O contexto de criação do *HG Jornal*, por sua vez, deve ser descrito com atenção para que seja possível considerar a produção dos periódicos a partir do impacto da solicitação do ‘Seguro’<sup>25</sup> na unidade penal que, desde 2003, se tornou basicamente composta por homens enquadrados nos artigos 213 (estupro) e 214 (atentado violento ao pudor), o que sugere uma tensão e necessidade de controle mais intensos (DAEMON, 2008, p. 10).

<sup>24</sup> Não tenho como objetivo trazer detalhes dos referidos impressos. Apresento-os apenas para destacar que há outros jornais produzidos por privados de liberdade.

<sup>25</sup> Os internos que se sentem ameaçados e correm risco de perder a vida dentro do Sistema Prisional têm o direito de solicitar maior proteção do Estado que os garante agrupamento em um presídio onde os demais presos se encontram na mesma situação.

Fora do Rio de Janeiro, circula o Jornal *A Grade*<sup>26</sup> produzido por internos do Centro de Ressocialização de Cuiabá, no estado de Mato Grosso. Trata-se de um projeto com proposta educativa, realizado por professores vinculados à Secretaria de Estado de Educação que trabalham em conjunto com a Secretaria de Justiça do estado. O tema principal do jornal é educação, mas conta com outras temáticas como religião, classificados anunciando serviços realizados pelos próprios apenados, lazer, política, entre outros. Os textos são escritos pelos internos e foram produzidas duas edições: a primeira em outubro de 2010 e a segunda em dezembro do mesmo ano.

Percebendo a existência de outros periódicos que circulam e circularam em presídios masculinos, é possível pensar que o *Só Isso!* se diferencia dos demais impressos não só por contar com apoio financeiro de empresários e por apontar as características específicas do encarceramento feminino relatadas durante todo esse trabalho, mas também, por trazer marcas de uma escrita essencialmente feminina, como aponta Viana (1995, p. 11):

Pois, ainda que as palavras sejam as mesmas para ambos os sexos, a forma de arranjá-las, encadeá-las, confere a elas significações outras capazes de colocar a nu demandas, carências, posturas que, no conjunto, vão delinear um perfil de mulher.

Essas mulheres falam de paixões, amores, de como ser uma mãe aprisionada, trazem tristeza e saudade em suas palavras. No entanto, é com certa leveza e feminilidade que relatam a vida, suas memórias e emoções. Assim como todos os aprisionados elas escrevem para “encurtar distâncias, consolar a injustiça, alimentar esperanças e amenizar a solidão” (MIGNOT, 2002, p. 120), mas trazem toda a subjetividade do universo feminino e falam da condição de mulheres aprisionadas:

Companheiras, somos mulheres de fácil sensibilidade, muitas de nós mães, avós, irmãs, com parentes lá fora à nossa espera. Devemos ser fortes; hoje, mais do que nunca, dizem que a mulher é sexo frágil, mas isto não é verdade. Existem coisas de que só nós, mulheres, somos capazes [...]. Há dias venho pensando no quanto há de se pensar, no quanto há de se buscar, no quanto há de se tentar. O passado me fere, atormenta. Vejam: é triste sabermos que quem paga mais chora menos, quem paga pouco chora tanto que às vezes lhe custa a própria vida! Eu gostaria de nunca ter chorado para também não pagar nada e você, o que acha? Parabéns, companheiras, por este belo trabalho do jornal; sabemos que a união faz a força. Cujas redatoras são colegas de sofrimento (n. 2, ago. 2004, p. 2).

<sup>26</sup> Tive acesso a esse impresso em visita ao estado de Mato Grosso como consultora do Ministério da Educação/UNESCO, em setembro de 2010.

É possível perceber, ainda, o quanto procuram a partir da escrita uma autovalorização importante para si mesmas e para as colegas, na busca por aumentar a autoestima perdida após o encarceramento. Por meio do *Só Isso!* pode-se pensar em como “principalmente entre as mulheres, a escrita do *eu* tenha se tornado uma forma quase obrigatória de manter-se em contato consigo mesma, com seu espaço e com outras mulheres” (VIANA,1995, p. 97). Uma poesia retirada do impresso retrata essa realidade:

#### **Afirmação para mulheres**

Me encanta ser mulher  
 Sou sábia e formosa  
 Amo o que vejo em mim  
 Governo minha vida  
 O amor de minha vida começa por mim mesma  
 Minha vida está cheia de amor  
 Tenho minha vida fabulosa  
 Tenho domínio sobre minha vida  
 Sou mulher poderosa  
 Sou digna de amor e respeito  
 Sou feliz e desfruto onde estou  
 Encho de amor a minha vida  
 Aceito o presente do tempo que estou só  
 Exploro todas as avenidas do amor  
 A vida me satisfaz plenamente  
 Não estou submetida a ninguém; sou livre  
 Estou disposta a aprender novas formas de viver.  
 (n. 2, ago. 2004, p. 7)

Outro tema interessante e que ressalta as peculiaridades femininas do *Só Isso!* é a questão da beleza e vaidade da mulher, sempre presentes nas páginas do periódico. As internas dão dicas de beleza e ressaltam a importância de estarem bonitas apesar da privação de liberdade. Parece que por meio da escrita essas mulheres tentam criar uma imagem positiva, relacionada à autoestima, ao conceito positivo de si:

#### **SOS BELEZA, VAIDADE E ELEGÂNCIA**

É assim que a nossa auto-estima é recuperada, fazendo uso do salão de beleza que temos nesta unidade. Aonde podemos cuidar de nossos cabelos, unhas, pele e corpo com diferentes tratamentos que podem ser realizados, mas como as nossas dificuldades são muitas, lutamos para que ainda com a falta de materiais para um melhor atendimento, possamos manter a beleza da mulher dentro cárcere, fazemos um apelo para as pessoas caridosas que queiram doar alguns produtos de beleza. Qualquer que seja a sua contribuição será bem-vinda. Isso não é apenas uma questão de vaidade, mas neste lugar precisamos manter nossa auto-estima, afinal o espelho vai nos devolver a beleza que refletir. Agradecemos sua atenção e colaboração. Não deixe de nos fazer uma visita (n. 10, set.2006, p. 1).

Também, nesse sentido, uma iniciativa do jornal, de grande repercussão, foi o concurso Garota TB, um concurso de beleza que teve início em agosto de 2004, e sua última edição se realizou em 2008. Tal evento contou com a presença de celebridades<sup>27</sup> e teve repercussão na mídia, como nos mostra a matéria publicada no *Boletim da ABI*<sup>28</sup>:

[...] o jornal foi um sucesso entre as internas e teve repercussão internacional. Isto porque, um mês depois do lançamento, criou o concurso Garota TB, conquistado pela portuguesa Elizabeth Sardinha. Para a sorte das internas, o resultado do evento foi mostrado pela internet e atraiu para o Talavera Bruce jornalistas de varias nacionalidades, o que fez com que o *Só Isso!* circulasse também em todas as unidades do Sistema Penitenciário do Rio e de outros estados, como Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

**Figura 5: Carlinhos de Jesus e Neguinho da Beija Flor como jurados do Concurso**



Fonte: arquivo digitalizado da edição de n. 8, jan.2006, p. 6

Tal concurso foi importante para a divulgação e circulação do impresso e esta ideia “surgiu quando a equipe do *Só Isso!* ficou pensando que as pessoas dentro de

<sup>27</sup> Neguinho da Beija-Flor, Carlinhos de Jesus, Vera Loyola e alguns carnavalescos marcaram presença fazendo parte do júri do concurso.

<sup>28</sup> Matéria publicada em 10 de dezembro de 2005, no site [www.jornaldamidia.com.br](http://www.jornaldamidia.com.br).



uma penitenciária precisam de motivação e autoestima para realizar um futuro positivo” (n. 3, out. 2004, p. 3). Um trecho do jornal traz um pouco mais sobre a realização do evento:

O Jornal *SÓ ISSO!* estará organizando no dia 20 de agosto um concurso de beleza entre as internas do Talavera Bruce. Um júri formado por celebridades indicará a Garota TB, a Miss Elegância e a Miss Simpatia durante um desfile com música e coreografia. As candidatas desfilarão com cangas, esporte fino e shorts. A Garota TB ganhará uma super calça comprida da Gang, e as misses ganharão estojos de maquiagem (n. 2, ago. 2004, p. 1).

Ao refletir acerca das especificidades de um jornal de uma prisão feminina, é possível perceber as marcas dessas mulheres no impresso, o que faz emergir as seguintes questões: quem são as escritoras do jornal? Quais os relatos de vida trazidos no periódico? O que os dados revelam sobre o perfil desses sujeitos? O que elas relatam como motivações para a produção do jornal? Para dar conta dessas questões busco trazer no próximo capítulo as vozes presentes no *Só isso!*.

## 2 AS VOZES DE UM IMPRESSO DA PRISÃO

### 2.1 Histórias de vida de apenadas

Os relatos de vida encontrados no impresso trazem parte da trajetória de vida das apenadas que permitem melhor compreender quem são as escritoras do periódico a partir da seção “Uma de Nós”, que possibilita o estudo sobre os sentidos da escrita de si de mulheres privadas de liberdade para a compreensão de suas histórias de vida, discursos, relações e práticas:

Vidas sonhadas, prometidas e não cumpridas sob o preceito da igualdade, desencantos da política e autodecepção: os relatos traçam sutilmente os contornos do espaço biográfico, o ponto de inflexão que faz de uma biografia pessoal um assunto público, não no sentido da visibilidade midiática, mas no sentido político de comunidade e responsabilidade. Aqui se entrelaçam, de modo indissociável, indivíduo e sociedade, os termos canônicos da velha antinomia (ARFUCH, 2010, p. 347).

Os relatos de cinco mulheres: Jennifer Santos Cavalcante, Nacarid Bello, Liliane Lube, Jane Selma Soares e Alessandra Barros expressam muita emoção, quando elas recordam a vida na infância, a relação com os pais, com os filhos, a inserção na vida do crime e os sentimentos, concepções e aprendizados diante da privação de liberdade:

Embora se possa considerar que toda escrita de si deseja reter o tempo, constituindo-se em um “lugar de memória” cabe observar que certas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo estimulam essa prática. É o caso dos textos – sejam eles diários, memórias ou cartas – que se voltam para o registro de fases específicas da vida, como viagens, estadas de estudo e trabalho, experiências de confrontos militares, prisão, enfim, um período percebido como excepcional (GOMES, 2004, p. 18).

As escritas de si dessas mulheres que escrevem motivadas pela própria condição de apenadas e que possuem trajetórias difíceis e fortemente marcadas pelo aprisionamento, se tornam importantes na interpretação das vicissitudes do encarceramento feminino e fazem perceber os motivos que as levaram a cometer crimes e como constroem sua identidade e estabelecem relações com o mundo intra e extramuros. Gomes (2004, p.13), ressalta a importância da escrita de si de sujeitos anônimos e como os acontecimentos cotidianos são importantes a partir da ótica da

produção de si:

Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja a vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si.

Destaco os acontecimentos trazidos por essas apenas percebendo as passagens de vida relatadas no *Só Isso!* como fatos que marcaram a vida dessas mulheres e que sentiram a necessidade de dividir com suas companheiras e companheiros de privação de liberdade. É preciso perceber que “não guardamos todas as maçãs de nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Nesse sentido, inicio com o caso de Alessandra Barros que foi vítima de violência na infância. Esta mulher narra uma passagem de sua história familiar, o fato de sua mãe ter abandonado o lar quando tinha apenas 7 anos de idade e de ter sido criada pelo pai que acabou se entregando ao alcoolismo:

Ele amava muito minha mãe e se afundou no alcoolismo. Já não me tratava mais como sua filha querida, só sabia me agredir, bêbado, e eu fui tomando ódio dele. Passaram-se três meses e algo de ruim aconteceu em minha vida; falei pra ele, e ele não me apoiou. O que aconteceu foi tão ruim que me levou pro abismo, abismo este onde me encontro até hoje. De lá pra cá, só me iludi, só bati cabeça. Viramos inimigos, eu e meu pai (n. 4, dez. 2004, p. 8).

No decorrer da escrita de sua história de vida, esta presidiária fala de como perdoou o pai, de sua relação com ele após ser encarcerada e de como se arrependeu de atitudes tomadas após a morte deste e pela própria condição de presidiária.

Sinto-me culpada; pois perdi toda minha juventude com coisas banais e acabei esquecendo os verdadeiros valores da vida. Daria todo o dinheiro que já arrumei, daria tudo, na verdade, para voltar ao passado e fazer diferente [...].

Mas o tempo não me deu tempo. Por isso eu falo a vocês companheiras de sofrimento: tudo isso é ilusão. Acredito que cada uma de nós tem um tipo de problema. Com pai, com mãe, com amigo ou funcionário. E sair batendo a porta não é a melhor solução. A melhor solução é tentar um diálogo, por que a vida passa rápido, numa dessas batidas de porta podemos nos perder de quem amamos (n. 4, dez. 2004, p. 8).

A escrita de Alessandra nos remete a refletir acerca dos sentidos da escrita de si que se configura como instrumento de autoconhecimento, comunicação consigo mesmo e com outros e a busca por amenizar culpas e sofrimentos. Sendo essa escrita oriunda do encarceramento faz também compreender “los prisioneros como indivíduos que desarrollan su particular universo de lo escrito sorteando las dificultades y restricciones impuestas por la vida privada de libertad” (NAVARRO, 2005, p.19).

**Figura 6. Ilustração do retrato de Alessandra Barros**



Fonte: arquivo digital da edição de n. 4, dez.2004, p. 8.

Além dessas escritas ressaltarem as trajetórias de vida desses sujeitos antes do encarceramento, elas também trazem um relato significativo acerca da incursão dessas mulheres no sistema prisional. Jennifer, em sua história, não destaca o cotidiano na prisão, mas traz à tona o sentido que imprime a esta instituição, fazendo uma crítica ao poder público.

E os poderosos? Esses são os que mais enjoam, pois preferem construir várias cadeias para nos trancafiar ao invés de investir no ensino público e evitar que no futuro as crianças que não foram educadas corretamente hoje tenham que vir a ser reeducada. Desta forma em crédula está mais do que provado que não se conserta

ninguém. Pois se consertasse o índice de reincidência não seria tão alto (n. 12, ago. 2007, p. 9).

E Jennifer não está equivocada quando destaca o alto índice de reincidência criminal tendo em vista os dados do Ministério da Justiça de 2008, que mostram que 33,01% dos presos no Brasil são reincidentes. Segundo Julião (2009, P. 149), no que concerne a dados e discussões sobre a reincidência criminal, vale atentar para o fato de que:

[...] os dados sobre o sistema penitenciário são indicadores complexos que merecem atenção, tanto no aspecto conceitual, quanto na metodologia a ser empregada para obtê-los. Por outro lado, também reconhece-se hoje que a reincidência não é ocasionada simplesmente por questões internas inerentes ao sistema penitenciário, mas também por fatores externos inerentes ao ambiente social, político, econômico e cultural em que o apenado vive. Diante das informações hoje existentes sobre as reincidências, é uma injustiça culpar-se simplesmente o sistema penitenciário pelos reais problemas evidenciados quanto ao tema, sem levar em consideração, por exemplo, os conflitos sociais cotidianamente gerados a partir da sua abordagem na sociedade.

Outra grande preocupação de Jennifer diz respeito ao futuro de seus filhos. Ela fala da sua luta para que estudem em prol de um futuro digno e honesto e como a distância a deixa angustiada, pois privada de liberdade é muito mais difícil garantir um amanhã melhor para eles.

Podemos perceber o quanto a relação e a educação de seus filhos são uma preocupação dessa mulher e, a partir daí, podemos refletir acerca do papel da mulher socialmente “naturalizado” de mãe e esposa e o quanto esta questão é latente no caso das encarceradas, como apontam Werba e Duarte:

[...] a maternidade ainda sustenta o tênue fio da auto-referência de gênero da humanidade, adquirindo fundamentalmente significação para escorar os vínculos afetivos entre os mundos de dentro e de fora das grades. Deste modo, passa a ser vivida muitas vezes como força de resistência e sobrevivência de uma antiga subjetividade livre, anterior ao desculturamento imposto pela prisão. No momento da separação dos filhos ou filhas, vemos então emergir uma das formas mais violentas de mutilação experimentada pelas mulheres albergadas. É o momento de ruptura com a antiga subjetividade, sentida agora como vazio e desmembramento (2005, p. 56 *apud* SANTA RITA, 2007, p.148)

As relações familiares são um tema recorrente nesta seção do jornal. Jane Selma também fala da distância em relação aos seus filhos:

Vou começar minha história assim: ‘Era uma vez...’ Como toda criança feliz de família, que ouve todas as noites antes de dormir uma linda história. Só que hoje estou privada de contar uma história das que ouvi para os meus filhos, já que me encontro presa há dois anos (arts. 121 e 1 57- 2º); mas isso não faz eu perder a

esperança de poder voltar a contar essas histórias que meu pai contava quando eu era criança (n. 6, mai. 2005, p. 8)

O relato de Liliane Lube traz sentimentos, valores, perspectivas, sua identidade e o que mudou após perder sua liberdade:

As noites são intermináveis. Minha perspectiva mudou por que eu olhava todo mundo de baixo para cima. Isso mexe com a gente, fragiliza. Numa situação como essa, a gente passa a dar valor às pequenas coisas (n. 13, ago. 2008, p. 10).

Aprendi que a felicidade é muito simples. Vi que o amor verdadeiro permite que a gente seja como é, e que as fragilidades aproximam as pessoas (n. 6, mai 2005, p. 10).

Entre as cinco histórias aqui narradas a que mais me chamou atenção foi a de Nacarid Bello. Esta se diferencia da maioria das mulheres presas: estudou em colégios particulares, chegou à graduação e dava aula para crianças, quando acabou se envolvendo com o crime. Moça de classe média, ela se deslumbrou com a possibilidade de ganhar dinheiro com o tráfico de drogas:

Estudei em colégios particulares, fiz faculdade de Educação Pré-escolar. Sempre tive festas nos meus aniversários, festa de família, com direito a montes de presentes. Viajei a lugares maravilhosos, comprava roupas de marca, conseguia realizar meus desejos, sabia que era muito amada por minha família [...].

Me sentia muito esperta, a garota do tráfico, cega pelo dinheiro e pela ambição. Desfrutava plenamente dessas viagens, desejando que tudo acabasse bem para voltar pra casa cheia de dinheiro (n. 7, ago. 2005, p. 1).

Ela finaliza sua história, narrando o momento em que foi presa por agentes da polícia federal em uma de suas viagens e afirma não se arrepender do que fez, pois foi a experiência mais marcante de sua vida.

Figura 7: Foto de Nacarid Bello



Fonte: arquivo digital da edição de nº 7, ago. 2005, p.1

As trajetórias dessas cinco mulheres mostram um pouco do mundo desses sujeitos, suas vidas e anseios antes e durante o cumprimento da pena. Nos trechos do jornal, aqui destacados, percebemos que a inserção no mundo do crime, as relações familiares, os sentidos que a prisão assume em suas vidas, arrependimentos e aprendizados são temas recorrentes nas narrativas autobiográficas dessas mulheres e levam a refletir acerca do que nos aponta Arfuch (2010, p.348):

[...] narrativas de vozes plurais, célebres e anônimas, se desenham assim as grandes coordenadas do espaço biográfico: o peso da infância, a trama familiar, os modelos de sucesso, as crenças, o despontar de novas autonomias, as estratégias de autocriação -- e também de autocontrole -- os valores biográficos em voga, a fabulação identitária, a representação de si como constitutiva dessas identidades, a afirmação das diferenças, a leveza e a chatice do ser, em suma, a exaltação do ter vivido, de ter entesourado uma experiência.

A importância de diversas fontes de escritas autobiográficas e a relevância das nuances e aspectos sociais que o *Só Isso!* revelam, podem ser compreendidas também pela reflexão de Viñao (2000, p. 91):

Estas fuentes, por sí solas o junto com otras, permiten, por ejemplo, reconstruir los procesos y modos de educación- familiar, escolar, ambiental- de una generación o

grupo determinado y, por comparación, contrastar las diferencias existentes em función del género, clase social o zona de residencia.

Explorar e desvendar as histórias de vida a partir da escrita de si das apenadas traz a percepção de que, no contexto do mundo prisional, a mulher, minoria na prisão, tanto em número quanto em visibilidade, não pode ser ignorada nas necessidades próprias ao seu perfil prisional. Em muitos momentos, as dificuldades dessas mulheres são as mesmas dos homens (o ambiente, o sistema, a superpopulação etc.), entretanto existem questões específicas que precisam ser observadas (a situação dos filhos, o emocional, habilidades, condição de educadoras de seus filhos carecendo de escolaridade, de conhecimentos e valores etc.). Dando continuidade a essa discussão, tentarei traçar um perfil dessas mulheres a partir de dados consolidados no campo da sociologia, assim como de dados contidos no impresso.

## 2.2 Perfil socioeconômico e educacional das internas

As mulheres encarceradas, em sua maioria, possuem uma trajetória de vida marcada por inúmeras dificuldades, e são essas mulheres que possuem histórias fortes e difíceis as principais escritoras do impresso *Só Isso!*. Apesar da colaboração de outros sujeitos, são as internas da Talavera Bruce as protagonistas do *Só Isso!* e, para compreender a importância e sentido desse impresso é preciso mergulhar na realidade dessas apenadas, entendendo quem são e refletindo sobre suas histórias de vida.

O impresso ajuda a perceber o perfil das internas escritoras do jornal produzido na Penitenciária e na enquete publicada na edição de número 4, de dezembro de 2004, 102 internas de um total de 306 que na época abrigavam a Talavera Bruce, foram entrevistadas sobre o crime cometido, religião e ocupação antes da pena:

A interna típica do Talavera Bruce tem entre 26 e 33 anos, é solteira, branca, tem dois filhos, é cristã evangélica praticante e tem uma profissão. São artesãs, secretárias, vendedoras e domésticas (...). A maioria – 65,3% – está cumprindo pena pelo artigo 12 do Código Penal (tráfico de entorpecentes). É um crime considerado hediondo, e sua pena mínima é de três anos de reclusão, podendo



chegar até 15 anos. A pena é cumprida em regime fechado, só havendo liberdade condicional quando cumpridos 2/3 do total da pena (n. 4, 2004, p. 1).

Estes dados remetem a estudos de diversos criminólogos norte-americanos sustentam que, embora o tráfico de drogas seja uma atividade que ocupa um número muito maior de homens do que de mulheres, estas acabam condenadas em proporção maior do que os homens. A interpretação para essa discrepância deve-se à posição subalterna que assumem nas sociedades masculinas, o que lhes dá menos possibilidade de negociar com a polícia, “comprando” sua liberdade (LEMGRUBER, 1999). Nesse contexto, há uma forte presença de mulheres envolvidas em crime atuando ao lado de homens, como “suporte”, pela própria estrutura social que estabelece papéis sexuais, em que se legitima a inferioridade da mulher.

Ainda que sejam minoria entre os encarcerados, as mulheres mostram, quando assumem todos os riscos ao carregar drogas como “mulas”, que a pobreza e a prisão estão intimamente ligadas. A pobreza que se leva em conta, nesse caso, especificamente, reúne todos os tipos de exclusão: educação, moradia, saúde e cultura estão totalmente fora de alcance. (MAEYER, 2006).

Além do tráfico de drogas, outro crime destacado pela enquete é o artigo 157 (assalto à mão armada) que representa 15,3% do efetivo carcerário, com pena mínima de quatro anos e máxima de 10 anos de reclusão (n. 4, 2004, p. 1). Em terceiro lugar, a enquete apresenta o crime de homicídio, que representa 9,8 % das internas. Quanto às mulheres assassinas, vale destacar o estudo de Almeida (2001, p. 178), que elaborou três configurações para esse crime: *crimes contra companheiros*, cometidos por motivos passionais ou revolta pelos maus tratos sofridos; *crimes contra inimigos*, cometidos por vingança e brigas entre gangues, em razão de tráfico de drogas, roubos e furtos; e *crimes contra crianças*, cometidos também por vingança e em caso de infanticídio.

O envolvimento de mulheres com o tráfico de drogas — e com outros tipos de crime também — está relacionado à luta pela sobrevivência em um contexto de profundas desigualdades sociais. Com a participação cada vez maior das mulheres na sociedade e a luta, muitas vezes fracassada, pelo trabalho, esses sujeitos, que se encontram à margem da sociedade, acabam se inserindo no mundo da criminalidade. Antes de serem encarceradas, cerca de 50% das presas eram domésticas ou trabalhavam no comércio. Outro dado significativo diz respeito ao

consumo de drogas. Quase metade das mulheres faz ou fez uso abusivo de drogas. A proporção de mulheres que afirmam abusar ou já ter abusado de drogas em algum momento da vida é de 42,2%.

Quanto aos casos de violência que permeiam a vida destas mulheres mais de 95% foi vítima de violência em alguma das seguintes situações: na infância, por parte dos responsáveis; na vida adulta, por parte de maridos/companheiros; quando foram presas, por parte de policiais civis, militares ou federais: 75% das presas sofreu violência em pelo menos duas dessas situações e 35% nas três circunstâncias. 72% já sofreu violência física, psicológica ou sexual na infância; 74,6% foi vítima de um ou mais desses tipos de agressão no casamento; 57,1% se disse vitimada em ambas as situações. 68% sofreu alguma forma de violência como espancamento, choques elétricos, xingamentos, humilhações, abuso sexual, ameaças de morte, afogamento, sufocação etc., provocada por policiais.

Além disso, 31% das presas tiveram um ou mais companheiros assassinados, 20,6% teve pelo menos um irmão morto por homicídio e 9,5% perdeu um ou mais irmãos e um ou mais companheiros vítimas de assassinato.

Outro dado importante para a compreensão de quem são as escritoras desse impresso é que 76,1% das mulheres encarceradas têm entre 18 e 39 anos e não completaram o ensino fundamental<sup>29</sup>. Dados da Secretaria de Administração Penitenciária (2008), confirmam a baixa escolaridade das internas com os seguintes números:

**Quadro 4 : Nível de escolaridade da população carcerária do Talavera Bruce**

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	NÚMEROS
Analfabeta	08
Analfabeta Funcional	06
Ensino fundamental incompleto	162
Ensino fundamental completo	32
Ensino médio incompleto	31
Ensino médio completo	34
Ensino superior incompleto	12
Ensino superior completo	06

Fonte: Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro

<sup>29</sup> Os dados aqui trazidos foram extraídos da pesquisa *População carcerária feminina do estado do Rio de Janeiro: perfil das mulheres presas e suas histórias de violência familiar e institucional* foi realizada pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes, sob a coordenação de Bárbara Musumeci Soares e Iara Ilgenfritz.

Diante desse cenário, apesar da questão da escolaridade não ter sido debatida na enquete do *Só Isso!*, um ponto fundamental na análise do perfil das apenadas é a questão da educação. O processo de escolarização nas prisões parece de grande relevância já que o baixo nível de escolaridade é também um dos motivos que leva a profissões mal remuneradas e à tentativa de assegurar ilicitamente, ou seja, por meio do crime, os recursos necessários à sua própria manutenção e a de sua família, quando existe (LEMGRUBER, 1999).

Contudo, pouco se fala no *Só Isso!* sobre a escolarização dentro da Penitenciária Talavera Bruce. Pouquíssimas matérias do jornal destacam alguma atividade do Colégio Estadual Roberto Burle Marx e a importância desse processo na vida das internas. Durante o período em que atuei na Secretaria de Estado de Educação percebi a dificuldade de professores e da diretora do colégio em garantir práticas pedagógicas que atraíssem as internas e as fizessem perceber a importância da educação em suas vidas. Havia esvaziamento da unidade escolar que fechava os anos letivos com número muito reduzido de alunas, que não se interessavam pela escola, provavelmente, por esta não atender suas demandas e anseios. Nesse sentido vale destacar que:

Os tribunais dão as razões 'objetivas'; o advogado apresenta circunstâncias atenuantes, e a educação na prisão será o caminho para a compreensão de tudo e para a descoberta da lógica (às vezes infernal). Decodificar para reconstruir é um trabalho longo e de paciência. A prisão não é obviamente o melhor lugar. Não tem as ferramentas necessárias, mas sejam quais forem as circunstâncias, a educação deve ser, sobretudo, isto: desconstrução/ reconstrução de ações e comportamentos. (MAEYER, 2006, p. 22).

Maeyer (2006) propõe refletir sobre o sentido da educação nas prisões, apontando a circunstância de que, mesmo não sendo o melhor lugar, e não tendo as ferramentas necessárias, pode-se apresentar como espaço de reflexão e de construção de saberes, capazes de possibilitar aos sujeitos privados de liberdade a compreensão crítica de sua realidade, para que sejam capazes de nela intervir. O estabelecimento de relações com a realidade que cerca cada interno dentro e fora dos muros da prisão implica o entendimento do passado, do presente e a antecipação do que poderá ser o futuro. A avaliação do contexto que cerca os sujeitos pode ajudar os internos a encontrarem possíveis soluções que possibilitem a reconstrução de suas vidas.

Não encontrando essa realidade na referida unidade escolar, muitas internas se matriculavam na unidade, mas não permaneciam. Diante desse cenário, talvez seja importante, para que haja práticas pedagógicas bem sucedidas nas prisões, entender quem são esses sujeitos educandos e que processos pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas expectativas e anseios. Valorizar os interesses dessas mulheres, enxergando-as como cidadãs que precisam ser respeitadas e compreendidas em suas especificidades, em que escola e educador favoreçam a participação, estabelecendo relações e práticas democráticas, pensando uma formação ética, política e emancipadora.

As propostas curriculares, abandonando os tradicionalismos, podem ser pensadas no contexto das mulheres encarceradas, por meio da elaboração de estratégias pedagógicas:

Superar a concepção formalista de currículo e incorporar elementos mais dinâmicos do cotidiano das escolas e das classes nas quais os currículos ganham sua real existência é um grande desafio. Superá-lo depende do reconhecimento da riqueza das práticas cotidianas, da impossibilidade de trabalharmos do mesmo jeito em classes, escolas, espaços distintos, nos quais mudam todo o ambiente espacial, além dos alunos com os quais nos deparamos. (OLIVEIRA, 2005, p. 232)

Propostas curriculares da educação nas prisões talvez precisem levar em conta não somente os conteúdos a serem ensinados, mas também todos os demais aspectos da realidade prisional, assim como todas as formas de atender os educandos da modalidade por meio de uma organização de tempos, espaços e conteúdos que correspondam às suas necessidades.

A partir do cenário apresentado fica visível que as escritoras do *Só Isso!* possuem uma trajetória de vida marcada pela vulnerabilidade social e negação de direitos antes e durante o encarceramento e o estigma que carregam leva ao abandono de seus amigos e familiares.

O próprio abandono, solidão, falta de ocupação e vontade de mudar a realidade vivida na unidade prisional são, segundo os relatos e alguns editoriais do jornal, os motivos que levaram à criação do impresso que serão, a partir de agora, interpretados.

### 2.3 Escrever para trabalhar, ocupar o tempo e interferir no próprio destino

A questão do trabalho prisional é um tema recorrente no *Só Isso!*, quando ressaltada a falta de oferta de atividades laborativas para os privados de liberdade:

Senhores responsáveis pela Fundação Santa Cabrini, por favor precisamos de sua atenção para que tenhamos oportunidade de exercer atividades laborativas (trabalho). Pois acreditamos que somente com o nosso trabalho podemos resgatar a nossa auto-estima e nossa dignidade! (n. 4, dez. 2004, p. 3).

Criada em 1977 para gerir e promover o trabalho remunerado para os apenados intra e extramuros do sistema penitenciário do estado do Rio de Janeiro, a Fundação Santa Cabrini é vinculada à Secretaria de Estado de Administração Penitenciária. Quanto à legislação vigente, a Lei de Execuções Penais no artigo 31, garante que “o condenado à pena privativa de liberdade está obrigado ao trabalho, na medida de sua aptidões e capacidade”.

No Brasil, o trabalho prisional está intrinsecamente ligado à geração de recursos, para combater a ociosidade improdutiva dos presos e assume grande importância para os apenados, devido à possibilidade de remição de pena — a cada três dias de trabalho reduz-se um dia de pena.

No entanto, apesar do trabalho na prisão se constituir como um dever e um direito dos sujeitos apenados, segundo dados do Ministério da Justiça, 70% dos presos não está envolvido em nenhuma atividade laborativa. Segundo Barbara Soares e Lara Ilgenfritz (2002), no que concerne à realidade das mulheres presas no estado do Rio de Janeiro, 52,1% exercem alguma atividade, remunerada ou não. Desse conjunto, 68,1% realizam trabalhos genéricos de manutenção das unidades e representam mão de obra não remunerada. Atuam no refeitório, na cantina, nas celas, na cozinha, na biblioteca, no setor administrativo, ou se incumbem da limpeza geral. Todas essas atividades são comumente denominadas pelas presas como “faxina”, o que significa que elas trabalham para o sistema e são empregadas diretamente na unidade em que estão lotadas; 14,7% desenvolvem atividades gerenciadas pela fundação Santa Cabrini e recebem remuneração por seu trabalho; 14,3% trabalham informalmente, realizando serviços para outras presas ou produzindo objetos vendáveis dentro ou fora da prisão. Das mulheres que trabalham, 94,1 % são beneficiadas pelo mecanismo de remição de pena, que reduz

o tempo de prisão em um dia para cada três dias de trabalho realizado (ILGENFRITZ, SOARES, 2002, p. 105).

Dados de 2008, encaminhados pela Secretaria de Administração Penitenciária do Estado do Rio de Janeiro à Secretaria de Estado de Educação, mostram que de um total de 297 internas apenas 120 estavam inseridas em alguma atividade de trabalho, isto é, menos da metade do número total.

**Quadro 5: Atividades laborativas oferecidas na Penitenciária Talavera Bruce**

Atividades	Número de internas
Fábrica de costura	16
Fábrica de fraldas	46
Padaria	4
Cozinha	10
Jornal <i>Só Isso!</i>	4
Faxinas	40
Total	120

Fonte: Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro

O que se constata a respeito do trabalho que as mulheres apenas exercem é que estas continuam a reproduzir na prisão um estilo de vida ligado a um tipo de trabalho tido como caracteristicamente feminino o que, de fato, não lhes permitirá encontrar melhor inserção profissional quando estiverem além dos muros da prisão:

Desde o mês de maio de 2003, contamos com um espaço próprio para trabalhos artesanais. É uma oportunidade de nos aperfeiçoarmos naquilo que sabemos e também de aprendermos outros tipos de artesanato (n. 1, mai. 2004, p. 2).

As próprias internas não criticam a oferta desse tipo de trabalho como uma das poucas possibilidades oferecidas e é preciso atentar-se para o que alerta Maeyer (2006, p. 30), quanto ao risco corrido pelas mulheres: “precisaremos ser muito cuidadosos para não oferecer aulas que reproduzam uma abordagem sexista, tais como costura, tricô ou culinária”.

No jornal de n. 1, do ano de 2004, o ex-diretor da unidade, Marcos Pinheiro, fala da questão do trabalho oferecido para as internas, da falta de oferta deste e aponta o *Só Isso!* como uma alternativa para o problema:

No fator trabalho, atualmente contamos com apenas uma fábrica de bolsas e chapéus, que emprega três internas. É a grande carência da unidade, pois cada solicitação de trabalho recebida sem a condição de atender é acompanhada das sensações de impotência e frustração. Com a intenção de minimizar o problema e combater o grande vilão do sistema penal que é o ócio, foram criadas as seguintes alternativas: criação do Espaço Cultural Mãos à Arte; lançamento do *Só Isso!*; oficina de teatro; realização de atividades esportivas e inauguração do salão de beleza (p. 4).

Para o *Só Isso!*, quase metade das mulheres presas não tem acesso ao trabalho prisional e não há uma política séria ligada ao trabalho prisional para atendimento das demandas desses sujeitos. Neste contexto, como assinalou o então diretor da Talavera Bruce, é fácil compreender o quanto essa questão motivou a criação do jornal e o grande apelo por trabalho que encontramos no impresso:

O jornal *Só Isso!* será um veículo para a criação de trabalho dentro do Sistema. Muitos verão que nós, internas, necessitamos de trabalho para ocupar o nosso tempo, adquirir conhecimentos e aprender uma profissão. O trabalho prisional é fundamental para a recuperação e ressocialização do ex-presidiário na sociedade (n. 2, ago 2004, p. 1).

Nesse sentido, vale ressaltar o que nos aponta Chiez e Varela (2007, p.10) ao refletir sobre o trabalho oferecido para as mulheres privadas de liberdade:

As manifestações, entretanto, não tendem a incluir significativas perspectivas de acesso ao mundo do trabalho formal. O artesanato, a costura, a faxina, a cozinha, sugerem mais uma “alternativa” de trabalho autônomo e precário do que uma efetiva possibilidade de emprego.

No entanto, em nenhum momento as internas, como já dito, criticam o tipo de trabalho oferecido na prisão e ainda ressaltam que esse grupo representa mão de obra barata. No que tange à participação das empresas privadas no âmbito do trabalho prisional, vale atentar para as seguintes questões:

[...] nem sempre (e via de regra) a participação do setor privado no oferecimento de vagas de trabalho corresponde a uma perspectiva de alteração do cenário de exclusão social, ou mesmo de inclusão precária. Os “benefícios” concedidos pela legislação de execução penal à utilização de mão-de-obra prisional – não sujeição às garantias trabalhistas e ao regime da Consolidação das Leis do Trabalho artigo 28, § 2º da LEP) , possibilidade de remuneração na fração  $\frac{3}{4}$  (três quartos) do salário mínimo (artigo 29, *caput*, da LEP) – as possibilidades de utilização gratuita, ou de baixo custo, da infra-estrutura do Estado (prédios, energia elétrica, etc.), e a tendencial motivação dos apenados para o trabalho (sobretudo em face da perspectiva da remição e como forma de “ocupar o tempo”), fazem da presença do setor privado mais uma expressão da exploração capitalista do que de um modo de co-participação ético-teleológica na perspectiva de inclusão social humano-dignificante ( CHIES, VARELA, 2007, p. 11).

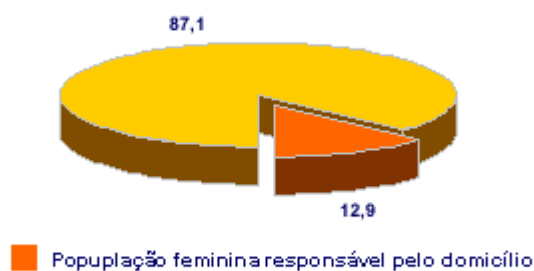
Diante desse cenário não é difícil perceber que o contexto carcerário evoca a desumanização dos sujeitos e, conseqüentemente, a desumanização do trabalho. Ao pensar o trabalho de internos como possível elemento de reconstrução de vida desses sujeitos, há que supor a existência de uma visão mais humanista de trabalho, pela qual os seres humanos sejam capazes de se ver como trabalhadores e interferir na realidade de maneira crítica. No entanto, não há uma política séria: “para a maior parte das internas o trabalho representa [...] uma fonte de recursos necessária e um meio eficaz para ajudar a passar o tempo” (LEMGRUBER, 1999, p. 137).

Muitas apenas precisam gerar renda para o sustento dos filhos deixados com parentes, para os quais a mãe sempre foi a única a prover suas necessidades. Para essas mulheres, o trabalho na prisão é um meio de auferir renda necessária para satisfazer parte das necessidades de alimentação, vestuário e gastos escolares de seus filhos.

Hoje, no Brasil, são muitas as mulheres responsáveis pelo lar, como mostram os dados do IBGE 2000:

### Gráfico 1: Mulheres responsáveis por domicílios

Proporção de mulheres responsáveis pelos domicílios  
Brasil - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Outro dado importante coletado pelo Censo IBGE 2000, diz respeito à representação de 41,39% das mulheres brasileiras na população economicamente ativa do país. Muitas destas brasileiras assumem não somente a vida profissional, como também as atividades do lar. Como demonstram os dados acima, 12,9 % das brasileiras são as únicas responsáveis pelo sustento domiciliar.

Esses números não se traduzem em vantagens práticas na vida das



mulheres. Embora já tenham conseguido muito na luta por igualdade e melhoria das condições de vida e trabalho, ainda é comum encontrar mulheres que ganham menos que os homens desempenhando a mesma função. Dados do IBGE, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2003), revelam que o rendimento médio mensal dos homens é de R\$722,00, enquanto o de mulheres fica em torno de R\$456,00.

Como já mencionado anteriormente, este cenário em que as mulheres exercem o papel de suprir as necessidades de seus lares, frente a todas as dificuldades, é uma realidade também dentro dos presídios, o que aproxima as detentas do trabalho prisional.

O preso não quer regalias, quer trabalho remunerado. Porque a vida lá fora continua, o mundo não parou porque ele está preso. Por isso o preso precisa produzir, sentir-se útil, para poder manter seus filhos com boa alimentação, remédios, etc. (n. 8, jan. 2006, p. 1).

No entanto, não é somente este quadro de necessidade de gerar recursos para dar conta de todas as responsabilidades fora da prisão o único motivo que leva as presas a trabalharem. Para muitas, como já dito, o trabalho também significa uma possibilidade de alcançar a liberdade o mais breve possível, pela remição da pena. A remuneração e a remição são os aspectos que mais estimulam as presas a trabalharem, embora não haja trabalho disponível para todas no presídio<sup>30</sup>.

**Quadro 6: Mulheres presas no Rio de Janeiro, com atividades remuneradas, segundo faixas de ganho mensal – 1999/2000**

Faixa salarial	Número de mulheres	Porcentagem
Menos de R\$ 50,00	1	1,6
R\$ 50,00 a R\$ 99,00	40	65,6
R\$ 100,00 a R\$ 199,00	7	11,5
R\$ 200,00 a R\$ 399,00	3	4,9
R\$ 400,00 ou mais	10	16,4

Fonte: Bárbara Soares e Lara Ilgenfritz: *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades* (2002).

Diante desse quadro e a partir da leitura do jornal, talvez seja importante a

<sup>30</sup> Diante deste cenário, uma reflexão possível para o trabalho nas prisões é a proposta da Economia Solidária. Trata-se de uma proposta que se baseia na autogestão, cooperação, democracia, solidariedade, respeito à natureza, valorização e promoção da dignidade do trabalho humano e organiza-se, normalmente, por meio de cooperativas e associações. “A base da Economia Solidária é formada pelas relações de cooperação, pelo fortalecimento do grupo e das comunidades, sem patrão nem empregadores, e todos pensando no bem de todos e no seu próprio bem” (Economia Solidária- Cartilha da Campanha de Mobilização Social, 2007, p. 21).

reflexão acerca de políticas penitenciárias em prol da garantia do direito ao trabalho, já que todas as reivindicações trazidas por essas apenadas e registradas no *Só Isso!* ajudam a pensar que condições dignas de vida e direito à educação e trabalho na prisão tornam-se uma premissa, podendo possibilitar aos sujeitos privados de liberdade a compreensão do significado de justiça, democracia e cidadania. As escritas dessas mulheres apontam para a necessidade da construção de políticas públicas que atendam a esses sujeitos em suas demandas e especificidades, de modo a superar um cenário em que as mulheres encarceradas “são mortificadas na subjetividade feminina e, ao mesmo tempo, enfocadas sob prismas que hipersexualizam as relações estabelecidas e as intervenções do poder formal” (CHIEZ, 2009, p. 278).

Neste contexto, a criação do *Só Isso!* se configura como uma forma de dar visibilidade às sensibilidades e subjetividades das encarceradas, assim como se tornou um meio dessas mulheres buscarem intervir no próprio destino através de textos que reclamam por novos caminhos para a unidade penal que as abriga. Segundo (ROCHA, 2004), a decisão de escrever muitas vezes é tomada pela necessidade de denunciar a realidade, de reconhecê-la e modificá-la. E, diante desse relato o autor realiza um exercício de si, de forma que articula a si próprio diante de determinados valores.

Para interferir na realidade em que vivem, ora esses sujeitos se utilizam de uma linguagem política<sup>31</sup>, ora a linguagem poética se torna um meio de suscitar o universo prisional, as dificuldades da vida no cárcere e revelam a busca por um novo destino. Nesse sentido, a escrita de poemas que emergem da prisão parece ser oriunda de profundo sofrimento, sentimento este que se extravasa nos versos que nascem entre as grades. É possível perceber que as apenadas olham para dentro de si ao escrever, num movimento que traz à tona o passado, as dores do presente, as marcas deixadas pela vida no cárcere e o quanto vislumbram a liberdade e um futuro melhor. Talvez esses poemas representem o “grito” de quem queira recuperar a dignidade e a autoestima perdida durante o cumprimento da pena. A autora abaixo fala do quanto essa escrita é importante para as apenadas e que o seu sentido, muitas vezes, está em expressar as perdas da vida:

---

<sup>31</sup> Diversos textos do jornal, destacados ao longo de toda essa dissertação, assumem um caráter político frente às dificuldades vividas pelos privados de liberdade.

#### Perdas e Poesias

Cabe a nós transformarmos cada uma de nossas perdas em poesias e preces, eternizando tudo aquilo que um dia amamos e que agora escapou ao nosso toque e ao nosso olhar. Fugindo para o íntimo do mistério que nos ultrapassa, embora habite dentro de nós mesmos. Infinito mistério dentro, talvez o externo refletindo o interior. Talvez fazendo-nos descobrir que os dois são um só! Para meus filhos que se foram para nunca mais voltar; mas que se encontram dentro de mim. Neuza Darc Ribeiro (n. 1, mai. 2004, p. 5).

Através da leitura dos poemas contidos no *Só Isso!* é possível enxergar esses sujeitos para além do crime cometido e perceber o ser humano em suas fragilidades, emoções e sentimentos. Em seus versos, as privadas de liberdade escrevem, reescrevem suas histórias, e é possível perceber testemunhos de sofrimentos durante os dias de aprisionamento, além da imensa solidão pertencente ao cotidiano desses sujeitos. Esses poemas trazem “o elemento biográfico a um alto nível de expressividade tornando-os inteligíveis dentro das convenções de determinado contexto histórico e cultural” (CANDIDO, 2000, p. 35) que, neste caso, é o ambiente prisional. Neste sentido, entre os temas mais recorrentes na escrita desses poetas do cárcere estão: liberdade, amor, saudade e a própria prisão.

#### Liberdade

Mais belo que o cantar de um pássaro é seu vôo. Pois nem todo cantar é alegria,  
Mas todo vôo é LIBERDADE.  
Sem autor (n. 1, mai. 2004, p. 5)

Analisando outro texto é possível perceber que “por meio de diferentes registros dos códigos e normativas à literatura ou à poesia – funciona como re-institucionalização catártica de limites” (ARFUCH, 2010, p.91), apontando as dificuldades e tentativas de suportar a vida sem liberdade:

#### Sorria minha amiga

Sorria, minha amiga, este não é o paraíso onde nasceste, não é tão fácil sorrir neste lugar em que a sede, como um verme em uma flor, corrói o íntimo de um coração. Onde o desejo refletido penetra mais ainda aquilo que se deseja e onde a saudade ingênua nunca deixa de suspirar pela alegria perdida. Neuza Darc Ribeiro (n.1, mai. 2004, p.5).

A saudade e o amor parecem ser a maior inspiração desses sujeitos. Em grande parte dos poemas contidos no impresso, a saudade se faz presente e parece ser a maior motivação dessa escrita. Saudade esta da pessoa amada, dos filhos e da liberdade perdida. Nessa poesia o “amor, de resto, inunda o verso do detento. Há por todos os lados choros, soluços, lábios de coral, saudades, recordações

desesperadas, rogos [...]” como escreve João do Rio (2008, p. 219). Por meio dessa escrita poética “é possível apreender a circulação narrativa das vidas, comuns e singulares, discernir semelhanças e especificidades” (ARFUCH, 2010, p. 340). Segue abaixo a saudade traduzida nos versos da prisão:

Saudade de você  
 Saudade é algo assim  
 Uma agonia sem fim  
 Uma dentro da alma  
 Que chora dentro de mim  
 A saudade é um rio pequeno  
 Que corre para dentro do mar  
 É como minha ilusão de um dia  
 Te encontrar!  
 Saudade, por que me atormentas tanto  
 E me deixas assim nesse pranto  
 Como um pássaro sem saber usar  
 Que todo mundo gosta de chorar.  
*Joy* (n. 1, mai. 2004, p. 5)

Não só as mulheres, como também os homens de outras unidades prisionais enviam suas poesias para serem publicadas no *Só Isso!*, no entanto, vale destacar a história de Neuza Herley com vários poemas publicados no impresso. Esta mulher conta um pouco de sua história e parece se orgulhar de ser conhecida como a poetisa da Talavera Bruce:

Fui no bar e pedi: moço, me dê pão e um copo d’água pra beber. Foi aí, quase morta, que fiz uma música: Juramento de um moleque. Guardei na cabeça por 13 anos, pois não sabia ler nem escrever. Morando na rua conheci Mestre Cartola, que me fez estudar e trabalhar. Me aposentei e na cadeia recebi um diploma de “poetisa”. Neuza Herley (n. 2, ago.2004, p. 2)

Ao dizer que na cadeia recebeu “diploma de poetisa”, Neuza leva à reflexão de que “ser poeta é ser alguma coisa mais do que preso, e um negralhão capoeira, um assassino como Bueno ou o José do Senado, após o testemunho da rima, falam mais livremente e com maior franqueza” (JOÃO DO RIO, 2008, p. 219). Essa mulher, assim como os outros poetas do cárcere, trazem seus testemunhos de vida por meio de seus versos e nesse momento “as representações desveladas permitem que pelo discurso, elas se produzam, num movimento descrito como uma ‘poética da experiência’ onde o narrador se inventa como sujeito da linguagem (CUNHA, 2000, p. 178).

Esses testemunhos refletem o mundo vivido e se tornam um refúgio para os aprisionados que trazem representações do seu eu íntimo e pessoal, aquele que

expressa pensamentos, convicções, reações afetivas, traços de caráter (ARFUCH, 2010). Neste sentido vale refletir para o sentido da poesia oriunda do cárcere:

Poesia entrañable, se postula como representativa de un mundo peculiar, reflejo de un caos de absurdidad y a la vez, intento de ordenamiento intelectual y espiritual de esse caos que encuentra en el preguntarse a sí misma. Que si ve el sufrimiento no es para quedarse en él, que jamás apela a la resignación porque su es descubrir la sangre y no la llaga. (ALZUGARAT, 2007, p. 71)

Vale também apontar o quanto esses textos, além de expressarem a vontade de recuperar o direito de ir e vir desses sujeitos destacam, também, que por meio da poesia é como se estivessem livres, pois apesar da prisão do corpo estes expressam em suas palavras a liberdade de seus sonhos e pensamentos, voando para bem longe dos muros e grades da prisão.

#### Prisão

Podem me prender com algemas  
Unir meus pés às correntes  
Podem até trancafiar-me  
Nas paredes úmidas de concreto.  
Impossível mesmo será  
Colher os meus sonhos  
Que são leves como a brisa  
Que tocam em seu rosto  
Soltos no ar, como um pássaro.  
Voam os meus pensamentos  
Só a lhe procurar/  
Mesmo que estejamos distantes um do outro.  
Faz-me sofrer  
A saudade que sinto de você.  
Nunca permitirá  
Que se apague dentro de mim  
Esse amor que ferve o meu sangue  
E que domina todo o meu ser.  
Você é meu céu  
Meu ar e meu sofrimento  
De que tanto necessito para a minha sobrevivência.  
É o sol que faz aquecer o meu corpo  
*Crobes Antunes* (n. 4, dez. 2004, p. 3).

Escrever poemas na prisão é ter a ilusão da liberdade e expressar as mazelas do cárcere a fim de encontrar alívio por meio dos versos escritos que trazem à tona a vontade desses sujeitos de interferir no próprio destino.

Mas, se a escrita no cárcere ajuda os apenados a ultrapassarem as limitações físicas impostas pelas grades e muros da prisão, a ocuparem o tempo, a ter um espaço de trabalho e interferir no próprio destino, o *Só Isso!* ganha “asas” e se torna uma ponte entre os presídios, tendo em vista a sua ampla circulação nas diversas unidades penais. Nesse sentido, este elo se consolida por meio de seções do

impresso que garantem espaço para os sujeitos dos diversos presídios relatarem suas dificuldades, assim como as práticas bem sucedidas realizadas nos estabelecimentos penais. O jornal também permite pensar em como outros sujeitos envolvidos com a segurança participam do periódico, e como se estabelece a relação entre os apenados, diretores de unidade e agentes penitenciários. Ao alcançar tantos presídios, o impresso permite ainda que as internas criem novos vínculos afetivos com apenados de outras unidades, o que torna o *Só Isso!* um instrumento capaz de encurtar distâncias e afastar a solidão.

Diante do exposto, o próximo capítulo trata da circulação do impresso e como este se configurou como uma ponte entre os presídios.

### 3 UM ELO ENTRE PRESÍDIOS

#### 3.1 Estratégias de circulação do impresso

A fim de investigar como o jornal se tornou um elo entre os presídios dúvidas surgem e se traduzem nas seguintes questões: quais são os presídios por onde circulou? Em que outras instituições e órgãos públicos o *Só Isso!* marcou presença? O jornal circulava entre agentes penitenciários e outros funcionários ligados à administração das unidades penais?

São estas as perguntas que tento responder para melhor compreender os percursos desse impresso que teve grande destaque durante os seus quatro anos de circulação, sendo distribuído como consta na edição de número 8, em todo sistema penitenciário do Rio de Janeiro, a todas as autoridades e órgãos competentes: Vara de Execuções Penais (VEP), Defensoria Pública, Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) e Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), como também universidades de Direito e Jornalismo, além de Organizações não governamentais e igrejas. O jornal também foi encaminhado a outras penitenciárias de fora do estado do Rio de Janeiro.

É possível perceber que houve um esforço da equipe do jornal no sentido de fazer com que o *Só Isso!* ultrapassasse os muros da prisão e chegasse à sociedade através de uma busca por anunciantes interessados em divulgar no impresso a oferta de serviços de advocacia e outros de interesse da comunidade prisional e seus familiares:

A qualidade do jornal é exatamente para chamar a atenção de empresas, firmas, ONGS e outros segmentos da sociedade livre que queiram anunciar ou fazer permutas com produtos necessários aos internos. Mas, até agora não obtivemos nenhuma resposta neste sentido. Não sabemos se é pelo preconceito de ser um jornal feito de preso para preso (n. 8, jan. 2006, p. 2).

O espaço do jornal que buscava atrair anunciantes da sociedade livre era intitulado “Anuncie Aqui”, mas a redação nunca publicou qualquer anúncio desse

tipo. O objetivo era estabelecer uma permuta entre os interessados em divulgar serviços no jornal e a redação do *Só Isso!*, como explica o trecho:

Anunciar no nosso jornal contribuirá também para atender às necessidades materiais das internas, permutando publicidade por produtos de primeira necessidade. E deve-se dizer que precisamos de muitas coisas por aqui. Sabonete, pasta de dente, escova de dente, algodão, absorventes, fraldas para os bebês que estão na creche e, por que não, desodorante e shampoo. Também necessitamos de materiais de escritório, pois só assim o nosso jornal pode ser mantido. Tudo isso poderá ser trocado por anúncios no nosso jornal, que divulgará a marca e a generosidade de nossos patrocinadores( nº 9, mai. 2005, p.3).

Diante desse contexto e a fim de melhor compreender a circulação do referido impresso, vale atentar para Chartier (2002, p. 138) quando afirma que distinção e divulgação se caracterizam como noções solidárias e nos permitem propor uma compreensão da circulação dos objetos. Sendo assim, é importante aqui destacar como as internas pensaram a divulgação do impresso, sendo uma ideia da equipe criar um grupo de ex-internas para divulgar o *Só Isso!* buscando dialogar com patrocinadores por conta da dificuldade das apenas de estabelecer contato com o mundo extramuros. No entanto não há indícios em nenhuma edição do jornal que esta equipe de ex- apenas tenha existido. As presidiárias ressaltam a importância desse trabalho fora da penitenciária já que “na prisão tudo é controlado, a não ser que se tenha alguma colaboração de fora ou da própria direção” (nº 8, jan. 2006, p.2).

Vale destacar a importância da circulação do *Só Isso!* em uma instituição controladora e tão complexa, onde essas mulheres acabam ofuscadas por práticas que não levam em conta os seus direitos sociais. Nesse sentido, pode-se pensar que esse impresso tem a relevante função de dar voz e visibilidade a esses sujeitos e só foi possível pelo apoio da direção da unidade e de seus patrocinadores.

Para melhor compreender o cenário e contexto de circulação do *Só Isso!* vale atentar para a reflexão de Chies, Barros, Lopes, Colares e Oliveira (2009, p. 275-276) acerca da vida dessas mulheres privadas de liberdade:

Contudo, num contexto que tende a reproduzir e potencializar um sistema de submissão do feminino, as estratégias possíveis implicam para além dos aprendizados de paciência, observação e cautela, no esgarçamento da capacidade feminina de se adaptar e sobreviver aos contextos de dominação.

Fazer circular o *Só Isso!* a fim de dar voz, visibilidade, criar um canal de comunicação entre internas e internos e ainda gerar trabalho para as apenas não



deixa de ser um estratégia e uma demonstração de capacidade dessas mulheres de amenizarem as dores do encarceramento. Tal proposta, destaca-se justamente por se fazer em espaço que não é nada propício à sua criação e circulação: a prisão feminina e outros presídios masculinos.

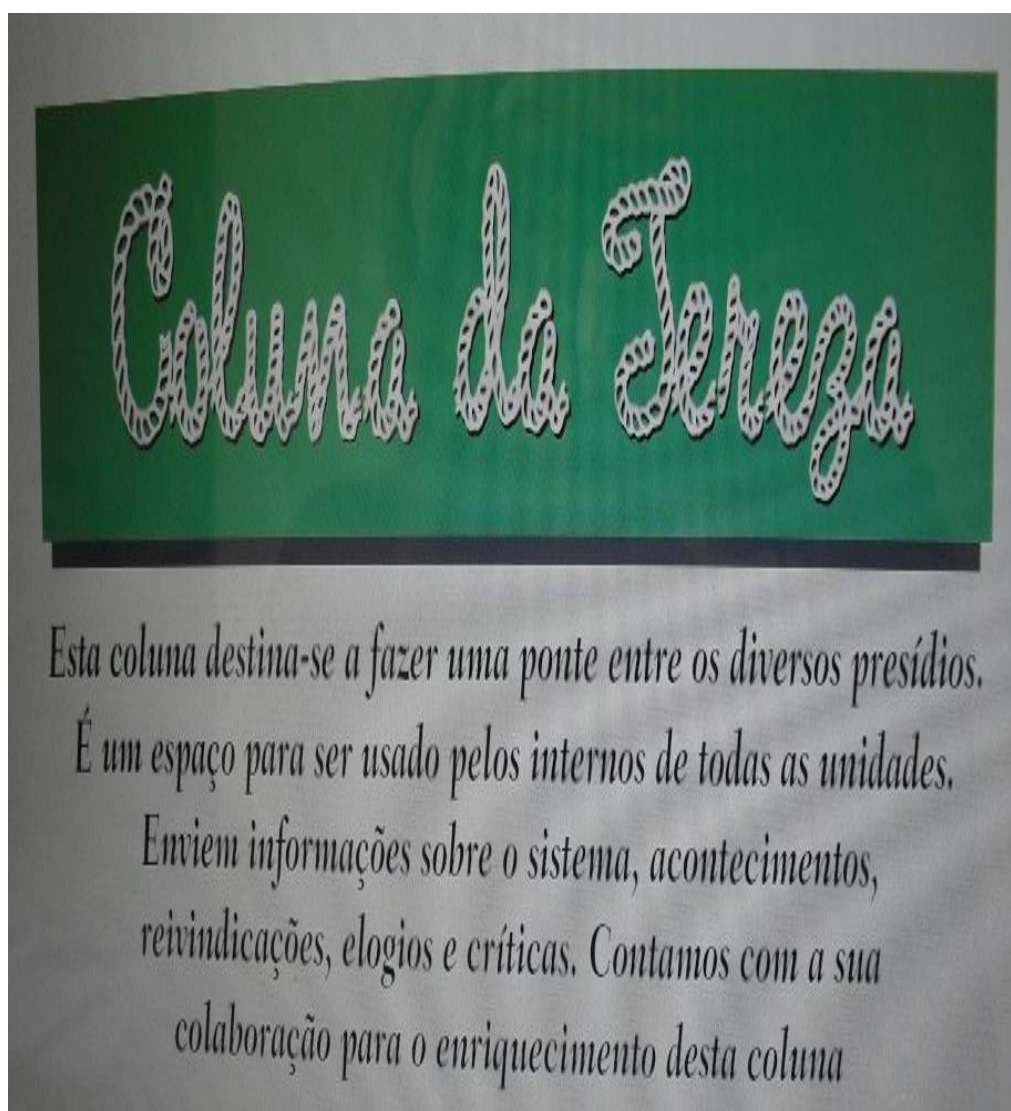
Talvez, por tantas dificuldades, a distribuição do *Só Isso!* fosse motivo de festa na unidade, como na quarta edição, distribuída em ritmo de samba:

A primeira sexta-feira do ano ficou marcada pela distribuição da quarta edição do *Só Isso!*, com a apresentação do “Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco *Só Isso!*, também conhecido como “Concentra Mas Não sai mesmo”, conduzido e ensaiado pelo grande mestre de percussão Faíscca da Serrinha (n. 5, mar. 2005, p. 1).

Tendo como objetivo fazer uma ponte entre os diversos presídios a “Coluna da Tereza” é um espaço do *Só Isso!* utilizado pelos internos de todas as unidades para o envio de informações sobre o sistema, acontecimentos, reivindicações, elogios e críticas. Flora Daemon (2008, p. 9) aponta o significado do nome desse espaço do jornal:

Tereza, para o público-alvo do *Só Isso!* tem um significado bastante familiar: é o instrumento fabricado com tecidos e cordas que servem como ferramenta de comunicação quando transmitido entre celas e como objeto de fuga quando lançado sobre os muros da unidade penal. É possível notar que a fonte com a qual foi construída a logomarca foi desenvolvida para se parecer com uma corda.

Por possuir este sentido, a referida coluna ajuda a perceber os espaços prisionais por onde o impresso circulou e a importância de nele circularem informações dos diversos presídios, já que traz à tona os problemas e as propostas bem sucedidas realizadas no Sistema Penitenciário.

**Figura 8: Foto da “Coluna da Tereza”**

Fonte: edição n. 9, mai.2006

O quadro a seguir traz as temáticas e os presídios de onde os internos enviaram seus textos para a “Coluna da Tereza” a fim de levantar um panorama dos presídios do Rio e de outros estados por onde o *Só Isso!* circulou e as unidades prisionais que mais marcaram presença na referida seção. Vale ressaltar que a referida coluna só aparece na edição de número 9.

**Quadro 7: Levantamento das cartas enviadas à “Coluna da Tereza”**

<b>Edição</b>	<b>Unidade Prisional</b>	<b>Assunto</b>
Nº 9, mai.2006, p.4	Penitenciária Elizabeth Sá Rego	Ausência de parlatório em Bangu V
Nº 9, mai.2006, p.4	Penitenciária Moniz Sodré	Concurso Gospel na Muniz Sodré
Nº 9, mai.2006, p.4	Presídio Regional de Bagé- RS	Bom funcionamento do presídio de Bagé
Nº 9, mai.2006, p.4	Presídio Hélio Gomes	Internos solicitam escola na Unidade
Nº 10, set. 2006, p.4	Penitenciária Lemos de Brito	Fim de apresentações de grupo de teatro
Nº 10, set. 2006, p.4	Presídio Evaristo de Moraes	Falta de oferta de trabalho na unidade
Nº 10, set. 2006, p.4	Presídio Esmeraldino Bandeira	Reforma no templo evangélico e roda de capoeira na unidade
Nº 10, set. 2006, p.4	Penitenciária Elizabeth Sá Rego	Inauguração de escola na unidade
Nº 10, set. 2006, p.4	Presídio Hélio Gomes	Destaca as atividades realizadas na unidade
Nº 11, dez.2006, p.11	Penitenciária Laércio da Costa Peregrino	Crítica ao Sistema e importância do jornal <i>Visão</i> , elaborado na unidade
Nº 11, dez.2006, p.11	Presídio Hélio Gomes	Trabalho da Banda de Rock “Os Missionários”
Nº 11, dez.2006, p.11	Presídio Esmeraldino Bandeira	Destaca as atividades realizadas e faz elogio ao Diretor da unidade
Nº 11, dez.2006, p.11	Penitenciária Moniz Sodré	Inauguração de curso de informática
Nº 11, dez.2006, p.11	Penitenciária Jonas Lopes de Carvalho	Falta de empenho das autoridades em prol de projetos
Nº 11, dez.2006, p.11	Presídio Carlos Tinoco da Fonseca	Realidade dos presídios do Noroeste Fluminense
Nº 12, ago.2007, p.4	Presídio Esmeraldino Bandeira	Agradecimento aos professores e pedido de ajuda para a escola
Nº 12, ago.2007, p.4	Presídio Evaristo de Moraes	Solicitação de garantia de visita aos internos
Nº 12, ago.2007, p.4	Penitenciária Lemos de Brito	Transferência de internos
Nº 12, ago.2007, p.4	Penitenciária Barreto Campelo- PE	ONG Nordeste
Nº 13, ago.2008, p.4	Presídio Esmeraldino Bandeira	Epidemia de Tuberculose
Nº 13, ago.2008, p.4	Presídio Edgar Costa	Trabalho nas unidades
Nº 13, ago.2008, p.4	Presídio Evaristo de Moraes	Necessidades dos internos
Nº 13, ago.2008, p.4	Presídio Alfredo Tranjan	Crítica à ausência do Estado
Nº 13, ago.2008, p.4	Presídio João Carlos da Silva	Crítica às condições da unidade

Fonte: Edições do Só Isso!

De um universo de 49 unidades penais existentes no estado do Rio de Janeiro<sup>32</sup>, percebemos, no quadro anterior, a presença de cartas de internos de 12 presídios do estado, além de uma unidade do Rio Grande do Sul e outra de Pernambuco. No entanto, ao analisar outras seções como a “Correio Sentimental”, discutida a seguir e a seção “Carta de Leitores”, que será discutida no capítulo 4, é possível perceber a participação de internos de todos os presídios do Rio de Janeiro, além de outros de fora do estado. O destaque à “Coluna da Tereza” se dá pelo sentido que esta assume na medida em que se configura como um espaço que remete à importância da circulação do jornal nos diversos presídios por suscitar os problemas e caminhos bem sucedidos encontrados no Sistema Prisional já que o periódico é distribuído também nos órgãos públicos e instâncias voltadas para a execução penal. Podemos, então, pensar nesse espaço do impresso como uma estratégia de divulgação das necessidades dos internos dos diversos presídios.

Nesse sentido, a reivindicação em prol da melhoria da educação oferecida nas unidades, reclamações acerca da falta de oferta de trabalho no Sistema, a ausência de espaços para visitas íntimas, críticas ao poder público, notícias sobre atividades realizadas por denominações evangélicas, além de informações positivas sobre projetos desenvolvidos nos estabelecimentos penais, marcam presença na “Coluna da Tereza”.

A ampla distribuição do *Só Isso!* alcança diversos presídios de outros estados e alguns sujeitos ampliam sua circulação por iniciativa própria, que permite entrever que os leitores participam de modo ativo da divulgação do impresso:

#### ONG DO NORDESTE

Quando chega em minhas mãos o exemplar do jornal eu tiro algumas xerox, eu distribuo para mais quatro cadeias, que por nome já conhecem todas vocês. As mais populares são: Nacarid Bello, Lila Mirta e Keliane Borges. Estas já são famosas por nome não só na minha igreja, bem como nos outros presídios masculinos. Tais como: Unidade Prisional Igarassú / Penitenciária Agrícola São João / Presidio Prof. Aníbal Bruno e aqui também. Há também uma forte admiração por parte das mulheres detentas da Colônia Feminina Bom Pastor. Pois elas ganham muito com as informações que vocês dão. A nossa parceira de ajuda humanitária e cristã aqui eu mais quatro pastores que também são detentos criamos uma ONG União Carcerária Cristã que fornece ajuda espiritual por meio de cartas, com base em aconselhamentos, e material de uso higiênico para os irmãos que não têm visita [...].  
*Pastor Marcos Antônio dos Santos – 9497 Barreto de Campelo – Ilha de Itamaracá – PE – pavilhão HC 23 / 53900-000 (n. 12, ago.2007, p. 4)*

---

<sup>32</sup> A listagem de todos os presídios do estado do Rio de Janeiro encontra-se no site da Secretaria de Administração Penitenciária.

Ao total, incluindo as unidades já destacadas, foram mapeadas 11 unidades fora do Rio de Janeiro, que recebem o jornal elaborado pelas presidiárias:

**Quadro 8: Circulação do *Só Isso!* em outros estados**

<b>Unidade Prisional</b>	<b>Estado</b>
Penitenciária 1 de Presidente Venceslau	São Paulo
Centro de Ressocialização de Avaré	São Paulo
Penitenciária Feminina do Tatuapé	São Paulo
Presídio Mirandópolis	São Paulo
Penitenciária Juiz Plácido de Souza	Pernambuco
Penitenciária Barreto Campelo	Pernambuco
Unidade Prisional Igarassu	Pernambuco
Penitenciária Agroindustrial São João	Pernambuco
Presídio Professor Aníbal Bruno	Pernambuco
Colônia Feminina Bom Pastor	Pernambuco
Presídio Regional de Bagé	Rio Grande do Sul

Fonte: Edições do *Só Isso!*

É possível perceber que as unidades concentram-se nos estados de São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul<sup>33</sup> e por meio dos textos enviados à “Coluna da Tereza” trazem um pouco da realidade prisional desses estados, onde se destacam a periodicidade das visitas, a alimentação servida, as atividades laborais desenvolvidas, o atendimento jurídico e os cuidados com a saúde dos internos:

#### TUDO BEM EM BAGÉ

Aqui no Presídio Regional de Bagé temos visitas duas vezes por semana (quartas e domingos). A visita íntima é uma vez por semana, e é o próprio preso que escolhe este dia. As visitas íntimas entre os presos acontecem, porém a maior parte é da rua, pois o efetivo carcerário é 327 homens e apenas 12 mulheres. A comida que é servida pelo sistema pode ser classificada como mais ou menos, porém nós temos fogão na cela e podemos fazer nosso próprio alimento. Aqui tem escola e também fazemos artesanatos. O material usado é palitos de picolés e com esse material fazemos barcos, baús e abajures etc. Aqui não tem muitos estrangeiros, como já disse o efetivo carcerário é 327 internos e só tem esse presídio na cidade. O atendimento jurídico é bom, temos um advogado na casa e ainda defensores públicos que visitam o presídio sem data definida, mas o que mais ajuda é que uma vez por ano vem uma caravana de advogados de Porto Alegre e olha a situação de todos, fazendo as petições que cabem a cada um. Todos temos direitos a liberdade condicional e muitos outros benefícios. Na saúde a cada 15 dias sempre às sextas-feiras cinco profissionais de saúde e uma unidade móvel estão no presídio para trabalho de emergência e prevenção centralizada na orientação a população

<sup>33</sup> É possível que o *Só Isso!* tenha circulado em outros estados apesar de não haver registro entre as publicações dos leitores.

carcerária a respeito de doenças características do confinamento como: a depressão, tuberculose, hipertensão e as doenças sexualmente transmissíveis. A equipe é composta por um médico, um dentista, um enfermeiro, um técnico em enfermagem e um auxiliar de consultório dentário. Marcelo Boaventura (*Bagé / RS*) (n. 9, mai. de 2006, p. 4).

Nos dois textos encaminhados por internos do Rio Grande do Sul e Pernambuco percebemos um relato positivo acerca de atividades realizadas nos presídios e, no que tange à realidade do Rio de Janeiro, as temáticas, como mostra o quadro supracitado, são diversas e retratam as inúmeras realidades e problemas vividos pelos apenados nos espaços prisionais. Os temas recorrentes na “Coluna da Tereza” estão, pois, voltados para à falta de trabalho, a importância da escola nas unidades prisionais, dificuldades em relação à garantia do direitos a visitas de familiares e críticas em relação à administração dos presídios e à ausência do Estado no que diz respeito aos direitos dos privados de liberdade.

Essa seção é um dos poucos espaços do impresso onde presenciamos textos que retratam a educação no Sistema Prisional:

#### HÉLIO GOMES QUER ESCOLA

Bom, meu objetivo com esta carta é tentar conseguir chamar a atenção para uma coisa que na opinião de muitos deveria ser uma solução, no entanto acaba se transformando num problema! Estou falando sobre “escola” dentro do sistema. Já que elas existem aqui dentro visando restabelecer e ressocializar o preso à sociedade, porque não funcionam direito, como deveriam funcionar? Apesar de estarmos presos, nem todos pensam da mesma forma e muitos gostariam de aproveitar esta oportunidade para aprender a ler e escrever, e no caso de quem já sabe, aprimorar mais seus conhecimentos. Acontece que nem sempre isso é possível, pois existem obstáculos que nos impedem de poder freqüentar as salas de aula, devido ao desinteresse por parte daqueles que deveriam ser os primeiros a nos incentivar. Pelo menos é o que vem acontecendo aqui no Presídio Hélio Gomes e também acontecia no Presídio Evaristo de Moraes. Não sei se meu lamento irá servir para modificar alguma coisa, no sentido de ser dada uma melhor atenção no que diz respeito a “escola nos Presídios”, no entanto escrever esta carta já foi o desabafo que eu estava precisando fazer! Júlio César Pacheco (Helio Gomes) (n. 9, mai. de 2006, p. 4).

Diante do relato do interno a redação do *Só Isso!* responde e mostra empenho no sentido de tentar colaborar:

#### NOTA DA REDAÇÃO

Encaminhamos a sua solicitação à nossa direção que entrou em contato com a direção de seu Sistema, que juntas já estão tomando providencias para que haja nesta Unidade (HG) a inclusão do ensino médio e aulas de informática. Suas solicitações serão assim vistas pelo seu Diretor, que tivemos o prazer de conhecer de perto seu trabalho, e que sempre investiu aqui no Talavera Bruce na educação e na cultura. Acreditamos que no cargo que ocupa no Hélio Gomes, dará prioridade para que vocês continuem mostrando seus valores (n. 9, mai. de 2006, p. 4).

São muitas as reclamações e críticas às condições de vida nos estabelecimentos penais e à falta de empenho das autoridades em propostas que visem à superação das vulnerabilidades sociais que o egresso do sistema irá encontrar quando alcançar a liberdade. A garantia de uma vida digna durante e após o encarceramento é uma preocupação dos internos na coluna em destaque e leva à reflexão de propostas de atendimento aos egressos do sistema penitenciário:

#### BANGU IV

Infelizmente aqui nesta unidade prisional não sei o porque, não há nenhum empenho por parte das autoridades em implantar projetos sociais, visando nossa ressocialização, pois por diversas vezes pedimos e não somos atendidos.  
Eldon Luiz dias de Souza (n. 11, dez. 2006, p. 11)

#### TRABALHO NO TB

O Sistema Penal do regime semi-aberto do Rio de Janeiro é completamente diferente dos outros estados que cumprem o que a lei de Execuções Penais determina: que deve ter a ocupação em trabalho industrial e colonial; como: estampanaria, confecções, marcenaria, e entre outras coisas que seja construtiva, ocupando o tempo aprendendo algumas coisas com cursos profissionalizantes de empresas que deveriam estar em parcerias com o estado para a garantia do emprego do egresso, que é ali que começa o grave e grande problema do preso que sai agora sem nenhum referencial  
Eduardo Pessoa da S. Filho (*Edgar Costa-aberto*) (n.13, ago. 2008, p. 4).

A diversidade dos relatos aqui destacados possibilita interpretar a realidade de algumas unidades, assim como a concepção de alguns internos frente à situação em que se encontram e a realidade dos sujeitos oriundos de classes populares:

#### HELIO GOMES

É um Presídio localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, na Rua Frei Caneca – Nº 505, Bairro Estácio de Sá. Que abriga 1.030 internos de diferentes idades que cumprem pena por diferentes delitos. Os mais predominantes são os artigos 12 e 157. Sendo que as penas são baixas, e a maioria dos internos são primários, tem um índice baixo de reincidência. O sistema é fechado. Nesta unidade constam todas as seções de praxes como: Educação, Psicóloga, Psiquiatra, Jurídica, Classificação, Serviço Social, Custódia; tem uma quadra recém reformada, utilizada para torneios internos que ameniza os sofrimentos e a solidão, tem um auditório onde se realizam cultos e missas.

Tem uma padaria que emprega 15 internos. Na zeladoria e serviços burocráticos trabalham mais de 30 internos. Tem uma escola que vai até o 1º ano de Ensino Médio. Estão dando início a vários trabalhos de artesanato, como também tem o curso de informática com três multiplicadores. Os familiares comparecem às segundas-feiras para terem audiência com o Diretor da unidade Drº Roberto de Sá, para solucionar os problemas pertinentes e familiares dos internos (n. 10, set. 2006, p. 4).

#### O QUE É O CRIME?

Costumava-se dizer que Bangu I é o fim da linha, o caminho sem volta porque ninguém passa impune por lá, é o lugar onde o filho chora e mãe não vê. Mas agora com o lançamento do Jornal Visão, é possível mostrar que nem tudo está perdido, que existe uma segunda chance, mediante a liberdade de expressão, trabalhando na edição de várias matérias que mostram o resgate da cidadania. Durante muito tempo as pessoas tentaram nos convencer de que não deveríamos seguir uma vida errada. Nós também tínhamos dúvida sobre nosso caminho, mas como mudar se

não havia opção? Ser escravo após mais de 100 anos de abolição jamais! Nossos ancestrais já pagaram por nós.

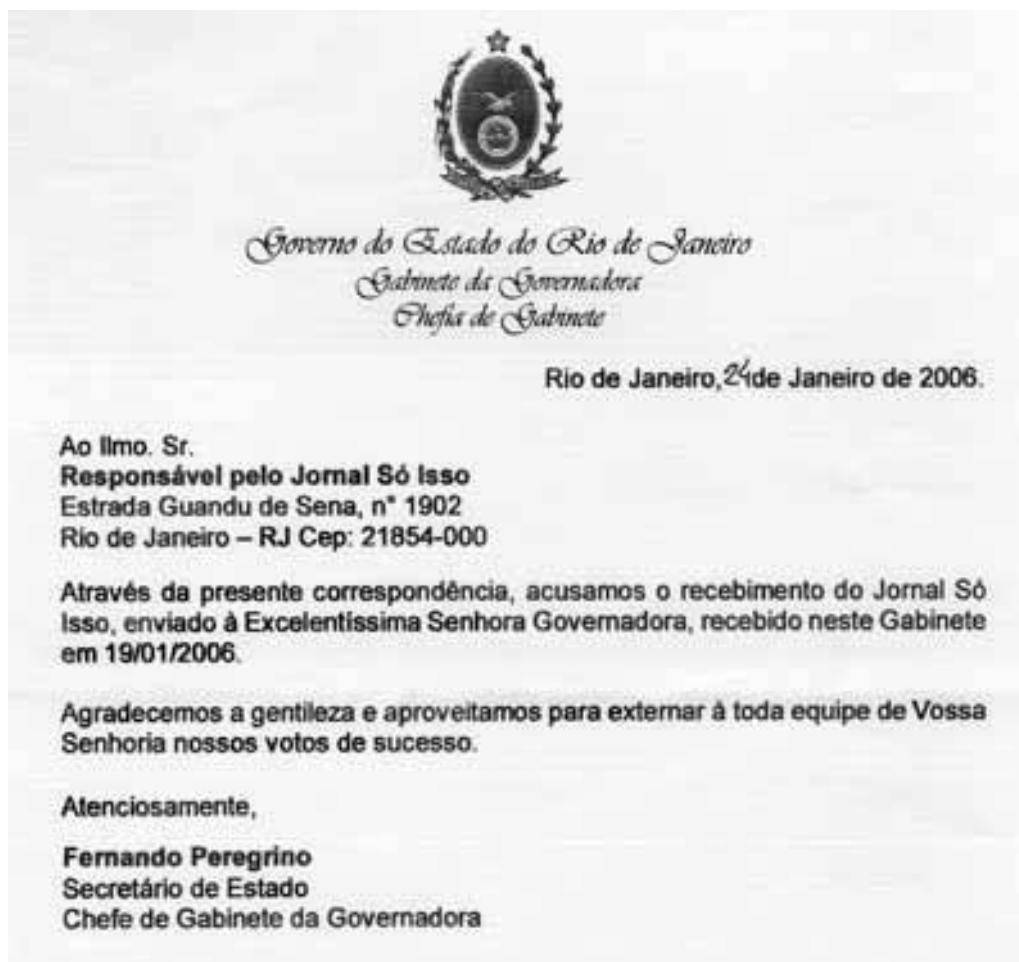
Trabalhar para comer em pleno século XXI, e o povo assalariado ainda se julga digno, só se for digno de pena, pois ninguém tem dignidade com salário mínimo, passa fome mesmo. Aí vejo Mensalão, Mensalinho, Dinheiro na Cueca, Mala voando para todos os lados [...] Wilton Carlos Rabelo e J. Alexandre, do jornal Visão (n. 11, dez. 2006, p.11).

Fazer circular o *Só Isso!* em várias unidades penais, garantindo espaço para que os internos falem de suas realidades é uma estratégia que tem como objetivo denunciar a negação de direitos, assim como trazer à tona propostas que visem a melhoria de vida desses sujeitos. Nesse sentido, a ampla circulação do impresso parece ter o objetivo de fazer valer os direitos, ser porta voz dos privados de liberdade. Mas quem lê essas denúncias? Para que a realidade das internas e internos chegasse ao poder público o jornal circulava, entre os órgãos públicos já citados, em várias instâncias envolvidas com a execução penal e “a partir do (re) conhecimento dos demais atores envolvidos no referido circuito, e do complexo jogo de alteridade que, por vias próprias, reacende as tramas e teias das relações de poder” (DAEMON, 2009, p.18).

Na edição de número 9, foram publicadas cartas enviadas pela Presidência da República, pelo então Governo do Estado do Rio de Janeiro, Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro e da Associação Brasileira de Imprensa. Na edição de número 12 há também uma carta da Defensoria Pública Geral do Estado do Rio de Janeiro enviada ao Diretor da Penitenciária Talavera Bruce parabenizando pelo *Só Isso!*



Figura 9: Carta do Governo do Estado



Fonte: arquivo digital da edição de n. 9, mai. 2006, p. 11

Essas cartas destacam o recebimento do jornal, parabenizam, falam da importância do projeto, mas será que o jornal era mesmo lido pelas autoridades que representam essas instâncias? Eram utilizados para perceber as denúncias e dificuldades por ele trazidas? Respostas estas também não encontradas no jornal, mas o fato é que se o periódico fosse compreendido como um meio de perceber as vicissitudes do encarceramento feminino e masculino, seus depoimentos se traduziriam em mudanças práticas e melhorias na vida desses sujeitos no caso de haver empenho e vontade política dos responsáveis pela administração penitenciária do estado.

Dando continuidade a essa discussão, trarei a partir de agora a seção “Pingue e Pongue” a fim de buscar refletir acerca da circulação do *Só Isso!* entre os profissionais do sistema, assim como a presença destes no referido espaço do impresso.

### 3.2 Uma ponte com outros sujeitos

A seção “Pingue e Pongue” é o único espaço do jornal em que é possível melhor observar o relato de profissionais que atuam no Sistema Penitenciário. Sendo uma seção de entrevistas, na maioria das edições, são diretores de unidades penais que respondem as perguntas da redação do impresso. Mas então por que trazer essa seção para falar da circulação do *Só Isso!*? O objetivo de tal destaque se dá para suscitar a reflexão acerca da relação dos profissionais do sistema com o jornal e com os privados de liberdade, já que o impresso também circulava entre esses sujeitos e essa seção de entrevistas pode ser pensada como estratégia de dar voz, aproximar esses profissionais do trabalho do jornal, já que são estes e a Secretaria de Administração Penitenciária que permitem a circulação do impresso nos diversos presídios. A importância do trabalho dos Diretores de unidades penais pode ser melhor compreendida a partir do que aponta Lemgruber (1990, p. 90):

Em última análise, a sorte da massa carcerária vai depender, em grande parte, da ação do diretor do estabelecimento. Entrega-se uma prisão a um indivíduo e espera-se que eles controlem e impeçam fugas e rebeliões, pois não se pode alvoroçar a população com esses escândalos. De acordo com sua maior ou menor experiência no trato das questões prisionais e de acordo com suas crenças e valores optará por uma determinada linha de ação, à qual os presos deverão adaptar-se para minorar suas dificuldades.

É essa linha de ação seguida por um Diretor(a) de estabelecimento penal que determina se ele permitirá que um projeto como o *Só Isso!* seja possível. Aqueles que assumem uma posição mais repressora, normalmente, dificultam propostas como essa e criam empecilhos para a sua execução e circulação. O que acontece, na maioria das vezes, são práticas administrativas e judiciais que não percebem os privados de liberdade como sujeitos de direitos na perspectiva do respeito à igualdade e à diferença (CHIES, BARROS, LOPES, COLARES, OLIVEIRA, 2009).

Tendo em vista os agradecimentos contidos no periódico ao Diretor da Talavera Bruce que possibilitou a produção do jornal é possível interpretar que a administração deste agradava as internas e estas utilizavam o jornal também como um veículo de aproximação com o gestor da unidade. Ele é o primeiro entrevistado na seção “Pingue e Pongue” e fala sobre o seu trabalho:

*Só Isso!* – Quais mudanças o sr. introduziu aqui no TB?

Pinheiro – Foi criado o espaço cultural Mãos à Arte, o jornal *Só Isso!*, novos postos de trabalho, reativação da hidroponia, disponibilizados vários cursos e apoiado o trabalho da escola. Também temos o desenvolvimento de atividades esportivas e culturais(n. 4,dez. 2004, p. 7).

Lamentavelmente, diretores com a iniciativa de garantir trabalho, educação, cultura e condições dignas de vida para os internos constituem exceção, já que “não raros são os depoimentos das mulheres encarceradas sobre maus tratos, abusos” (Brasil, 2008, p. 46) por parte de servidores que não percebem que a garantia de direitos dos presos não se constitui como privilégio. Essa realidade é também exposta por Barbara Soares e Iara Ilgenfritz (2002, p.117):

As condições no sistema prisional, evidentemente, estão longe de ser ideais. Ali também a violência faz parte do cotidiano das presas, embora em proporções menores do que na polícia. Há relatos de espancamentos (9,0%), de torturas (7,3%) e de ameaças (17,4%) por parte de funcionários e funcionárias. Ao todo, 24% das presas se disseram vítimas de alguma violência praticada pelo(a)s funcionário(a)s do Sistema. Não se pode esquecer, todavia, que pelo fato de estarem presas e, portanto, submetidas às regras formais e “informais” desse sistema, as mulheres possam ter querido se preservar e, por isso, tenham sonogado informações sobre as violências sofridas nas prisões.

Diante desse cenário, é possível pensar que as internas compreendem a importância de aproximar o *Só Isso!* desses profissionais já que para muitos deles propostas como essa não são bem vistas e a colaboração desses sujeitos é importante no sentido de garantir a circulação do impresso nos espaços de privação de liberdade. Não são todos os diretores de unidades prisionais que permitem e incentivam propostas de cunho educativo, laborativo e cultural e o relato daqueles que, ao menos no discurso, possuem uma visão mais humanista do que seja uma prisão pode sensibilizar os demais sujeitos que atuam no sistema prisional. Neste sentido, uma interpretação possível é pensar que essas entrevistas contidas no periódico sejam uma estratégia de aproximar o projeto desses gestores e funcionários para que estes contribuam na garantia de circulação do jornal nos diversos presídios e também possam incentivar propostas como essa. Abaixo o relato do então Diretor da Penitenciária Moniz Sodrê, agente penitenciário que assumiu a gestão da unidade e também permitiu a produção de um impresso:

*Só Isso!* – O Sr. conseguiu alguma mudança no seu período de trabalho?

Gilson Nogueira – Sim, várias. Com muita luta consegui construir um local de visita para os familiares. Também foi inaugurada a escola, e hoje temos teatro e cinema como lazer. Consegui um refeitório para todos os meus funcionários. E agora temos

a inauguração do Espaço Cultural Missionária Adenice Barreto e o lançamento do jornal Informe Atitude.

*Só Isso!* – E como o sr. acha que poderia estar ajudando o preso?

Gilson Nogueira – Tirando-o do ócio mediante trabalho, estudos, torneios, concursos de músicas e poesias, tendo acesso ao setor de educação, que desempenha um fator importante dentro do convívio (n. 6, mai. 2005, p. 5).

Vale também atentar para o fato de que nem sempre o discurso é condizente com a atuação profissional dos gestores e agentes penitenciários. Segundo Julita Lemgruber (1999), esses profissionais reconhecem que existe um tratamento considerado adequado, mas com frequência, a realidade é bem diferente. Segundo as internas o tratamento dispensado a elas é bem distinto do depoimento desses profissionais. Neste sentido, é preciso relativizar os relatos contidos no *Só Isso!* e, ao mesmo tempo, encontrar pistas acerca da concepção de administração penitenciária desses sujeitos a partir de suas entrevistas. A partir do relato do então Diretor do Presídio Esmeraldino Bandeira, Carlos Eduardo, e do Diretor Roberto, na época à frente do Presídio Evaristo de Moraes é possível fazer algumas interpretações:

*Só Isso!* – Teve alguma mudança nesta Unidade desde que assumiu?

Carlos Eduardo – Várias, paisagismo, parque infantil, colocação de ventiladores, pintura do ginásio de visita, reforma total da Unidade, refeitório remodelado, fábrica de tijolo, fábrica de quentinhas e de placas.

*Só Isso!* – Quais as necessidades mais urgentes nesta Unidade?

Carlos Eduardo – O ideal seria que fossem construídos cubículos individuais (n. 9, mai. 2006, p. 5).

*Só Isso!* – Existe alguma coisa a ser feito para mudar o Sistema Penitenciário?

Dr. Roberto – Faria novas escolas. Respondo pela unidade que sou responsável. Estou tentando dar melhores condições de infra-estrutura para todos.

*Só Isso!* – Se tivesse o poder parlamentar, o que faria no Ministério de Justiça para melhorar administração Penitenciária?

Dr. Roberto – Faria unidades prisionais com capacidade máxima para 500 internos, com espaço para oficinas de trabalho com ocupação diária (n.10, set. 2006, p. 5)

Na primeira entrevista percebemos uma preocupação maior com mudanças e melhorias na parte física do presídio, e na segunda, é ressaltada a questão da escolaridade como um fator importante no sentido de melhorar o sistema prisional. Parece haver percepções diferentes em termos do que é de fato importante para a melhoria dos espaços prisionais e, se não se pode afirmar que de fato o diretor que traz a escola e o trabalho como prioridades dentro das unidades trabalhou em prol dessas questões, o então diretor do Esmeraldino Bandeira não enfatiza a educação, o trabalho e a cultura como aspectos a serem priorizados em sua gestão, atribuindo

maior destaque à parte física da unidade o que pode ser uma pista acerca dos objetivos de sua gestão.

Diante do exposto, há que se levar em consideração que grande parte dos sujeitos que assumem a gestão das unidades penais são agentes penitenciários nomeados para assumir o cargo, como é o caso dos Diretores da Penitenciária Moniz Sodr  e do Presídio Esmeraldino Bandeira entrevistados pela reda o do *Só Isso!*<sup>34</sup>. E, vale ressaltar, que o papel destes profissionais   “antes de mais nada, marcado pelo eterno conflito entre vigiar, punir, reeducar, conflito este que, de resto,   a característica predominante da própria institui o em que está inserido” (LEMGRUBER, 1999, p. 83). Essa categoria profissional   marcada pelo desprestígio e pela dificuldade das condi oes de trabalho nos espaços prisionais:

O trabalho de guarda de prisão não   nem trabalho de prestígio nem tampouco um trabalho tranquilo. Oscilando entre as exigências da reeduca o e os imperativos de segurança, submetido a uma hierarquia bastante rígida, condenado a viver encerrado, a cuidar do abrir de portas, a suportar o mal-humor dos detentos, o guarda se sente um pequeno empregado a quem se exige que assuma responsabilidades pesadas, mantendo a distância dos detentos e do pessoal mais especializado (BUFFARD *apud* LEMGRUBER, 1999, p. 83)

De fato a fun o do agente penitenciário   bastante difícil e também muito importante na dinâmica do universo prisional, pois todas as atividades realizadas dentro dos presídios dependem diretamente da atua o desses sujeitos já que estes são responsáveis pelo deslocamento dos internos para a escola, para o trabalho, atendimento médico, entre outras atividades. Neste sentido, caso esses funcionários e funcionárias não sejam sensíveis quanto “aos prejuízos humanos e sociais que são gerados quando da não efetiva o dos direitos das presas, notadamente do direito   saúde, educa o, trabalho, assistência médica, jurídica, religiosa e   manuten o dos vínculos familiares” (BRASIL, 2007, p. 47), suas atua oes podem se restringir a um ideal repressivo e penalizador. No entanto, vale ressaltar que esses agentes também sofrem com desprestígio profissional e com sobrecargas emocionais e físicas oriundas do ambiente prisional e não possuem forma o adequada para atua o no sistema penitenciário.

Na se o “Pingue e Pongue”, além das entrevistas aqui ressaltadas com os diretores de unidade, encontramos a entrevista da agente Bernardete de Fátima que

---

<sup>34</sup> Essa informa o encontra-se na entrevista publicada no impresso.

fala das dificuldades encontradas quando começou a trabalhar na Penitenciária Talavera Bruce e da vontade de encontrar um trabalho melhor:

*Só Isso!* – Como é o clima entre as guardas e as presas?

Fátima – Quando eu comecei a trabalhar, foi meio difícil, as presas mostravam preocupação e agiam com pequenas provocações por eu ser uma guarda nova. Mas depois de um tempo, elas se acostumaram com meu jeito de ser. Porque mesmo como guarda, nós temos que ver o lado humano delas.

(n. 5, mar. 2005, p. 2)

*Só Isso!* – Por quanto tempo pretende trabalhar aqui?

Fátima – Bom, estou procurando um trabalho melhor, espero o menor tempo possível. Eu tenho que dizer que gosto do que faço, mas ao mesmo tempo uma penitenciária é um lugar triste (n. 5, mar. 2005, p. 2)

**Figura 10: Foto da Agente Penitenciária Bernadete de Fátima**



Fonte: arquivo digitalizado da edição de n. 5, mar.2005, p. 2

Se, por um lado, são constatadas ações indevidas desses profissionais como maus tratos e violência, já mencionados anteriormente, tal fato é também fruto da falta de formação inicial e continuada destinada a esses agentes de segurança. Sem o entendimento de que propostas de cunho educacional, cultural e laborativo são importantes para a reestruturação do sistema penitenciário, possivelmente alguns destes sujeitos não serão capazes de compreender a importância de projetos como

o *Só Isso!* e outros jornais produzidos por apenados. Vale ressaltar que, segundo o informante envolvido com o projeto, um dos motivos que levou ao fim da circulação do jornal foi o fato de este projeto ter perdido espaço após mudança na direção da Penitenciária Talavera Bruce e, pouco a pouco, tendo em vista os entraves gerados pela gestão da unidade e mencionados no capítulo anterior, o impresso deixou de ser produzido. Diante dessa realidade, vale refletir acerca dos seguintes apontamentos:

Como um dos objetivos da reestruturação do sistema prisional é de humanizar e dar eficiência às instituições fechadas, há que se priorizar e realizar uma ação planejada dos recursos humanos. É urgente promover uma reflexão sobre o papel do/a agente e outros servidores/as penitenciários, definir suas responsabilidades, valorizar suas funções, dar-lhe condição de trabalho e segurança, como um dos pilares para a imediata reestruturação do sistema, Em contrapartida, deve ser cobrado o cumprimento das leis no sentido de punir delitos cometidos por esses sujeitos (BRASIL, 2007, p. 46).

A complexidade que envolve a relação entre internos, gestores e agentes penitenciários está ligada à possibilidade de execução de projetos como o *Só Isso!* e, dar voz a esses sujeitos no impresso em questão pode ser uma estratégia da equipe do jornal a fim de sensibilizar os atores envolvidos com a segurança dos presídios acerca da importância da circulação interna e externa desse veículo de comunicação. Segundo Flora Daemon (2009), alguns entraves que surgem e acabam por dificultar a organização dos internos para o trabalho com o jornal pode ser ocasionado por alguns agentes penitenciários que, por não concordarem com o desenvolvimento de um periódico pelos internos, podem dificultar a saída destes das celas.

Diante desse cenário, destaca-se a relevância de reflexões e nuances que envolvem a formação inicial e continuada dos servidores do sistema prisional, na busca por um alinhamento conceitual, técnico e administrativo, em que todos os sujeitos que nele atuam possam respeitar os direitos dos privados de liberdade e serem respeitados e valorizados em sua atuação profissional.

[...] nada se poderá conseguir num ambiente carcerário sem que se atue na compreensão total da complexidade de suas estruturas, processos e dinâmicas, enquanto elementos de um sistema social peculiar, do qual os funcionários de presídio compõem um grupo integrante que está a exigir a atenção de um olhar científico sobre os vínculos que seus membros possuem e estabelecem com tal sistema (CHIES, BARROS, LOPES, OLIVEIRA, 2001, p. 3).

Nesta perspectiva, o *Só Isso!* aponta para a complexidade das relações que se estabelecem dentro do Sistema Penitenciário e revela nuances acerca dos outros sujeitos que fazem parte do universo prisional. Dando continuidade a essa investigação no sentido de pensar no elo que o *Só Isso!* permite entre as unidades prisionais, trarei a partir de agora a seção “Correio Sentimental” para perceber como a escrita em um jornal que circula em diversos presídios permite que os internos busquem novos vínculos afetivos a fim de afastar a solidão vivida entre os muros da prisão.

### 3.3 Encurtando distâncias e afastando a solidão

A escrita na prisão assume um sentido de grande importância, pois por meio dela, os presos buscam “aliviar tensões e suprir carências mais profundas” (MIGNOT, 2002, p.117). A leitura de diversos trechos do *Só Isso!*, nos ajuda a pensar nas escritas que emergem do cárcere como uma “tentativa desvairada de abolir a mais difícil das distâncias impostas entre um homem e o mundo” (MORAES, 2000, p.55), que é a prisão.

É nesse contexto em que a escrita se torna uma forma de superar a solidão, possibilita a ilusão da liberdade tão almejada, torna-se um canal de desabafo e exercício de si, que o *Só Isso!* surge, gerando um veículo na vida das internas pois nestas circunstâncias “la comunicación mediante la escritura se convierte en una necesidad vital (RUBALCABA PÉREZ, 2005, p.222).

É possível perceber o contexto em que o impresso nasce, possibilitando a comunicação entre as internas:

*Só Isso!* nasceu no meio das observações diárias. Vi e senti a grande necessidade de nos comunicarmos umas com as outras, sabermos o que cada uma quer. Depois de chegar a esse lugar, tem que se saber o que cada uma sabe ou pode fazer, compartilhando melhores momentos no meio da solidão, dificuldades, limitações e etc. No meio em que vivemos somos privadas de nossa liberdade física, mas não de nossa liberdade de expressão (n. 1, mai. 2004, p. 1).

Nesse sentido, acredito que foi a possibilidade de expressar sentimentos, angústias, esperanças, as dificuldades e o cotidiano da vida em cárcere por meio



das palavras contidas no jornal, uma das grandes motivações que levaram essas mulheres a trabalharem em prol desse projeto:

En todo el mundo, las formas de la tortura y de la resistencia – una de las cuales es la escritura – se asemejan. Cuanto más extremo y desesperanzado es el sufrimiento, más sorprendente resulta que los sometidos a el gásten sus escasas energías em escribir (RUBALCABA PÉREZ, 2005, p. 218).

Criar um jornal no Talavera Bruce se configurou em uma oportunidade de criar um espaço de trabalho e um meio de comunicação que as auxiliassem a suportar a condição de privação de liberdade. “Uma das coisas que fazem parte do dia a dia das presas é a solidão. Muitas vezes tentamos fugir, mas a solidão é uma realidade que afeta nossas mentes, nossos corações e nossos sentimentos” (nº 6, mai.2005, p.1).

Dentre todas as seções do *Só Isso!* a que mais se caracteriza como um espaço de comunicação entre as internas e internos de outras unidades é a seção “Correio Sentimental”, na qual esses sujeitos escrevem numa tentativa de chegar ao outro, conhecendo apenados que possam se tornar amigos ou amores, por meio da escrita epistolar. Ocupando um enorme espaço no *Só Isso!*, quase uma página inteira, a referida coluna recebe correspondências de internos de praticamente todas as unidades prisionais do estado do Rio de Janeiro. Essas pequenas cartas são enviadas diretamente para o endereço da Talavera Bruce e, em sua maioria, trazem o relato de uma busca por novas amizades ou até mesmo um novo relacionamento amoroso.

Uma carta enviada por um encarcerado traz características como na maioria das cartas enviadas à equipe do jornal:

Queridas amigas desta unidade gostaria muito de me comunicar com vocês todas, pois adoro ler e escrever cartas, e por isso entre todas desejo me corresponder com alguma de vocês, ou melhor, se você é do tipo que gosta de fazer novas amizades, ou até algo mais, escreva para mim, estou prestes a ganhar minha liberdade e gostaria muito de levar você em meu coração. Sou escuro claro, tenho 32 anos, 1,79 de altura e com boa aparência, alegre, carinhoso e adoro romantismo. Desde já, venho através desta na maior esperança de realizar meu objetivo. Pois na verdade tenho vontade de conhecer aí. Imagino que não deve ser legal. Mas imagino como é vocês todas juntas, deve ser engraçado. Tem hora que fico pensando: se colocassem um de nós entre vocês, como seria? Deve ser a maior loucura. Querida! De seu amigo um grande beijo, não deixe de escrever para mim, desculpe se escrevi algo que você não gostou (n. 4, dez. 2004, p. 6).

Essa carta, como grande parte das enviadas para o impresso, traz sempre o desejo desses apenados de conhecerem outros sujeitos que se encontram na

mesma condição, criando uma rede de remetentes e destinatários. Em todas elas existe a referência completa do endereço do presídio em que se encontra o remetente, para que os interessados enviem futuras cartas. Vale destacar que essas futuras correspondências serão pessoais e não terão publicação no impresso.

A descrição física e de algumas características de personalidade são muito utilizadas com o objetivo de atrair o interesse de futuros correspondentes. Segue abaixo mais uma carta que possui essa característica:

Gostaria de receber muitas cartas de amor e com certeza responder a todas. Quero me corresponder com mulheres de 29 a 40 anos, para compromisso sério. Meu nome é L., tenho 25 anos de idade, 1,67 de altura, sou moreno, olhos e cabelos castanhos escuros, corpo malhado, 65 quilos. Sou romântico, carinhoso e me encontro muito só nessa jornada (n. 4, dez. 2004, p. 6).

Segundo Foucault, “a carta faz o escritor ‘presente’ àquele a quem dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de presença imediata e quase física” (1992, p. 149). Neste sentido, penso que a descrição física dos remetentes, sempre presente nas cartas do *Só Isso!*, pode ser compreendida pela necessidade de esses sujeitos se fazerem presentes a tantos outros que se encontram na mesma condição. Tentar mostrar-se para o outro a partir de aspectos físicos me parece uma estratégia pela busca de um futuro correspondente que pode se sentir atraído por essa descrição. Esta faz com que os leitores das cartas imaginem como é o escritor e, quem sabe a partir daí, se interessem em estabelecer uma troca de informações acerca da vida: anseios, decepções, alegrias, o cotidiano da prisão e expectativas dentro e além da vida atrás das grades.

A busca por amenizar os sofrimentos gerados pela solidão é muito forte na vida dessas mulheres, pois a situação das encarceradas mostra-se bastante penosa. Tal afirmação se faz, pois como aponta Sorciere (*apud* LEMGRUBER, 1999) a mulher presa é vista como transgressora da ordem em dois níveis: a ordem da sociedade e a ordem da família, por abandonar seu papel de mãe e esposa — que lhe foi “naturalmente” destinado. Não há crítica sobre esse papel não-natural, mas cultural, visto como o único caminho para as mulheres. Além disso, deve suportar uma dupla repressão: a privação da liberdade comum a todos os prisioneiros e uma vigilância rígida para protegê-las contra elas mesmas, o que

explica por que a direção de uma prisão de mulheres se sente investida de uma missão moral.

Um trecho do jornal, que faz parte da matéria intitulada “ *Dia de visita, sem visita*”, ressalta o abandono dessas mulheres:

Somos mais de 300 internas, e as visitas são feitas às quartas-feiras e sábados das 13h às 16h30 e aos domingos das 10h às 16h30. Bem menos da terça parte de todo o coletivo tem visita. Na área de parlatório não são mais de 20 mulheres que recebem visitas íntimas dos maridos de sociedade livre. Vemos que o abandono dos companheiros é muito grande (n. 6, mai. 2005, p. 1).

A visita íntima nos presídios, chamada de parlatório, é concedida às presas que têm companheiros em liberdade. Segundo descrição contida no próprio jornal, esta da Talavera Bruce é uma galeria limpa, com 29 cubículos que contam com chuveiros e vasos sanitários. Para elas, esse espaço “é sem dúvida o melhor espaço da cadeia” (n. 6, mai. 2005, p. 3).

No caso das internas que não possuem um relacionamento fixo com homens livres há a possibilidade de visitar internos de outras unidades e, nesse sentido, o *Só Isso!* teve um papel muito importante:

Vários casais que se conheceram através do correio sentimental do *Só Isso!* vêm se correspondendo e, quem sabe, futuramente poderão formar um lindo casal com visitas íntimas. Que tanto pode ser feita com a ida de uma interna até o presídio do homem, como de um homem da sociedade livre que venha visitar a presa (n. 6, mai. 2005, p. 3).

Essas cartas também possibilitaram às internas comprovarem o vínculo amoroso com internos de outras unidades, o que garante a possibilidade de visitas íntimas. Contudo, embora permitidas por lei, essas visitas só são viáveis em alguns estados e em certas prisões que puderam adaptar seus espaços físicos para este fim. Na prática, utilizada por um número insignificante da população carcerária, havendo também uma série de requisitos normativos indispensáveis para sua execução, o que dificulta ainda mais o problema (IGENFRITZ, SOARES, 2002). Algumas conversas informais permitem supor que o fato do *Só Isso!* ter aumentado a possibilidade de as internas receberem essas visitas também gerou tensões e incomodou a administração da Penitenciária, se caracterizando como mais um dos entraves para a continuidade do jornal.

Outro fator que colabora para que as apenadas sejam pouco visitadas são os constrangimentos pelos quais os visitantes passam, além da burocracia e dificuldade

para conseguir a carteira de visitante. Um dos fatores é a revista vexatória a que são submetidos os familiares e amigos das internas e o outro é o fato de apenas as internas que não possuem parentes terem o direito receber visitas de amigos. O trecho abaixo traz um pouco dessa realidade:

É impressionante a quantidade de pessoas que não recebem uma visita por mês, e não é por falta de tempo de alguém que queira vir, mais sim por que as autoridades nos fecham as portas. E parecem nos querer tirar um pouco da nossa felicidade. Havia uma época em que tínhamos até três visitas de amigos, depois houve uma mudança e se reduziu a uma pessoa, até que por último não permitem a entrada de ninguém (n. 9, mai. 2006, p.7).

Esse cenário permite compreender a importância da coluna aqui discutida por possibilitar a comunicação entre esses sujeitos privados de liberdade que vivem em uma instituição onde “la limitación de las visitas y los contactos epistolares constituyen de hecho una espécie de pena accesoria que se agrega inconmesuradamente a la condena” (CAFFARENA, 2005, p.121). Uma pequena carta de uma apenada estrangeira da Penitenciária ressalta os sentidos que essa escrita expressa e assume em sua vida diante do contexto de imensa solidão:

Sinto-me muito só e gostaria de fazer amizades. Eu falo pouco o português, inglês e um bom alemão. Todos nós queremos atenção um do outro. Eu me chamo Ângela. e gostaria muito de sua correspondência. Sou loira, 1, 74 de altura, tenho mais de 40 e menos de 50 anos. Não me deixe sem resposta (n. 4, dez. 2004, p. 6).

Pelo que se vê “a carta enviada atua em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 1992, p. 145). Assim “cada um dos dois será para o outro o socorro permanente, uma ajuda inesgotável” (FOUCAULT, 1992). Diante do que aponta Foucault, a carta abaixo destacada, leva à reflexão acerca dessa busca por compartilhar o sofrimento advindo da privação de liberdade, por meio da escrita:

Aqui vou me apresentar: Sou B., sou morena clara, tenho 44 anos, moro em Duque de Caxias. O que me trouxe para este lugar foi lutar pela honra da minha família o que tive que fazer. Estou no artigo 121. Mas com fé e a vontade de vencer eu sei que vou embora desse sofrimento que só eu sei. Sou batalhadora, guerreira e valente. Caso alguém se interesse e queira dividir um pouco comigo desse sofrimento, pode me escrever, terei prazer em responder. Gosto muito de fazer boas e novas amizades. Até se possível um compromisso futuro. Deixo um forte abraço (n. 9, mai. 2006, p. 10).

Nesse sentido, o estudo dessa seção do impresso e de outras matérias torna-se relevante na medida em que faz perceber o quanto a leitura e a escrita na prisão

ajudam esses sujeitos a suportar a condição de privação de liberdade, os motivos que levam essas mulheres ao abandono e solidão, permitindo ainda, uma melhor compreensão das práticas cotidianas das encarceradas, principalmente no que tange a uma realidade que possui suas especificidades. Se, a correspondência na prisão se faz “por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro ela se constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. De certo modo a carta permite um ‘face - a -face’” (FOUCAULT, 1992, p. 149).

Assim, esse espaço do jornal se constitui como um espaço significativo que emerge nessa relação de poder que se estabelece nas prisões, onde práticas são instituídas e possibilitam que estratégias possam ser elaboradas para amenizar a apropriação exaustiva dos corpos dentro de uma instituição prisional. Essa estratégia, a meu ver, na seção “Correio Sentimental”, se configura como possibilidade de esses sujeitos exercitarem a si mesmos por meio da escrita na prisão. “La posibilidad de comunicarse libremente se convertia en un requisito imprescindible para transgredir la inverosímiles restricciones impuestas por el regulamento y derrotar, así, al menos idealmente, el aislamiento físico y mental del confinamiento” (CAFFARENA, 2005, p.113).

Na relação epistolar – e por consequência, para se colocar a si mesmo sob o olhar do outro – que o exame de consciência foi formulado como um relato de si, da banalidade cotidiana, das ações corretas ou não, do regime observado, dos exercícios físicos ou mentais aos quais cada um se entregou (FOUCAULT, 1992).

Se aqui não posso tomar como exemplo as cartas que dividem questões pessoais, cotidiano dos sujeitos, entre outras inquietações, já que estas não são publicadas no jornal aqui estudado, as pequenas cartas do *Só Isso!*, sem dúvida, indicam que estes sujeitos buscam a oportunidade de realizar um exercício de si por meio da escrita epistolar. E o exame de consciência parece fundamental para aqueles que se encontram em privação de liberdade por terem cometido um delito e como consequência abrigam-se em um plano institucional em que complexas são as relações e práticas estabelecidas: “Una línea comunicativa y un escape a la enajenación de la prisión que nos hacen apreciar inmediatamente el sentido terapéutico de la escritura, en particular de las cartas, capaces de suprimir distancias y de alimentar esperanzas y expectativas” (CAFFARENA, 2005, p. 123).

A leitura dessas cartas enviadas para o *Só Isso!*, ajuda a pensar nas escritas como precursoras de elos de futuras amizades, de resistência frente às penalidades e ao esgotamento físico e mental, um espaço para refletir e para sentir afeto apesar das condições desumanas da vida no cárcere:

[...] la lectura y, sobre todo, la escritura, se alzan como una forma de resistencia, como una manera de mantener su cohesión, su integridad. La escritura se convierte para el prisionero en un medio privilegiado para lograr el reconocimiento de los restos de la conciencia propia. Escribir, cuando se hace de una manera consciente e creativa, cuando pretende ser algo más que un juego, ayuda a extraer el sentido de la propia existencia. La escritura es el medio exclusivo en el que se cosifica el proceso del pensamiento y por consiguiente, la única plataforma para lanzarnos a la aventura de entender, de explicar y de asimilar. A partir del estudio del pensamiento fijado, detenido, plasmado en un soporte, se puede conocer, lo que se supone, en resumidas cuentas, insertar algo en lo real y, por tanto, modificarlo. Este es el valor de la poesía, de las palabras, de la creación: modificar la realidad (RUBALCABA PÉREZ, 2005, p.234).

Escrever na prisão, em condições em que viver é uma luta constante, se configura como uma forma de reconstruir a identidade perdida e dar continuidade à vida apesar das adversidades e clausura, das péssimas condições, e de “los insultos, las vejaciones. Se escribe, em resumen, para poder seguir siendo persona” (RUBALCABA PÉREZ , 2005, p.235).

Neste sentido, darei continuidade a essa discussão no próximo capítulo que trará a recepção do jornal para compreender o que este impresso representa na vida de seus leitores, como se configura como palco de anseios, demandas e expectativas e como este é um meio de expressar a liberdade ao menos no campo das palavras, traduzindo emoções e sentimentos.

## 4 LEITORAS E LEITORES DO CÁRCERE

### 4.1 Cartas de leitores, pistas de leituras

A partir da seção “Cartas de Leitores” é possível refletir acerca da recepção do *Só Isso!*, compreender um pouco mais sobre os suas leitoras e leitores e como “nos jornais, a diferença entre redator e leitor se desmancha quando o leitor se torna autor, graças às cartas de leitores” (CHARTIER, 1999, p. 84). Nesse sentido algumas questões são suscitadas, tais como: as cartas trazem que temas à tona? O que elas podem nos revelar? Quem escreve essas cartas?

Nesta perspectiva faz-se necessário pensar nas práticas que produzem esse impresso e os usos que deles são feitos, atentando para os dispositivos textuais e tipográficos de produção de sentido e as estratégias que os produzem e os põem em circulação, pois, “com efeito, cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações” (CHARTIER, 2003, p. 44).

Tentar responder essas questões a partir da referida seção faz perceber como por meio delas os privados de liberdades trazem suas percepções acerca do jornal e demonstram a realidade vivida no cárcere. Por meio de questões ressaltadas nas cartas publicadas no impresso é possível pensar nas artes de viver/sobreviver na prisão, buscar as diversas significações representadas por esse dispositivo narrativo e perceber outros referenciais de leitura que perpassam a vida desses sujeitos já que esta se configura como “um sistema de signos verbais ou icônicos e uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido” (CERTEAU, 1994, p. 264). A análise da seção de cartas torna possível a percepção dos temas mais recorrentes, sinalizando as maiores preocupações dos leitores.

A seção “Carta de Leitores” publicou uma média de 280 cartas escritas por sujeitos privados de liberdade dos diversos presídios existentes no estado do Rio de Janeiro e de outros estados, além de outros sujeitos da sociedade livre. Uma leitura mais atenta das cartas publicadas propicia perceber que a maioria parabeniza e qualifica o trabalho da equipe. Desde os primeiros números, os elogios são inúmeros:

Quero parabenizar a todas pelo direito de expressão que vocês através desse espaço *Carta de Leitores* vêm dando para quem está privado de liberdade. Valeu mesmo! Vocês só têm fortalecido a nós detentos. Paulo Ramos- Presídio Ary Franco (n. 6, mai. 2005, p. 4)

Aqui trabalho para remir minha pena, pois já me encontro há seis anos recluso; anos de muita solidão, onde tenho nas cartas uma grande força para não desistir. Quero parabenizar pelo trabalho que vocês têm feito no jornal *Só Isso!*. Paulo Roberto-Tremembé SP (n. 6, mai. 2005, p. 4).

Neste mundo ainda existem pessoas generosas e compreensivas que ainda acreditam em nós (internos/as), dando uma oportunidade de nos deixar mostrar que somos aptos e capacitados a retornar à sociedade que tanto nos discrimina. É uma forma de expressarmos nossos pensamentos, sentimentos, criatividade, etc...Paulo Henrique- Bangu 5 (n. 4, dez. 2004, p. 4).

Muitas cartas destacam matérias veiculadas no impresso as quais foram consideradas importantes pelos seus leitores. Normalmente os temas polêmicos, ou muito fortes na vida das encarceradas e encarcerados, ganham destaque na referida seção. Nos trechos abaixo, duas temáticas abordadas pelos leitores foram aborto e a ausência de visitas para as internas:

Foi a primeira vez que tive acesso ao jornal e adorei as matérias, são construtivas. Vão desde versos, poesias, contos etc...Houve uma que mexeu profundamente com os meus sentimentos a ponto de me comover; com certeza tocou outros companheiros, só os insensíveis não perceberam o valor daquela mensagem, sobre o aborto. "Aborte essa idéia" foi fundamental para abrir a mente e o coração de muitos, para que não venham a cometer esse crime. Paulo de Oliveira Modesto (HG) (n. 5, mar. 2005, p. 4).

Quero agradecer a todas da redação do *Só Isso!* Principalmente pela matéria "Dia de visita sem visita". Pois é a parte que mais sensibiliza os encarcerados. O trabalho de vocês esta sendo muito bem visto por todos do sistema. Que Deus ilumine todas que ai estão lutando para que o nosso jornal fique a cada dia melhor. Ricardo dos Santos (Presídio Evaristo de Moraes) (n. 8, jan. 2006, p. 9).

Nesse espaço, os internos também enviam mensagens para seus companheiros encarcerados: desejam feliz aniversário, mandam mensagens de estímulo, conforto e desejam felicidades. A comunicação não ocorre apenas entre o leitor e a redação do *Só Isso!*, mas também entre os próprios leitores. Essa seção é utilizada pelos leitores do impresso por diversos motivos. Alguns a buscam para escrever mensagens para os companheiros de privação de liberdade, como já mencionado, outros escrevem para pedir que seja distribuído um maior número de exemplares na unidade em que estão cumprindo pena, existem os que pedem para que seus textos sejam publicados em outra seção do jornal, há também pedidos de ajuda, críticas ao sistema penitenciário, sugestão de matérias para o jornal e, ainda, cartas de leitores que não vivem na prisão, como será exemplificado a seguir.



Todas essas leituras feitas acerca do impresso remetem ao que nos aponta Chartier (1999, p. 92) ao destacar que “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade”. Diante desta perspectiva é relevante analisar esse conjunto de cartas no sentido de perceber e compreender a comunidade de leitores aprisionados e como a leitura faz parte de suas vidas, entendendo que esta “é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1999, p. 77).

Assim como em outros espaços do jornal, por meio das cartas aqui em destaque é possível perceber como os apenados compreendem a importância do jornal e de projetos que possibilitem a melhoria de vida dos privados de liberdade e, “na medida em que as pessoas buscam resolver seus problemas, o espaço destinado às cartas tem a finalidade básica de funcionar como um serviço de utilidade pública para seus leitores” (ROCHA, 2004, p. 89). No trecho abaixo, um interno expressa essa questão e diz o que na sua opinião pode mudar a vida dos internos:

Parablenzo a todos vocês que fazem parte do jornal Só Isso!, e ao diretor desta unidade prisional; são pessoas assim que nos incentivam a melhorar a cada dia. Imaginem vocês, se todas as direções das unidades fizessem um trabalho como este. Lógico que a ociosidade carcerária diminuiria. Criando cursos profissionalizantes, o ex-presidiário teria muito mais oportunidades no mercado de trabalho. Já que o problema da humanidade é não ter profissão, desde o momento que a pessoa torna-se autônoma ganha o governo e ganha o trabalhador. Jaime de Oliveira Marques (Helio Gomes) (n. 6, mai. 2005, p. 4).

Em outra carta publicada encontramos um pedido de ajuda contendo o relato de um apenado que fala da dificuldade de viver em um dos presídios masculinos e pede auxílio para encontrar meios de conseguir transferência para outra instituição penal. Em resposta a essa carta a redação do jornal divulga a limitação em ajudá-lo, mas declaram que a própria denúncia publicada é o máximo que podem fazer. Essa carta leva à reflexão ao que aponta Vaz (1998), quando afirma que, ao recorrer à imprensa para manifestar seus dramas e anseios, o leitor demonstra considerá-la como instrumento de cidadania e espaço acessível para que possa manifestar-se. Segue a carta e a nota da redação supracitadas:

Resolvi escrever para pedir ajuda, pois estou preso no Bangu IV, e aqui é o maior massacre, já que não temos direito a nada. Queria que vocês do jornal Só Isso! me ajudassem, para saber o que tenho que fazer para ir para Água Santa, pois aqui

nem para ir ao defensor dá. Aqui, um dia parece uma semana; vocês me entendem, né? Paulo Renato de A Caldas (Bangu IV) (n. 7, ago. 2005, p. 4).

Nota da Redação

Caro Paulo Renato – Achamos que a melhor ajuda que podemos dar – na verdade é única, já que também estamos presas – é publicar esta sua carta. (n. 7, ago. 2005, p. 4).

Outras cartas eram enviadas por sujeitos da sociedade livre e vale destacar o depoimento de três mulheres: uma professora, uma estudante de psicologia e uma que parece ter envolvimento com um sujeito em privação de liberdade, pois trazem a visão feminina daquelas que não estão cumprindo pena, mas admiram o trabalho das internas e se identificam com as diversas temáticas que perpassam o jornal, além de reforçarem a importância de este ser um trabalho desenvolvido por mulheres e que retratam o universo prisional feminino com muita qualidade:

Li o jornal inteiro e amei! Os textos estão muito bem escritos, em especial o do dia 8 de março, que esclarece as demais internas sobre a importância da gente estar pensando a nossa realidade de mulheres. As poesias, as palavras de força, os maravilhosos desenhos da Lotta. Marcela Pessoa– grafiteira e estudante de Psicologia (n. 2, ago. 2004, p. 2)

Primeiramente gostaria de parabenizar a todas vocês, mulheres de garra pela seriedade deste belo trabalho, que é este jornal e em seguida parabenizar também todas as participantes do concurso de Miss TB, que teve uma grande repercussão. Fiquei muito impressionada com a altíssima qualidade deste trabalho. Li e reli como jamais havia lido um jornal de rua, e então de repente resolvi escrever. Sou mulher como vocês e sei que existem coisas que jamais podemos passar sem. Outra coisa que me despertou muita curiosidade foi quando li sobre internas que não recebem visitas. Não sou melhor que ninguém neste mundo, mas foi preciso eu encontrar alguém preso também, para dar mais valor ao ser humano. Daniele Cristine M. Valério (n. 06, mai. 2005, p. 4)

O *Só Isso!* faz o seu primeiro aniversário. É motivo para comemorar! Comemorar o ato democrático que este jornal representa. Comemorar a oportunidade de ocupar o tempo ocioso do presídio, com uma leitura de interesse comum a todas as internas, com temas bem diversificados. O jornal é muito bem organizado e conta com uma equipe muito dedicada. Parabéns a toda a equipe, que torne realidade esse meio de comunicação tão importante! Professora Denise Almeida (n. 7, ago. 2005, p. 4)

Estas cartas demonstram a diversidade de leitores do *Só Isso!*, apontam as diversas representações que esses sujeitos fazem do impresso. Assim, “desta maneira, não se consegue reconstruir a leitura, mas descrever as condições compartilhadas que a definem, e a partir das quais o leitor pode produzir esta criação de sentido que sempre está presente em cada leitura” (CHARTIER, 2001, p. 33). As cartas de leitores do *Só Isso!* permitem uma aproximação com os problemas localizados nos encontros entre o individual e o coletivo, o oficial e o cotidiano, o formal e o informal.

Pensar a importância da leitura na prisão torna-se fundamental, ainda mais partindo de um impresso em que o papel do leitor e do escritor se confundem, já que a maioria dos textos, não somente as cartas de leitores, é escrita por sujeitos aprisionados em diversas instituições penais. A relevância do ato de escrever e ler durante o cumprimento da pena fica clara no depoimento de Moacyr de Góes, um prisioneiro político da ditadura, em seu livro “Sem paisagem: memórias da prisão”, que traz suas narrativas do ano de 1964. O autor relata que “a leitura, naquelas circunstâncias, assumia o papel de tábua de salvação” (1990, p.119). Nesse sentido, o *Só Isso!* se configura como uma proposta de leitura que contempla a realidade do preso e, inclusive, desperta o interesse dos internos para temas nos quais gostariam de ler no jornal, como mostra a carta de um interno e a resposta dada pela redação do impresso:

Quero parabenizá-las pela idéia de suas obras referentes ao jornal *Só Isso!* Só agora tomei conhecimento, estou lendo a 3ª edição desse jornal, mas não é *Só Isso!*. Parabeno também pelas belezas que infelizmente fazem parte desse cárcere, ou seja, dessa comunidade feminina, desse submundo – TB. Aproveito a oportunidade para reter-lhes um pensamento, na certeza que de certa forma estarei colaborando com o vosso trabalho. Aproveito para dedicar a todas do TB. Gostaria também que vocês fizessem uma enquete sobre a “curiosidade que a mulher presidiária gostaria de saber sobre a cadeia masculina e vice-versa”. E respeitosamente solicito à direção desse jornal, que se possível me envie exemplares das edições anteriores, e que, por favor, me forneçam os nomes da pessoa que escreveu “o dia-dia de uma prisioneira” (VCS) e da Barbara e do GRBC. É *Só Isso!*. Doryekhson Magalhães (Hélio Gomes) (n. 6, mai.2005, p. 4).

#### Nota da Redação

Caro colega Doryekhson estamos publicando o seu pensamento e agradecemos a sua contribuição. A sugestão em relação a enquete, será levada em conta em nossa próxima reunião de pauta. Infelizmente não podemos atender ao seu pedido de enviar edições anteriores devido a terem sido todas distribuídas. Também não é possível fornecermos os nomes das pessoas que você pediu, já que elas preferem ficar no anonimato (n. 6, mai. 2005, p. 4).

Outra solicitação constante na seção “Carta de Leitores” do *Só Isso!* é o pedido de publicação de textos e o envio de exemplares para as unidades. Nesses casos, normalmente, há uma nota da redação em resposta ao pedido. Os escritores utilizam essa seção para reforçarem a vontade de que seus textos façam parte das edições e demonstram muito interesse acerca da circulação do impresso no presídio onde cumprem pena:

Amei o jornal *Só Isso!* [...]. Gostaria, se possível, de receber o seu jornal, pois tem notícias excelentes. Ah, gostaria de enviar algumas de minhas poesias para se possível serem editadas em seu jornal, uma delas para cada edição. Envio-lhes a primeira. Caso se interessem me escrevam. Com poesia eu ganhei o primeiro lugar em “Poesias em Liberdade”, da Fundação Santa Cabrini em 1998. Sou amante da

natureza e de tudo o que é belo neste mundo. Desejo para o jornal e todas as gatas e senhoras muita paz e amor da parte de Deus.

Crobes Luiz Antunes Barrozo, CC de Itaperuna (n. 3, out.2004, p. 4)

Nota da redação

Sua colaboração está publicada na página 5. Gostamos muito, obrigado. Quanto ao envio do jornal, vinte exemplares da última edição foram enviados à direção da CC de Itaperuna para serem distribuídos entre os internos. Estamos enviando também esta edição, que é a de número 3. (n. 3, out.2004, p. 4)

Um ponto que chama muita atenção no relato dos leitores do periódico em questão é o fato de em diversas cartas existirem pistas acerca da religiosidade dos internos leitores do jornal. Há uma forte presença de textos que destacam Deus, Jesus Cristo e, ainda, aquelas que falam a respeito do trabalho desenvolvido pelas denominações evangélicas. Diante desse cenário, “sendo a carta compreendida como gênero discursivo, um dos desafios é procurar entender o fundamento que define a carta na sua natureza comunicativa e a relação que estabelece entre linguagem e visão de mundo” (ROCHA, 2004, p. 65).

As cartas de leitores também trazem pistas acerca da escolaridade de seus escritores, o que tentarei explicitar a partir da análise da grafia das palavras e a linguagem utilizada pelos apenados.

#### **4.2 Marcas de escolarização na escrita e edição das cartas**

Folheando o jornal, é possível perceber que apesar da baixa escolaridade das internas e internos, poucos são os erros de grafia e concordância encontrados nas cartas de leitores e demais textos trazidos no impresso. Segundo informante, nas primeiras edições havia uma revisora e, posteriormente, as matérias e cartas passaram a ser publicadas no periódico sem a revisão, a fim de trazer à tona os textos originais manuscritos pelos internos e internas com o objetivo de evidenciar as características da linguagem adotada pelos privados de liberdade. No entanto, é possível pensar que os manuscritos enviados à edição do jornal deveriam conter de forma mais evidente as marcas da escolarização desses sujeitos, que em sua maioria, não possuem ensino fundamental completo. Duas cartas de leitores mostram apenas pequenos erros de grafia e concordância:

Estou lhes mandando um pensamento. Já mandei um que saiu na 6ª edição (azul). Fiquei muito feliz de ver um dos meus trabalhos publicado. E saber que compartilho dos meus pensamentos com centenas de pessoas assim como eu. Parabêniso as garotas do jornal pelo trabalho maravilhoso que vocês fazem aí na redação. Um forte abraço para todas as detentas do Talavera Bruce. Um beijo. Carlos Roberto Souza (n. 9, mai. 2006, p.1).

Venho através desta escrita com toda humildade e respeito perante a Deus e minha mãe para mais uma vez agradecer a equipe do jornal *Só Isso!* por sempre ceder o espaço para o interno expressar o que tranca não fala. Três fortes abraços para toda equipe que já é e sempre será vencedora sabe porque? – Vocês têm Deus no coração; para todo sempre um grande amigo que hoje esta aqui mas amanhã só Deus quem sabe. Por todos que aqui estão, onde a covardia é constante. *Álvaro M. C.* (Presídio Hélio Gomes) (n. 10, set. 2006, p. 6).

Diante de textos geralmente bem escritos e que apresentam apenas pequenos erros, surge uma hipótese que diz respeito à possibilidade de os apenados de baixa escolaridade delegarem a escrita a outros sujeitos com maior escolaridade, seja um interno ou um familiar no momento de visita. Segundo Gláucia Diniz Marques (2008), é uma prática muito comum, entre os que não dominam ou dominam pouco a prática de escrita, delegar a outrem a escrita e este escritor torna-se então até provável criador, na medida em que interfere com suas ideias e conhecimentos. Esta pode ser uma hipótese plausível diante de tantos textos bem escritos publicados no jornal:

É tempo! Tempo de paz, de reflexão; tempo de unirmos nossas forças para atingirmos nossas buscas; encontrar em nossa natureza as transformações de nossas maneiras; descobriremos porque somos tão diferentes do que deveríamos ser, e dentro destas nossas descobertas, tentarmos não magoar nossos semelhantes, que estão tentando encontrar as mesmas soluções que nós. É bom que sejamos compreensivos com os nossos próprios problemas e que tenhamos paciência dentro deste limite que envolve nossas mentes de todas as formas, no espaço dessa natureza. Se acaso deixássemos que o tempo levasse de nós os momentos de nosso presente, sem que aprendêssemos alguma coisa, seríamos tão inseguros que não valeria a pena estarmos trilhando para o futuro, porque não teríamos motivos para um novo amanhã! REGINALDO M. ELIAS (EB) (n. 7, ago. 2005, p. 8).

É possível também pensar que, apesar de não haver uma responsável pela revisão das cartas, ao serem redigidas, estas passassem por mudanças feitas pelas editoras no jornal e, vale ressaltar que a editora Lila Mirtha concluiu o nível superior, representando uma pequena parcela de internas com alto nível de escolaridade. Diante dessa possibilidade surge uma questão: como pensar na intervenção das editoras nas cartas publicadas no jornal?

Para pensar as cartas publicadas em periódicos é preciso perceber que estas ao serem redigidas e publicadas perdem o seu caráter de comunicação espontânea, presentes nas cartas íntimas e são “resultado de uma série de filtros que envolvem a

seleção do que é ou não publicado, o que acaba por transformar o seu conteúdo em uma representação do real” (VAZ, 2007, p. 44).

Diante dessa seleção e intervenção da edição do jornal no conteúdo e na escrita dos textos publicados é que se pode pensar na revisão e mudança de grafia nas cartas e outros textos enviados pelas internas e internos de outras unidades, o que pode explicar os poucos erros encontrados nas escritas de um público leitor de baixa escolaridade. Nesse sentido, vale também ressaltar que apesar das várias cartas elogiosas de leitores em relação ao trabalho e de não ter encontrado nenhuma carta que criticasse qualquer matéria publicada, é preciso pensar nessas publicações como fruto de uma seleção, que pode sim, ter excluído as cartas que contivessem algum tipo de questionamento em relação a esse projeto e aos assuntos debatidos, pois:

É bastante habitual que as edições de cartas levam a cabo seleções e manipulações que fazem com que a carta mesma perca as características de espontaneidade, naturalidade e privacidade que leva implícita (ROCHA, 2004, p. 76)

No entanto, pela quantidade de cartas parabenizando e destacando a relevância de um projeto como esse em espaços de privação de liberdade, penso que essas demonstram o quanto o jornal foi bem recebido por esse público. Afinal, “as cartas servem para traduzir níveis de receptividade a determinadas posições ou notícias vinculadas pelos jornais, bem como para testar as formas de estilo adotadas e o alcance do conteúdo, assim como para denotar tendências políticas, partidárias, éticas ou de cidadania” (VAZ, 1999, p. 38).

Nesse sentido, as cartas de leitores tornam-se palco de demandas, lamentações e anseios de um grupo que possui baixa escolaridade e que por muitas vezes reivindica por educação nos espaços prisionais. Diante desse cenário, é importante investigar as práticas educativas realizadas nas unidades penais para melhor entender a realidade educacional desses sujeitos.

#### 4.2.1 Educação em espaços de privação de liberdade

Apesar da grande relevância da educação nos espaços de privação de liberdade, a análise do *Só Isso!* faz perceber como essa não era uma temática muito abordada no impresso. Cabe aqui ressaltar, que a escolha por priorizar esse tema não se fez pelo destaque dado a esse no jornal, pois são poucos os textos encontrados no *Só Isso!* que falam de educação e, sim, por considerá-lo de extrema relevância na discussão acerca dos direitos dos apenados e para a compreensão de quem são os sujeitos leitores do impresso. No entanto, os poucos espaços do jornal destinados a trazer algo sobre a escola da Penitenciária Talavera Bruce e de outros presídios trazem pistas que possibilitam compreender melhor e problematizar a realidade educacional existente em unidades prisionais. A partir da edição de número 3, já se pode conhecer um pouco mais da Unidade Escolar que atende as internas:

Inserida no Sistema Penitenciário Talavera Bruce, a Escola Estadual de Ensino Supletivo Roberto Burle Marx funciona em dois turnos e mantém em funcionamento o ensino fundamental (do CA até a 8ª série) e o ensino médio. Seu corpo docente (de professores) pertence à SEE e é submetido periodicamente a atualizações (reciclagem), cuja direção está a cargo da professora Maria de Nazaré. Trata-se de uma escola onde não há carência de professores em disciplina alguma (quadro defuncionários completo). Como também as alunas têm a oportunidade de usufruir de um ensino quase personalizado que reconhece sua realidade. Quem passa pela escola tem toda possibilidade de sair com um bom nível de ensino e até mesmo cursar uma faculdade. A escola iniciou suas atividades efetivamente no ano de 1994, e esteve desativada no início dos anos 80. Não deixa nada a desejar às escolas lá fora. As salas de aulas, todas com infra-estrutura de primeira qualidade, possuem até computadores, para o curso de informática. O jornal *Só Isso!* parabeniza a direção da Escola Estadual de Ensino Supletivo Roberto Burle Marx pelo ensino de primeira qualidade e carinho que dedica às internas desta unidade. É de profissionais deste tipo que precisamos (n. 3, out.2004, p. 6).

Os estudos acerca do perfil da população prisional mostram que os privados de liberdade têm um nível educacional mais baixo do que a média da população e que, geralmente, as pessoas pobres constituem a maior parte desse grupo. Diante dessa realidade, pode-se constatar que nas prisões do Brasil e do mundo se encontra uma lamentável realidade: sujeitos que não tiveram garantido o direito à educação, sendo muitos analfabetos. Este é também o cenário que encontramos na Penitenciária Talavera Bruce.

De fato, a unidade escolar em questão oferece às suas alunas as condições mínimas necessárias no que tange à infraestrutura, contando com várias salas de aula e quadro de funcionários vinculados à Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC). Como já mencionado anteriormente, no mês de maio de 2007, as unidades escolares em prisões passaram a estar vinculadas de forma direta ao

Gabinete do(a) Secretário(a) de Estado de Educação, por necessitarem de maior acompanhamento administrativo e pedagógico, tendo em vista sua função social e especificidades geradas pela localização no sistema prisional. Em 12 de junho de 2008, foi criada uma Coordenadoria Especial de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas ligada diretamente à Secretária de Estado de Educação, para atender escolas em prisões e em instituições em que adolescentes em conflito com a lei cumprem medidas socioeducativas.

Tal medida se justifica pelas dificuldades de funcionamento de unidades escolares no Sistema Penitenciário e da dificuldade da pasta da educação em trabalhar em parceria com a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro (SEAP). No período em que essas mudanças começam a ocorrer no âmbito da SEEDUC, o *Só Isso!* traz um pedido de ajuda para uma escola existente em um presídio masculino:

Venho pedir socorro para as devidas autoridades competentes, socorro este para a Escola Agenor de Oliveira (Cartola) e a Biblioteca da Unidade Prisional Esmeraldino Bandeira, o qual tem como diretor o Ilmo. Sr. Eduardo da Silva Nogueira. Pois a escola tem como diretora a ilustre sra. Maria da Conceição Borges, agoniza por melhoras urgente, falta de espaço para formação de grupos de pré-vestibulando e supletivos 1º e 2º grau. Os quais já se encontraram inscritos para as devidas provas e desejam formar grupos de estudos, mas esbarram em dificuldades para o mesmo (n. 12, ago.2007, p. 4).

A realidade exposta acima é um dos grandes problemas encontrados nos estados: a falta de espaço físico adequado para a oferta educacional nas Unidades Prisionais. O que existe atualmente, em muitos casos, são espaços improvisados, mobiliário inadequado e que não dão conta de atender toda a demanda de alunos dos estabelecimentos penais. Vale ressaltar que todo o espaço físico é atribuição da pasta da Administração Penitenciária, sendo a parte de mobiliário, material didático e disponibilização de docentes, responsabilidade da pasta da educação. No Brasil, poucas são as experiências que vêm se consolidando enquanto política pública na área de educação em prisões, ao longo dos anos. O que se percebe no cenário nacional são ações dispersas, pontuais e não institucionalizadas e, em alguns estados, a Secretaria de Estado de Educação ainda não assumiu a oferta de escolarização nos estabelecimentos penais.

Apesar de haver oferta de ensino na Penitenciária Talavera Bruce, o trecho abaixo ressalta a forte presença de professores voluntários que oferecem cursos e o quanto algumas atividades educativas ainda dependem da boa vontade de algumas



instituições da sociedade civil e não se constituem como uma política de Estado que pensa o processo formativo das internas em sua amplitude:

Na área educacional e cultural, recebemos a colaboração do Viva Rio, do People's Palace Projects, da ONG Coisas de Mulher, da Alfalite e, de professores voluntários que disponibilizam cursos de auxiliar de creche, oficinas de teatro, elétrica, eletrônica e alfabetização, e também da importantíssima parceria com a E.E.E.S. Roberto Burle Marx, que oferece ensino da alfabetização ao nível médio, através do excelente trabalho dos profissionais que ali se encontram (n. 1, mai. 2004, p. 4).

No dia 3 de março houve a inauguração da sala de aula na Casa de Custódia Feminina de Magé. A primeira turma de alfabetização vem sendo coodernada pela Professora Edileusa, da Igreja Central de Magé, levando o conhecimento para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de aprender a ver um mundo diferente através das letras. Este trabalho tem como participante principal e elaboradora a nossa querida e estimada irmã Missionária Adenice, da Primeira Igreja Batista do Brasil (n. 6, mai. 2005, p. 5).

Outro ponto relevante a se perceber nos relatos do *Só Isso!* são os elogios dirigidos ao trabalho realizado na Unidade Escolar existente na Penitenciária Talavera Bruce, sendo que ela enfrentava muitas dificuldades para manter as alunas na escola e inúmeros são os desafios pedagógicos de uma unidade escolar inserida em um estabelecimento penal<sup>35</sup>. O Colégio Estadual Roberto Burle Marx foi dirigido por cerca de 30 anos pela mesma diretora, e segundo relatos de representantes da Secretaria de Estado de Educação, uma verificação dos procedimentos administrativos da escola por parte do órgão trouxe à tona algumas irregularidades que justificaram a mudança da Direção do Colégio em 2009. Abaixo segue um apelo da ex-diretora, que tentava atrair as alunas por meio de um texto publicado no jornal:

A escola desenvolve habilidades e valores que a acompanharão por toda a vida. E aqui neste lugar temos que aproveitar todas as oportunidades boas que nos edificam, aprendendo a ler e a escrever, adquirindo conhecimentos gerais. Estude e comece a ver o mundo de forma diferente e com independência, porque escola também é ressocialização. Sem contar que se passa o tempo ocupando a mente com algo construtivo. Ao ir à escola a único beneficiado é você, com o curso de noções básicas de computação e material escolar gratuito. E a igreja Nova Vida todos os meses faz sorteio de cestas para as melhores alunas. Você está esperando o que para ganhar conhecimento, sabedoria e dar um novo rumo à sua vida!? As matrículas já começaram e ainda há muitas vagas. O ano letivo vai ter início após o carnaval; procure a seção de educação. Não perca esta oportunidade (n. 5, mar. 2005, p. 5).

Em média, cerca de 100 alunas se matriculavam, por ano letivo, no Colégio Estadual Roberto Burle Marx e, no entanto, poucas davam continuidade aos

---

<sup>35</sup> Durante o período em que atuei na Secretaria de Estado de Educação percebi o esvaziamento da escola, que chegava a completar o ano letivo com apenas 10 alunas.

estudos, mesmo não havendo vaga de trabalho para todas as internas<sup>36</sup> ou qualquer outra atividade, estas acabam por abandonar a escola. O trecho abaixo fala do número de estudantes matriculadas na unidade:

Nessa unidade temos uma escola de ensino básico, fundamental e médio, com turno pela manhã e a tarde com cerca de 100 alunas matriculadas. A unidade foi contemplada com um curso Pré-Vestibular do Cederj, com a participação de 50 alunas. (n. 13, ago. 2008, p. 5)

Há muitos fatores que afastam as internas da escola. Elas precisam se dividir entre o trabalho na unidade prisional e as atividades da unidade escolar, enfrentar a falta de professores e o cancelamento de aulas, e às vezes, preferem apenas o trabalho, por este oferecer maior remição e por haver algumas complicações burocráticas quanto a aliar remição por estudo<sup>37</sup> e por trabalho. Outra questão a se pensar é que o afastamento pode ser causado pelo fato de esta escola não atender as demandas e anseios das privadas de liberdade, principalmente, no caso daquelas que não estão inseridas em nenhuma atividade da penitenciária e mesmo assim se afastam da referida unidade escolar. Talvez seja necessária, longe de querer achar fórmulas ou prescrever maneiras de como a educação precisa ser oferecida dentro do sistema prisional, a reflexão acerca dos sentidos que esta assume na vida das apenadas. Neste sentido, vale atentar ao que nos aponta Chies (2009, p. 103):

Logo, fazer referência à educação nos ambientes prisionais sem se promover uma reflexão crítica sobre os sentidos que confere à sua oferta, à sua prática como intervenção relacionada a um contexto de privações – não apenas de liberdade, mas de todas as que aquela acompanham – , e as peculiaridades assumidas por esse ambientes, é, a priori, por demais ambíguo para se contentar com a simplista, ainda que politicamente correta, afirmação de estarmos referindo-nos a um direito humano básico e fundamental, ou mesmo a uma das “assistências” previstas pela Lei de Execução Penal (LEP – Lei nº 7.210/84, conforme seus artigos 10 e 11, e 17 a 21 (mais específicos sobre a “assistência educacional”).

Chies (2009) examina a importância de se proporcionar aos educandos privados de liberdade uma educação que contemple as especificidades do Sistema, e leve em conta a trajetória de vida desses sujeitos para que esta educação os ajude a viver no cárcere e a superar as adversidades que serão encontradas no mundo extramuros. No entanto, minha experiência durante o trabalho com as escolas em

---

<sup>36</sup> O quadro com o total de internas distribuídas pelas atividades laborativas encontra-se no capítulo 1.

<sup>37</sup> Em 29 de junho de 2011 foi promulgada a Lei nº 12.433 que determina que a cada 12 horas de frequência escolar se garanta remição de 1 dia de pena e, para fins de cumulação dos casos de remição, as horas diárias de trabalho e de estudo serão definidas de forma a se compatibilizarem. Tal lei representa um avanço no sentido de aproximar os privados de liberdade das escolas inseridas nos espaços prisionais.

espaços de privação de liberdade no estado do Rio de Janeiro mostrou que, muitas vezes, o que se encontra são práticas infantilizadoras, na qual se desconsideram as experiências dos alunos para realizar as propostas pedagógicas das unidades escolares. Contribuindo para essa reflexão, De Maeyer (2006, p. 22), discutindo a educação realizada nas prisões, apresenta a seguinte concepção:

O direito à educação deve ser exercido sob algumas condições: não pode ser considerado sinônimo de formação profissional, tampouco usado como ferramenta de reabilitação social. É ferramenta democrática de progresso, não mercadoria. A educação deve ser aberta, multidisciplinar e contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

É possível refletir a respeito do fato de, na prisão, o interno aprender muita coisa, principalmente, a apartar-se da vida social aprendendo a ser passivo frente às suas necessidades. Aprende-se a não ter que buscar comida, a não questionar nada, a não ter um salário pelo trabalho que realiza, a desumanizar as pessoas, no geral “os presos aprendem diariamente nas prisões atitudes, comportamentos, valores e redes que não constituem uma preparação para a saída do presídio” (DE MAEYER, 2006, p. 44). Nesse contexto, talvez seja importante superar perspectivas que vêem a educação e a execução penal “como uma cruzada ‘moralizante’, terapêutica ou salvacionista de ‘almas perdidas’” (CHIES, 2009, p. 119).

Segundo o Relatório Final de Reorganização e Reformulação do Sistema Prisional Feminino (2008, p. 70) os principais problemas referentes à oferta de educação nos estados é a desarticulação entre as Secretarias de Educação e Administração Penitenciária, professores atuando sem formação específica, resistência dos setores da segurança e espaços físicos insuficientes e inadequados.

Diante das dificuldades expostas acima talvez um ponto relevante de reflexão seja a importância da formação inicial e continuada dos servidores do sistema prisional na busca por um alinhamento conceitual, técnico e administrativo no qual todos os atores que atuam se percebam enquanto educadores nos espaços de privação de liberdade. Tal reflexão se justifica pelo embate existente entre professores, agentes penitenciários e diretores de estabelecimentos penais que, na maioria dos casos, percebem de formas distintas o papel da educação no sistema prisional. Muitos servidores ligados à Administração Penitenciária ainda enxergam a escola existente no espaço prisional como um *privilegio* concedido aos apenados, apesar de a educação ser um direito de todos e de assumir grande importância na

vida dos apenados. Além disso, são muitos os desafios da EJA e talvez seja necessária a reflexão acerca de quais práticas pedagógicas são importantes no sentido de atender os privados de liberdade em suas demandas e anseios.

Diante desse cenário, os projetos de formação para professores voltados para a compreensão da pluralidade dos sujeitos da EJA podem auxiliar na construção de um cotidiano que valorize todos aqueles que encontram na EJA a possibilidade da garantia de seu direito à educação, concebendo esta em toda sua amplitude. As propostas curriculares, abandonando os tradicionalismos, podem ser pensadas no contexto dos sujeitos da EJA, por meio da elaboração de estratégias pedagógicas que busquem o potencial formativo dos diversos espaços sociais e que insiram todos os profissionais da execução penal nesse processo.

Apesar de todas as dificuldades, os alunos são muito gratos aos professores, já que normalmente estes estabelecem uma relação de respeito com os internos, tratando-os como alunos e não como “bandidos”. Segue um texto do jornal escrito por um educando grato aos professores, como é a maioria dos relatos de alunos, pois estes percebem os docentes como pessoas boas que se disponibilizam a trabalhar naquele espaço e ajudá-los:

Venho através dessa oportunidade agradecer a todos os professores e diretores dos colégios penitenciários. Em especial a profª Maria da Conceição Borges que junto com uma equipe de professores tem nos proporcionado uma oportunidade de voltarmos à sociedade sem nos discriminarmos, pois os mesmos não tem feito discriminação conosco. Os mesmo procuram nos respeitar como pessoas e não como presos. Em nossos colégio temos campeonato de futebol, festa junina e tudo isso proporcionado pelo dinheiro e suor dos professores. Sei que os nossos professores nem imaginam o nosso agradecimento. Por isso venho agradecer por essa oportunidade que me deram e os mesmos têm dado (n. 12, ago. 2007, p. 4).

Toda a visão positiva que os internos possuem acerca da escola parece ser pouco ligada à qualidade do ensino, ao preparo dos professores ou condições físicas e materiais desta e, sim, pelo que este espaço representa dentro da prisão, como nos aponta Elenice Onofre (2007, p. 25):

Quaisquer que sejam os papéis possíveis apontados pela escola – preencher o tempo, distrair a mente, sair das celas, conquistar benefícios jurídicos, aprender a ler, escrever e fazer contas, ser aprovado nas provas –, ela é percebida pelos alunos como algo positivo dentro da penitenciária. É um lugar onde vivem experiências numa situação de *interação*, em que existe a possibilidade de respeito mútuo, de troca e cooperação, o que contribui para que a pena possa ser vivida de maneira mais humana.

Desde 2005, presencia-se um avanço no que tange à construção de políticas públicas voltadas para a educação nos espaços prisionais tendo em vista a articulação entre o Ministério da Justiça e o da Educação, a partir da concepção de que a educação na prisão é um direito ao longo da vida e deve estar inserida no contexto das políticas de educação de jovens e adultos. Neste sentido, busca-se superar a perspectiva apontada por Chies (2009, p.124):

Com efeito, as práticas de educação existentes nos ambientes prisionais ainda dependem mais das qualidades pessoais (desejo, comprometimento e motivação) dos sujeitos envolvidos (gestores e profissionais dos diversos níveis e categorias), do que de uma estrutura burocrático- organizacional consolidada e operante.

Esta discussão segue dois focos principais. Um, no sentido de expandir a oferta educacional, incluindo a população prisional nas políticas de EJA e, outro, refere-se à necessidade de pensar a especificidade da área para sujeitos privados de liberdade.

Verifica-se um esforço dos Ministérios da Educação (MEC) e Justiça (MJ) em prol da implementação de uma Política Nacional de Educação nas Prisões, a fim de garantir o direito à educação de todos os sujeitos privados de liberdade por meio de estratégias de fortalecimento da educação formal e não formal no Sistema Prisional. A referida parceria se consolidou através do Projeto Educando para a Liberdade que possibilitou a realização de Seminários que geraram um acúmulo de discussões na área e fortaleceu a gestão estadual compartilhada entre a pasta da educação e os órgãos responsáveis pela administração penitenciária nos estados<sup>38</sup>.

Após a realização de diversos Seminários e Encontros organizados pelo Governo Federal desde 2005, por meio dos Ministérios da Educação e da Justiça, com o apoio da UNESCO e da Organização dos Estados Iberoamericanos, com as Unidades da Federação, por intermédio das Secretarias de Educação, com os órgãos responsáveis pela administração penitenciária e sociedade civil foram

---

<sup>38</sup> Em 2008, o projeto se transformou em estratégia da política de educação de jovens e adultos vinculada ao Plano de Desenvolvimento da Educação-PDE por meio dos Planos de Ação Articulada (PAR-Prisionais). O PAR Prisional prevê a formação de 6 mil profissionais e a aquisição de 35 mil títulos para bibliotecas e existem duas resoluções do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE que incluem a população carcerária. A Resolução n. 44 de 16 de outubro de 2006, estabelece critérios e procedimentos para a execução de projetos de fomento à leitura e a Resolução n. 48 de 28 de novembro de 2008, estabelece orientações para a apresentação, seleção e apoio financeiros a projetos que visem à oferta de cursos de formação continuada na modalidade de EJA no formato de cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização.

elaboradas as Diretrizes Nacionais voltadas para a Educação no Sistema Penitenciário<sup>39</sup>.

Diante dessa legislação e políticas na área, espera-se que haja retorno prático na vida de cada uma das internas e internos e que estes encontrem, pela educação, meios de alcançarem a liberdade com conhecimento para enfrentar as adversidades que a sociedade irá lhes impor.

Sem a pretensão de ditar regras ou achar fórmulas, talvez seja importante refletir em uma educação que contemple as especificidades do Sistema Prisional, percebendo os apenados como sujeitos de direitos, reconhecendo as potencialidades e levando em conta a trajetória de vida de seus alunos.

Apesar de serem poucos, os relatos encontrados no *Só Isso!* levam à reflexão a respeito de propostas educacionais que auxiliem os apenados no acesso social e minimizem as situações de discriminação e vulnerabilidade social. Nesse processo um fator importante é a valorização da autoestima das apenadas e apenados, a conquista de autonomia, de espaço e de identidade social.

A educação é um instrumento que pode auxiliar esses sujeitos a compreenderem seus direitos especiais, a importância de sua participação política, o seu papel na sociedade, sempre lutando para a ampliação de sua participação no espaço público. Uma escola flexível, que considere a complexidade do mundo prisional, estabelecendo uma convivência que facilite o projeto de vida de seus educandos, pode muito contribuir para a melhoria de vida dos homens e mulheres privadas de liberdade.

---

<sup>39</sup> Este documento constitui uma orientação nacional que visa evitar que as políticas voltadas para a educação nas prisões sejam dispersas e pontuais. Neste sentido, essas Diretrizes podem se configurar como marco importante para a construção de políticas na área, já que apresenta elementos de definição de uma política macro para que as particularidades regionais sejam resolvidas localmente à luz das orientações contidas no Parecer e na sua Resolução. Os principais eixos trazidos por esse documento dizem respeito aos seguintes aspectos: gestão, articulação e mobilização das Secretarias de Estado e sociedade civil, formação e valorização dos profissionais que atuam no Sistema Prisional, questões ligadas à discussão pedagógica nas unidades prisionais, ações de fomento à leitura, envolvimento familiar e comunitário nas ações do Sistema Prisional e atendimento diferenciado para cada regime, atentando-se para as questões de acessibilidade, gênero, etnia, credo e outras correlatas.

### 4.3 Temas que arrebatam

A investigação desse impresso permitiu perceber como alguns temas ganham muito força no jornal, talvez por causarem grande identificação com seus leitores. Nesse sentido, foi possível mapear três temáticas de destaque no jornal: a questão das práticas religiosas, a maternidade na prisão e a luta por melhores condições de vida.

#### 4.3.1 Práticas religiosas

Tendo em vista as marcas religiosas presentes nas cartas de leitores, trago em destaque algumas delas para refletir nos sentidos da leitura religiosa dentro do cárcere e problematizar a questão partindo da concepção de leitura apontada por Chartier (2001), na qual supõe-se que a leitura seja uma prática de invenção e produção de sentido e, a partir de tal fato, se compreende que essa invenção não é aleatória, mas está sempre inscrita no espaço de coações, restrições e limitações compartilhadas; e por outro lado que, como invenção, sempre desloca ou supera estas limitações que as restringem.

Diante dessa perspectiva, tento compreender a importância da leitura na prisão e, sobretudo, acerca das imposições, invenções, superações e tensões que envolvem a leitura religiosa como imperativa na vida dos sujeitos privados de liberdade. Um dos trabalhos que ajudam a pensar a questão é o de Ana Arlinda de Oliveira (2010), que em sua tese de pós doutoramento buscou conhecer e analisar aspectos da história de vida de mulheres reclusas na Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto “May” em Cuiabá - Mato Grosso, com relação à sua vida, à sua inserção na cultura letrada e sua trajetória como leitoras. A autora constatou que a leitura religiosa, no ambiente prisional, toma quase todo o tempo dessas leitoras, de modo que há pouco espaço para a leitura literária ou de conhecimento científico. Nesse sentido, lendo as cartas presentes no *Só Isso!*, percebi que nos presídios do Rio de Janeiro a prática religiosa parece ser bastante significativa, pois muito presente no impresso:

As paredes deste Presídio não podem conter a glória de Deus. "Se Cristo vos libertar verdadeiramente sereis livres". Que o amor do Senhor seja com todas vocês, no amor de Jesus, parabéns pelo trabalho. Equipe do Chá do Amor, da Igreja Batista Campo dos Afonsos (n. 10, set. 2006, p. 6).

O que sobressai no jornal é a forte presença de denominações evangélicas e é fácil identificar nas cartas de leitores textos inspirados na Bíblia o que pode ser ocasionado pelo fato "das igrejas, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus, oferecer uma quantidade razoável de livros e panfletos evangélicos para o aprofundamento religioso" (OLIVEIRA, 2010, p. 130). Algumas cartas sequer trazem qualquer referência ao jornal, apenas destacam o trabalho de igrejas evangélicas, exaltando o trabalho dessas entidades religiosas:

Gostaria de aproveitar esse pequeno espaço para poder dar os meus sinceros parabéns à grande equipe da igreja Nova Vida de Rocha Miranda, que tanto nos honra com sua presença. São verdadeiros anjos enviados pelo Senhor Jesus, que saem de suas casas, deixam o seu trabalho de lado, largam seus afazeres para nos trazerem uma palavra de conforto, um gesto de carinho. Quantas vezes me senti triste, angustiada, e ao assistir aos cultos, saí alegre e renovada, acreditando que Deus é vida. Parabéns também ao lindo coral das internas, que canta louvores com total desempenho. Que por muitas vezes me enche os olhos de lágrimas. Que Deus abençoe a todos, em especial ao Pastor Marcos Aurélio e ao Diácono Sergio Pinto. Fátima do Rosário Limões de Oliveira – TB (n. 4, dez. 2004, p. 4)

Nela, também percebemos os sentidos que essa interna imprime à referida igreja e o que esta representa em sua vida. Há uma busca por conforto e consolo garantidos pelos pastores e pela presença nos cultos: "para ser redimida, deve ser corrigida pela via exclusiva das leituras do texto sagrado. Tudo no presídio é impregnado por este pensamento, porque parece ser mais fácil domesticar pela palavra vinda da divindade" (OLIVEIRA, 2010, p.131). Uma outra carta associa o trabalho do jornal com uma obra divina, sendo a equipe da redação instrumentalizada para também confortar e encorajar a todos os internos que têm acesso ao periódico:

Queridas irmãs e amigas do *Só Isso!* Que a paz que excede todo entendimento guarde os vossos corações e vossos sentimentos em Cristo Jesus nosso Senhor. É com grande satisfação que lhe escrevo está parabenizando as pelo excelente trabalho que tens efetuado neste espaço. Pois tenho a total certeza que deus as tens instrumentalizado grandemente para nos exortar, consolara e principalmente nos edificar; eu traduzo como levantar, reerguer, reativar, encorajar pois é assim que me sinto, quando tenho a honra de ler estas ilustres publicações. Amadas em Cristo, eu sei que não está sendo fácil manter este trabalho, mas a palavra de deus diz: "A oração do justo pode muito em seus efeitos". Enéias Santos de Souza (Bangu II) (n. 2, ago. 2007, p. 10).



Princesas do Senhor: parabéns pelo belíssimo trabalho que vocês apresentaram, assisti de camarote à coragem, entusiasmo, ousadia e felicidade que colocaram em prática para realização desse desfile, que não ocorreu individualmente e sim por uma conquista coletiva. Sendo assim, são todas vitoriosas! Continuem sempre nesse ritmo, buscando melhorias para vocês, e nunca se esqueçam que assim diz o Senhor: Esforça-te que te ajudarei. Com todo respeito, beijos a todas, sejais abençoadas em nome de Jesus. Anderson A. Cortes – Casa de Custódia Pedro Melo (n. 4, dez. 2004, p. 4).

O cenário exposto leva à reflexão acerca da importância de garantir aos privados de liberdade leituras que possibilitem a ampliação dos bens culturais dos apenados a partir da garantia de uma acervo literário amplo e diversificado que leve esses sujeitos a questionarem sua concepção de mundo e a compreensão da relevância do ato de ler. “Mesmo em um ambiente no qual as regras demarcam fortemente o espaço e o agir, é possível, por intermédio da leitura, restaurar a autonomia, a dignidade e certo bem-estar” (OLIVEIRA, 2010, p. 20) para os homens e mulheres em cumprimento de pena.

Um outro ponto importante diz respeito à promoção de um diálogo em torno de regulamentação acerca dos procedimentos referentes à utilização das bibliotecas existentes nos estabelecimentos penais e nos procedimentos de aquisições de obras literárias, tendo em vista a censura de alguns livros e a não utilização das bibliotecas pelos internos e funcionários. É preciso que sejam garantidas propostas de fomento à leitura, garantindo espaço digno para as bibliotecas e salas de leitura com profissionais qualificados para a atuação nesses espaços e que a escola possa trabalhar efetivamente com seus alunos a produção de textos e leitura. Oliveira traz observações sobre o acesso ao acervo literário. A seu ver, este se dá no presídio em que realizou sua pesquisa e a falta de oportunidades oferecidas às internas no sentido de garantir a ampliação do conhecimento referentes a diversas obras:

De modo igual, pude visualizar que não sobra muito tempo nem para a leitura literária, que alimenta o imaginário nem para a leitura que desperte o conhecimento científico. Na biblioteca do presídio, bom é que se diga, não há um veto explícito a determinadas leituras, mas veladamente não se confere à reclusa a oportunidade de conhecer outras obras (OLIVEIRA, 2010, p. 175).

Se é na Bíblia que muitos homens e mulheres em privação de liberdade “buscam a transcendência ou o religar sua subjetividade a algo como a esperança de mudança de sua realidade” (OLIVEIRA, 2010, p. 124), talvez seja importante que enxerguem na leitura de obras literárias e conhecimento científico a possibilidade de conhecerem e criticarem a realidade que os cerca buscando melhoria de vida

durante e após o encarceramento, vislumbrando no ato de ler a busca pelo conhecimento e a possibilidade de encarar com mais preparo e bens culturais as adversidades que o mundo extra muros irá lhes impor.

Um outro espaço do jornal permite melhor compreender as práticas religiosas nos espaços de privação de liberdade. Trata-se de uma seção voltada exclusivamente para temáticas que envolvem as diversas religiões presentes na penitenciária Talavera Bruce e que possibilita melhor compreender como a religiosidade perpassa a vida dos leitores e escritores do *Só Isso!*.

Segundo matéria publicada no impresso e intitulada “As religiões nossas de cada dia”, na Penitenciária Talavera Bruce existem mulheres praticantes de diversas religiões e é importante que haja respeito pela escolha religiosa de cada uma das internas. Além disso, esse trecho do jornal é importante no sentido de mostrar qual a religião mais seguida na Penitenciária:

No Talavera Bruce, assim como em todo mundo, há uma mistura de povos e de religiões, mas é de bom tom respeitar as opiniões e escolhas do próximo. Aqui, das 374 internas que existiam no final de abril, a maioria (70%) é evangélica, seguida por 20% de católicas e 10% de outras religiões (n. 9, mai. 2006, p. 1).

Tais dados são confirmados pela pesquisa de Bárbara Soares e Iara Ilgenfritz (2002), que aponta ser movimento mais frequente na Penitenciária o de adesão às denominações evangélicas. Entre as internas que relataram não ter religião antes do encarceramento, 27% se converteram em evangélicas, assim como 24% das católicas e um terço das adeptas de cultos afrobrasileiros. Essa realidade parece abarcar também outros estados, já que estudo realizado por Camila Caldeira Nunes Dias (2008) no estado de São Paulo, constatou que a quantidade de evangélicos aprisionados é muito maior que a média nacional, em que prevalece a religião católica.

**Figura 11: Foto do Coral Evangélico Tribo de Judá**



Fonte: edição digitalizada de n. 8, jan. 2006, p.8

Tal fato leva à reflexão dos motivos de presença tão forte de grupos religiosos nos espaços de privação de liberdade e o que esse grupo de evangélicos representa na prisão. O *Só Isso!*, por meio da seção “Religião, Espiritualidade, Fé e Esperança” traz pistas acerca dessas questões e permite problematizar a religiosidade nas instituições penais e as razões do predomínio evangélico.

Nas páginas do impresso verifica-se o quanto é latente a posição da própria redação do jornal que deixa clara a sua preferência aos cultos evangélicos. Isto se evidencia em várias matérias que parabenizam, falam da importância e dão grande destaque para o trabalho e eventos dos mesmos. Na seção em destaque também existem textos que falam das diversas entidades religiosas, porém estas aparecem em menor quantidade no jornal. Uma matéria destacou internas de outras religiões que falaram de suas crenças, o que demonstra que as apenas cultuam as diversas práticas religiosas apesar de grande parte ser integrante de denominações evangélicas:

A interna Miranda Borges é católica: “Minha formação religiosa é tradicionalmente católica. Há três anos freqüento e pratico o catolicismo na unidade. As missas são celebradas pelo padre Eugênio, a cada primeira quinta-feira do mês, e no decorrer do mês somos assistida pelos catequistas da pastoral do preso (n. 9, mai. 2006, p. 6).

Esmeralda fala: “Sou da Umbanda desde que nasci, gosto de ser espírita, sou filha de Oxum e tenho uma cigana que está sempre do meu lado. Tenho a Mariazinha e o

seu Zé Pelintra. Mesmo estando presa sempre cuidei deles, no dia 27 de setembro dou docinhos e guaraná da Mariazinha, mas ela quebra tudo no meu cubículo, faz a maior bagunça quando chega, mas eu gosto dela, me dá tudo que eu peço (n. 9, mai. 2006, p. 6).

Para a interna Ana Paula o interesse do kardecismo é conscientizar cada membro que participa das reuniões a se religar ao Deus Criador sem fanatismo. A interna kardecista aprende a ser livre em pensamento, e consciente de sua meta aqui neste lugar. O interesse do kardecismo não é ensinar religião e sim ensinar disciplina interior, sabendo conviver ecumenicamente independente do credo ou da religião (n. 9, mai. 2006, p. 6).

Budismo é uma religião oriental e significa nada mais nada menos que uma grande mentalização com Deus para a paz da humanidade. O budismo já foi praticado 700 mil anos antes de Cristo, falando sobre budismo de Nilirem Daishanin! (n. 3, out. 2004, p. 2).

Apesar da presença das diversas religiões nas páginas do impresso, não ficam dúvidas de que as denominações evangélicas prevaleçam nas páginas do jornal. Os escritores e leitores do *Só Isso!*, como os dados nos mostram, em sua maioria, são evangélicos. Encontram-se no jornal textos apontando acontecimentos ligados às igrejas, desde aqueles em que se percebem relatos do quanto a religião mudou a vida dos internos, além de agradecimentos a esses grupos religiosos.

*Só Isso!* agradece a todas as igrejas evangélicas que durante todo o ano, nos trazem um banquete espiritual, alegrando nossos corações com a renovação de nossas esperanças, mediante a fé de que somos vencedoras e privilegiadas ao sermos filhas de Deus-Todo-Poderoso (n. 5, mar. 2005, p. 2).

Milagre e benção são o que tem acontecido aqui no TB. Depois de muito tempo, Deus operou grandemente nesta direção, liberando um espaço para a construção do templo evangélico, que começou com a colocação da pedra fundamental em agosto do ano passado. Daquele dia em diante estamos assistindo à realização do grande sonho da congregação de ter o seu próprio lugar para a adoração e louvor ao nosso Deus. O desejo de concretizar este sonho faz mover corações voluntários que nos ajudam com seu grão de areia neste projeto. Este é o início (n. 5, mar. 2005, p. 5).

**Figura 12: Ilustração de cunho religioso extraída de arquivo digital da edição n.9**



Fonte: arquivo digital de n. 9 de maio de 2006, p.6

Ilustrações que remetem à religiosidade também marcam presença no periódico e reforçam o quanto essa temática se faz presente no jornal. Desenhos de anjos, igrejas e de Jesus Cristo fazem parte da seção religiosa do impresso.

Analisando todo o conteúdo do periódico voltado para as práticas religiosas existentes na Penitenciária Talavera Bruce e demais presídios do estado, surgem algumas questões: por que existe tanta identificação com as denominações evangélicas? Qual a identidade desse grupo dentro das instituições penais? O que envolve esse grande número de internas convertidas? O que prega essa denominação religiosa?

**Figura 13: Ilustração de cunho religioso extraída do arquivo digital da edição n.8**



Fonte: edição digitalizada de nº 8 de janeiro de 2006, p.8

Em primeiro lugar, é preciso compreender que “os evangélicos se constituem como um grupo religioso *sui generis*, com uma série de características próprias e específicas que os distinguem dos demais presos, religiosos ou não” (DIAS, 2008, p. 77). Essas características dizem respeito ao modo de vestirem, de se comportarem, da separação dos demais presos, de certas regalias concedidas pela direção da unidade, assim como cobranças e perseguições daqueles que não seguem a religião. Além dessas questões, ainda existe o fato de essas igrejas ajudarem materialmente alguns internos, e da própria ideologia da crença que traz a salvação por meio da conversão religiosa, como nos aponta Varella (2005, p. 92) ao dizer que “a pregação dos pastores protestantes, que oferecem o caminho do céu pelo conhecimento da Bíblia e de uma divisão clara entre o Bem e o Mal, obtém mais sucesso do que dos padres católicos”.

Um trecho do jornal também traz algumas pistas que dizem respeito à insatisfação em relação à atuação da igreja católica dentro da Penitenciária Talavera Bruce:

No decorrer desse tempo pude observar que as atividades da pastoral são fracas junto a nós. O preso necessita de muita assistência social. Seria louvável que a pastoral atendesse aos filhos dos presos. O programa de reforço alimentar a crianças carentes que a dona Arns, irmã do padre Eugênio mantém, podia promover atividades culturais, encontros, palestras educativas, até mesmo na própria capela onde existe uma excelente acústica que dispensa inclusive microfones. Hoje porém, precisa que sejam reparadas o telhado que está com goteiras, causando infiltrações internas, os vidros quebrados, tornando a igreja moradas para ratos, morcegos e pombos (n. 9, mai. 2006, p. 6).

No entanto, em relação às igrejas evangélicas, só encontramos elogios e grande destaque ao trabalho dessas denominações religiosas. Esse fato, como já dito, é também uma pista acerca da opção religiosa das editoras do jornal, que parecem privilegiar matérias que falem dessas igrejas. Foi noticiada no *Só Isso!* a inauguração do templo evangélico da unidade, considerada uma grande conquista realizada:

A construção do templo no Talavera Bruce é uma remontagem atual da história de Israel, desde o dia 17 de novembro de 2006. Esse lugar não é, e nunca mais será o mesmo. O favor do Senhor está nesse lugar de forma visível. Todos que chegam ao TB ficam perplexos, boquiabertos. Tal honra não se deve à administração somente, mas em primeiro lugar à Deus (n.12, ago. 2007, p. 6).

Outro trecho do jornal bastante significativo no sentido de mostrar a dimensão do trabalho e poder das denominações evangélicas dentro dos presídios diz respeito à Associação das Igrejas Evangélicas Atuantes nos Presídios do Rio de Janeiro:

A Associação das Igrejas Evangélicas Atuantes nos Presídios do Estado do Rio de Janeiro (ASSIAPERJ) é uma instituição civil de natureza religiosa e filantrópica que tem como objetivo prestar serviços de caráter social, cultural e educacional e dar assistência aos presos condenados, seus familiares e às famílias das vítimas. Suas atividades são: propagar o evangelho do Senhor Jesus nos presídios e penitenciárias; promover o desenvolvimento social e cultural do preso, visando sua reintegração à sociedade; promover palestras sobre cidadania e direitos humanos com advogados (voluntários); prestar acompanhamento psicológico e social com cestas básicas aos familiares das vítimas; dar formação profissional nas áreas de marcenaria, computação, elétrica e eletrônica, e promover curso básico em teologia e pré-vestibular comunitário (Educafro). Para manutenção de nossos projetos contamos com contribuições das Igrejas Evangélicas que compõem a ASSIAPERJ e de todos que quiseram participar na recuperação espiritual, moral e social do ser humano (n. 8, jan. 2006, p. 8).

Diante do exposto, podemos pensar nos motivos que levam à conversão de muitos apenados: alguns se interessam pelo cunho moralizante e de certa forma buscam conforto nessa ideologia religiosa, outros pelos ganhos materiais e, principalmente, para fugir de perseguições de companheiros, já que “um critério adotado em todos os presídios do Rio de Janeiro é o de haver pavilhões ou celas

separadas para as “crentes” (ILGENFRITZ, SOARES, 2002, p. 37), como veremos mais adiante.

Alguns relatos encontrados no *Só Isso!* remetem ao fato de que “a crença na ajuda divina é para muitos apenas a esperança de conforto espiritual, única forma de ajudá-los a estabelecer alguma ordem no caos de suas vidas (VARELLA, 2005).

Por isso, hoje o meu coração não tem lugar para guardar mágoas. Por mais que me magoem hoje, quando eu olho para a frente, vejo um futuro de fé, de luz, de alegria e de felicidade, porque lá, na trilha da minha vida, EU VEJO JESUS! (n. 4, dez. 2004, p. 2).

Na hora da angústia, Deus estará sempre com você. Quantas vezes nos sentimos sozinhos, angustiados e esquecidos pelos nossos amigos, parentes e por alguns momentos em que até os nossos irmãos em Cristo desaparecem! O que quero compartilhar com você é que mesmo nos momentos difíceis da vida, existe alguém que nunca nos deixa, Jesus. (nº 7, ago. 2005, p. 2).

Representantes religiosos também expressam nas páginas do jornal os sentidos que a religião assume na vida dos apenas:

O Ministério de Visita ao Presídio da Igreja Pentecostal Nova Vida, de Rocha Miranda, tem o compromisso de levar a palavra de Deus às mulheres, oferecendo aconselhamento espiritual e assistência material quando possível. Realizamos vários batismos, com o total de sessenta almas ganhas para Deus. Estamos realizando a Campanha do Alvará com as Canetas Abençoadas. Tem sido muito abençoado com muitas liberdades! A maior recompensa é ver estampada em seus rostos a alegria que a IPNV RM é uma bênção de Deus na vida delas. É maravilhoso ouvi-las dizer que o fato de estarem no cárcere não significa que tudo acabou, pois melhor a prisão física do que a espiritual, e que através de Jesus a sua vida tomou outro sentido. DIÁCONO SÉRGIO PINTO (n. 3, out. 2004, p. 2).

Eu creio que os detentos pedem e rezam mais, dão mais valor a palavra de Deus, se arrependem e oram com mais intensidade. O diretor dessa unidade sempre nos recebe com muito respeito. Padre Eugênio (n. 7, ago. 2005, p. 2).

No entanto, se a conversão religiosa pode ajudar alguns internos, é preciso atentar para algumas tensões, contradições e ambiguidades que giram em torno, sobretudo, das situações que envolvem os praticantes religiosos evangélicos que estão em nossas prisões. Muitas apenas e apenas se envolvem com a referida religião a fim de serem privilegiadas já que os funcionários e a própria direção da unidade percebe o grupo evangélico constituído por sujeitos mais calmos e disciplinados. “A disciplina e a violência são os dois elementos mais citados pelos funcionários quando se referem às influências da religião no comportamento do preso [...]” (DIAS, 2008, p. 67) e, diante de tal fato, é importante atentar para as ambiguidades que envolvem as conversões religiosas dos privados de liberdade.



Grupos não aceitos e perseguidos pelos companheiros de cela muitas vezes se escondem por trás da Bíblia para se protegerem da violência. Estupradores, justiceiros, usuários de droga inadimplentes, delatores e ladrões que trapacearam na divisão do roubo às vezes fingem se converter para contar com a proteção do grupo religioso e, como usam as mesmas roupas, carregam a Bíblia e repetem o nome do Senhor a cada frase, é impossível distingui-los dos crentes de verdade (VARELLA, 2005).

Soares e Ilgenfritz (2002, p.37-38), destacam com muitos detalhes como essa realidade é vivida na Penitenciária Talavera Bruce:

A equipe de pesquisa também identificou uma atmosfera bastante diferente nos alojamentos das crentes em comparação com os demais: elas observam mais o silêncio, estão sempre com uma Bíblia por perto, fazem orações e entoam cânticos em conjunto. Contudo, é possível encontrar falsas 'crentes' entre elas, pois há um entendimento tácito entre muitos servidores e servidoras de que a presa que é "crente" é mais confiável, submissa, obediente e disciplinada. Nessa linha de raciocínio, criou-se o hábito de contemplá-las com certas regalias e privilégios. Efetivamente, algumas entrevistadas denunciaram tal situação e outras, quando indagadas, revelaram os verdadeiros motivos de sua conversão: dispõem do privilégio de dormir em celas onde são menos 'importunadas' pelas agentes. Tal lógica conduz à hipótese de que é provável que se encontre mais prisioneiras exercendo as funções de espiã, "X9", alcaguete entre o contingente das crentes do que entre as que não têm religião ou as que pertencem a outras, minoritárias.

No entanto, as mulheres e homens evangélicos, apesar das regalias concedidas pelos profissionais de segurança, encontram dificuldades e "é árdua a trajetória dos novos convertidos, pois a marcação sobre a vida alheia é cerrada. O fiel não escapa à vigilância permanente do grupo e ao olhar onipresente do Senhor" (VARELLA, 2005, p. 93). Deve-se ainda, trazer a dimensão das muitas desconfianças em torno das motivações reais para cada conversão ao pentecostalismo, tendo em vista o apoio material oferecido por partes das igrejas.

Como podemos observar, as práticas religiosas abarcam muitas questões contraditórias, ambíguas e avaliar o quanto a religiosidade, principalmente de cunho evangélico, é importante para a sobrevivência no cárcere seja para o conforto espiritual ou numa lógica de proteção e poder para aqueles que não possuem espaço no universo da cadeia, é de grande complexidade. O objetivo desse trabalho não é esgotar a discussão, mas apenas perceber, como a partir da escrita dos internos na seção "Carta de Leitores" e "Religião, Espiritualidade, Fé e Esperança é possível entender melhor a recepção do *Só Isso!* nos diversos presídios e outras instituições, pensar nas práticas de leitura existentes na prisão e problematizar a

marca religiosa presente no jornal a partir das cartas escritas pelos seus leitores e por meio da seção voltada para religião presente no impresso.

Dando continuidade à investigação acerca dos temas que arrebatam o *Só Isso!*, será discutida a questão da maternidade e a dificuldade das privadas de liberdade em manterem o vínculo familiar.

#### 4.3.2 Maternidade, família e abandono

Não há como refletir acerca das vicissitudes do encarceramento feminino sem pensar na maternidade e nas condições e complexidade que envolvem a permanência dos filhos e filhas das internas na prisão. Tendo em vista essa realidade, esse tema é recorrente nas páginas do *Só Isso!* e, sem dúvida, esta é uma das questões mais relevantes trazidas por esse impresso. A saudade da família, a separação dos filhos que nascem na cadeia, a dor de deixar crianças do lado de fora, além de culpa, vergonha, dificuldades e solidão estão estampados na página do jornal:

Nunca pensei que fosse acontecer isso comigo; desde que eu cheguei, me senti angustiada, com saudades dos meus outros filhos e da minha família, em especial da minha mãe, que até agora não me visitou por que não perdoa o que eu fiz. O maior dos meus desejos é ir embora, mas mesmo me sentindo só, tenho ajuda de todas as colegas de sofrimento, das funcionárias e, no período da gravidez, da ginecologista e dos psicólogos (n. 6, mai. 2005, p. 5).

Este sentimento de culpa, vergonha, a enorme tristeza pela condição de mulher presa, incomoda a essas mulheres também pelo fato de ser compartilhado com seus familiares. Talvez haja receio, no sentido de prever o quanto esta experiência possa interferir no futuro dos filhos e netos, e o quanto o estigma carregado pelas apenadas pode marcar a vida de suas famílias.

A mulher presa é vista e se coloca como transgressora em seu papel de mãe e esposa, e numa sociedade em que o papel social da mulher se confunde com a figura de mãe, muitos a encaram como um ser apartado do convívio social, ignorante quanto às regras do jogo do mundo em que vive, infantil por sua condição de dependente da figura masculina, e impedida de exercer sua própria sexualidade.

Por esta concepção frente ao papel social da mulher, aquela que se encontra na condição de conflito com a lei é simplesmente repudiada:

O que me dói não é a cadeia e nem a sentença do juiz. E sim, a separação dos meus filhos e da minha família. Eu me arrependo muito do que fiz, mas ainda não consegui me perdoar pelo grande mal que causei ao meu esposo, meus filhos e meus pais (n. 2, ago. 2004, p. 6).

É fato de que muitos avanços ocorreram no que diz respeito aos diversos papéis sociais que hoje são permitidos às mulheres, no entanto, ainda há uma forte presença de atributos ideológicos delegados à mulher, sempre marcados por expressões tais como: dar, cuidar, ceder. Neste sentido, a mulher apenas sente-se e é percebida como alguém que rejeitou estas atribuições que lhe são “naturais” e, como consequência disso, uma enorme culpa toma conta de algumas dessas mulheres. Apesar de ser muito importante o contato com os filhos e a família, a culpa e a vergonha pela condição de presidiária gera certo incômodo com a presença da família na penitenciária. Uma matéria intitulada “Mamãe, por que você não volta?” escrita por uma interna, traz à tona essa questão e fala das mães que não sabem o que responder para os filhos quando são indagadas pelo fato de estarem distantes. O trecho abaixo aponta para a importância de saber como lidar com as crianças diante dessa situação e o porquê da insegurança em falar a verdade:

São vários os fatores que levam os pais a não falarem a verdade para os filhos. Em primeiro lugar, a falta de conhecimento de como devem ser respondidas as perguntas das crianças que sofrem junto com os seus pais que estão presos. Em segundo lugar, o temor que com o passar do tempo venham a ser adultos que carreguem revolta. Em terceiro lugar, temem que a criança pergunte qual o crime que cometeram e muitas outras coisas que levariam a dar respostas não verdadeiras. Só que estes pais esquecem que a criança cresce e passa a entender de outra forma tudo que acontece ao seu redor. Vamos que essa mãe ou esse pai tenham pegado uma pena alta. Como ela irá explicar ao seu filho que perguntou: “Mãe, você já está há muito tempo aqui, por que não volta pra casa?” (n. 2, ago. 2004, p. 6).

A manutenção dos vínculos familiares principalmente para as mulheres que têm filhos durante o cumprimento da pena é fundamental, pois estas precisam muito do suporte material e emocional dos familiares para o desenvolvimento das crianças. Neste sentido, garantir apoio financeiro às famílias para se deslocarem até o presídio, estabelecer um calendário que favoreça as visitas e possibilitar formas de comunicação com a família por meio de telefones públicos, são medidas simples,

mas que, se assumidas pelo Estado, podem constituir formas de transpor obstáculos na manutenção de vínculos familiares e afetivos das internas com seus entes queridos. As apenadas deixam claro essa necessidade nas páginas do impresso:

Nossas famílias tiram cadeia juntinha conosco, por que ela está presente acompanhando nossa caminhada neste novo mundo totalmente desconhecido, onde nos encontramos com a realidade assustadora de um mundo cruel, sem piedade, cheio de sofrimentos, angústias, temores, esperanças perdidas e sonhos falidos. A presença da família no cárcere é muito importante, especialmente no processo de reintegração social (n. 13, ago. 2008, p. 1).

Os operadores de direito devem perceber a família como peça estratégica de suporte de um trabalho de sensibilização do seu familiar preso. A família precisa ser capacitada para ser um agente ressocializador, descobrindo que sua participação é de fundamental importância na reinserção do preso (pré- inserção) e no seu egresso (inserção social) (n. 13, ago. 2008, p. 1).

Segundo Soares & Ilgenfritz (2002, p. 99), do conjunto de mulheres encarceradas, 83,6% têm, ou tiveram, pelo menos um filho e em 70,3% dos casos, a mulher tinha menos de 20 e em 35% dos casos, menos de 18 anos quando deu à luz pela primeira vez. O próprio *Só Isso!* em sua primeira edição revela os seguintes dados: 25% das mães que se encontram na Unidade Materno Infantil da Talavera ficaram grávidas após o encarceramento e 65% correspondem às que são presas no período de gestação.

Também segundo informações contidas no jornal, os filhos das internas que nascem durante o período em que a mãe está cumprindo pena permanecem na unidade no período de amamentação, que varia de 6 a 9 meses e, no caso das estrangeiras as crianças podem ficar até a idade de 1 ano e 6 meses. Muitas mulheres, após esse período, entregam seus filhos para familiares ou para abrigos e muitas vezes perdem o contato com as crianças e “esse processo de separação dos filhos é considerado pela maioria como uma das piores dificuldades para superação da prisão” (SANTA RITA, 2007, p. 138). Este fato também é apontado pelo jornal: “Em um diálogo com uma das mães ela disse que a pior parte é quando vai chegando o tempo de separação de seu bebê – o medo é simplesmente inexplicável” (nº 1, mai. 2004, p. 1).

Em 2004, quando a matéria “Bebês são sempre uma benção” foi publicada na primeira edição do jornal, havia 24 crianças na creche, sendo 13 meninas e 11 meninos. Essa matéria trouxe informações sobre a Unidade Materno Infantil da Penitenciária Talavera Bruce e das dificuldades enfrentadas pelas mães encarceradas:

A pesquisa revela as necessidades das mães e dos bebês, que são fraldas descartáveis de todos os tamanhos, fraldas de pano, calças plásticas, mamadeiras e bicos. Roupas até oito meses (não importa se já foram usadas), brinquedos, produtos de higiene para os bebês e as mães [...] (n. 1, mai. 2004, p. 1).

No ano de 2006, a então diretora da Unidade Materno Infantil Madre Tereza de Calcutá, localizada na Talavera Bruce, cedeu uma entrevista que foi publicada na décima edição do *Só Isso!*, na qual contou um pouco do seu trabalho e do atendimento dado aos filhos das internas. Segunda ela, com a criação da Subsecretaria Adjunta de Tratamento Penitenciário a Unidade Materno Infantil passa a ser uma unidade independente vinculada diretamente a esta Subsecretaria da Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP), deixando de ser apenas uma creche dentro do presídio. Quanto ao atendimento dado às internas e seus filhos, esta relatou que assistentes sociais e psicólogos o fazem três vezes na semana.

Segunda Rosangela Santa Rita (2007, p.129) o fato de a creche se tornar Unidade Materno Infantil, tem a sua relevância:

[...] na medida em que o próprio sistema penitenciário local reconheceu que essa estrutura prisional também não apresentava configurações específicas para o desenvolvimento de atividades próprias de uma creche. De forma similar ao Estado do Rio Grande do Sul, a estrutura física desse local consiste basicamente em alojamentos coletivos para mães e crianças, banheiros, cozinha, lavanderia, sala da coordenação, sala da equipe técnica e sala de recreação para crianças, contendo alguns brinquedos. Também é usada para fins de palestras socioeducativas para as mulheres.

Muitas questões envolvem a permanência dos filhos de internas dentro das unidades prisionais e esta é uma discussão de muita complexidade. Se, por um lado, manter os filhos próximos às mães é importante, crianças vivendo em uma ambiente de privação de liberdade, apartadas do convívio social, em espaço conflituoso, com condições materiais precárias e insalubres, é bastante complicado. Além desses fatores, há que se considerar que muitas mães consomem psicoativos na prisão, que não há uma rede de apoio necessária, seja por parte de profissionais da Instituição (médicos, psicólogos, assistentes sociais) e da própria família da interna que muitas vezes não possui recursos para visitar e ajudar as internas. No entanto, é muito importante para o desenvolvimento emocional das crianças o contato com a mãe e, além disso, muitas não têm familiares que possam cuidar das crianças após a separação sendo estas encaminhadas para abrigos. Outro ponto de

extrema relevância é o fato de a presença dos filhos diminuir as angústias das apenadas, amenizando sofrimentos:

O encarceramento feminino, além de se relacionar às diversas restrições 'intramuros', como a visita íntima, ultrapassa o ambiente de prisão. Longe de ser um espaço de "recuperação", a prisão de mulheres parece ter seu efeito mais perverso na quebra dos vínculos familiares, no abandono de crianças que mesmo estando além dos muros de confinamento, se encontram em outros muros de exclusão e de miserabilidade, com a ausência da figura materna (SANTA RITA, 2007, p.99).

O Relatório Final de Reorganização e Reformulação do Sistema Prisional Feminino<sup>40</sup> (2007, p.86) ressalta que, quanto ao período de amamentação, o Ministério da Saúde indica o período de dois anos, sendo nos primeiros seis meses a forma exclusiva de alimentação da criança. Diante de tal recomendação, este documento traz a importância de observar a necessidade de estabelecimento de uma fase de transição, que se dará de forma gradativa, propondo que a mãe permaneça com o filho durante três anos, sendo o último ano a fase de adaptação da criança ao seu novo lar. Tais colocações se baseiam no Seminário Programa de Assistência à Mulher Apenada (PAMA), realizado em Porto Alegre em 2003, que teve como temática a questão do tempo saudável de permanência dos filhos com as internas:

[...] houve a recomendação (com base em estudos clínicos psiquiátricos) para o pleno desenvolvimento da saúde mental da criança, de que a separação entre mãe e filho não deve ocorrer antes que a criança complete 3 anos de idade. Médica psiquiatra, da coordenação do Ambulatório de Interação Pais-Bebês, do Hospital das Clínicas de Porto Alegre, aponta no Seminário alguns malefícios da privação da presença da mãe na primeira infância: quando se tornam adultos terão mais propensão a transtornos depressivos, transtornos *borderline* anti-social, drogatização e, além disso, diversos problemas clínicos como hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus. Quando crianças são vistos prejuízos cognitivos, com prejuízos significativos do aprendizado (2007, p. 87).

O referido relatório pode se constituir como um instrumento importante para a normatização dessa questão em nível estadual e talvez possa servir como base na tentativa de consolidar caminhos para a resolução dessa problemática tão complexa e que apresenta claramente aspectos negativos e positivos que permeiam a estada de filhos de internas nas instituições penais. Nesse documento existe um quadro de apontamentos e propostas referentes a essa discussão que podem auxiliar os

---

<sup>40</sup> Com o objetivo de construir políticas públicas voltadas para o Sistema Prisional feminino no país, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República e o Ministério da Justiça, com a parceria de outros Ministérios, criaram um grupo interministerial para a formulação do referido Relatório publicado em dezembro de 2007.

gestores estaduais e ajudam a pensar em propostas na área, tendo em vista o fato de que ainda não há uma regulamentação referente à questão e os estados a fazem sem nenhuma orientação, o que gera “ações institucionais diferenciadas e descaracterizadas de qualquer diretriz de política pública minimizadora de violações de direitos humanos, seja para a mãe presa, seja para seu filho ou filha” ( SANTA RITA, 2007, p. 152).

De forma sucinta, o relatório traz como medidas importantes as seguintes propostas: a criação de alas diferenciadas para as mães gestantes, recomendação de tempo de três anos para a estada das crianças com suas mães presas, garantia de visita para as mães presas com filhos de até 12 anos sendo que o custo do deslocamento da família da interna deve ser garantido pelo Estado, disponibilização de telefones públicos para que as internas tenham contato com os filhos, atenção à saúde das grávidas e das crianças, levantamento de dados a respeito da manutenção das crianças com as mães encarceradas, estabelecimento de uma fase de transição para preparar a criança e a mãe para o momento da separação, viabilização de registro das crianças nascidas nas unidades prisionais, localização dos pais das crianças.

Certamente, essa discussão e reflexão acerca da problemática está muito longe de se esgotar e muitas são as ações necessárias na tentativa de achar melhores alternativas para a mulher presa e seu filho, enxergando-os como sujeitos de direitos e entendendo as questões de saúde física e emocional que envolvem a mãe presa, tendo como prioridade o direito à dignidade.

Nesse sentido, para ampliar a discussão acerca da realidade da Penitenciária Talavera Bruce, destacarei a seção “Boca no Trombone” e textos do impresso que trazem a rotina na prisão por se constituírem como espaços do jornal que trazem as dificuldades de um presídio feminino e cotidiano na instituição.

Tal destaque se dá pelo fato de compreender que estudos que envolvam as instituições prisionais e os sujeitos nelas enclausurados, exigem atenção simultânea em seus diferentes aspectos e dimensões, sempre articulados uns aos outros, indissociáveis, “que integrem o cotidiano, seu dinamismo e suas especificidades como contribuição a um entendimento ampliado das complexas relações entre permanências e inovações, entre repetição e invenção, entre o peso dos papéis sociais, das normas e instâncias sociais e institucionais e as apropriações e uso destes pela realidade social específica. Isto, entretanto, sempre considerando e

respeitando a complexidade do real” (BARBOSA, 2008, p. 139).

Diante dessa perspectiva, a coluna “Boca no Trombone”, abre um espaço em que as mulheres da Talavera Bruce lutam por seus direitos na prisão. Nessa seção percebemos as muitas dificuldades e carências da unidade e como esses sujeitos, a partir da possibilidade de reivindicar melhores condições de vida por meio do impresso, fazem com que este se torne um instrumento político e educativo. Além da seção em destaque, busco levantar um pouco da rotina das internas, refletindo sobre o cotidiano na prisão e as marcas deixadas pela vida no cárcere por meio de matérias que remetem ao dia a dia das apenadas.

#### 4.3.3 Luta por melhores condições de vida

O que me chamou atenção, tendo em vista a dura realidade de uma instituição prisional feminina, foi o fato de a seção “Boca no Trombone” se restringir a apenas dois ou três parágrafos, ocupando um espaço mínimo no jornal. Para discutir essa questão vale atentar para o que aponta Marta Carvalho (2005), sobre a necessidade de levar em conta o lugar de poder em que se articulam as estratégias que põem o impresso em circulação, o que implica contextualizar o objeto da análise em uma situação determinada.

Nesse sentido, é preciso compreender as relações cotidianas como um arranjo complexo, atravessado por impressões, constrangimentos, censuras, repreensões, valorizações, diagnósticos e intimidações decorrentes das práticas construídas em razão de diferentes posicionamentos dos próprios sujeitos sociais (SILVA, 2007).

Nesta perspectiva, penso que é nesse cenário de relações complexas que perpassam uma instituição prisional que o jornal é construído e, possível, por meio de uma negociação entre os diversos atores que atuam nesse Sistema. Trazer uma seção com reivindicações que buscam a melhoria do Sistema Prisional, expondo todos os problemas dessas Unidades que abrigam os sujeitos privados de liberdade, acredito ter sido um ponto de grande negociação entre as mulheres que escrevem o jornal, a Direção da Penitenciária e a própria Secretaria de Administração Penitenciária do estado.



Nas primeiras edições do impresso, a seção em questão se encontrava no final de uma de suas páginas, em um espaço bem pequeno que contava com a ilustração de uma mulher com um trombone nas mãos<sup>41</sup>. Já em suas últimas edições, esta passa a ocupar a primeira página, mas ainda com o menor espaço do jornal. Entre todas as seções, a “Boca no Trombone”, sem dúvida, é a mais polêmica e uma das que menos tem destaque no impresso.

Figura 14: Seção “Boca no Trombone” da edição n. 4, dez. 2004.

**Boca no trombone**

**SOS BANGU II**  
ALÔ, ALÔ, EMPRESÁRIOS  
ESPAÇO ABERTO

**SOS BANGU II**  
Senhores responsáveis pela Fundação Santa Cabrini, por favor precisamos de sua atenção para que tenhamos oportunidade de exercer atividades laborativas (trabalho). Pois acreditamos que somente com o trabalho podemos resgatar a nossa auto-estima e nossa dignidade! Para entrar em contato conosco e obter mais informações para nos ajudar, temos o e-mail [soissotb@hotmail.com](mailto:soissotb@hotmail.com) ou tel. (21) 9459-8738, com Gisele.

**ESPAÇO ABERTO!**  
Convide a pequenas e grandes empresas: Srs. Empresários, devemos participar da luta pela paz, correto? Devemos buscar ajudar o nosso próximo, correto? Se cada um de coração aberto nos ajudar, certamente teremos perspectivas de um futuro com paz e grande progresso. Com a colaboração desta Unidade, abrimos um espaço de divulgação para conseguirmos doações de materiais de trabalho. Solicitamos às empresas que se interessam por nossa mão-de-obra, pois o custo é bem mais barato, não deixando de ser de boa qualidade. Acreditamos que só com o trabalho podemos resgatar a nossa cidadania e auto-estima. No teatro, por exemplo, precisamos de patrocinadores para montar um pequeno espetáculo; é necessário material para produção como cenário, figurino etc... Não podemos esquecer que muitas não têm família, e sendo assim a necessidade de tudo se faz presente. Para entrar em contato conosco e obter mais informações para nos ajudar, temos o e-mail do nosso representante externo: [soissotb@hotmail.com](mailto:soissotb@hotmail.com) ou tel (21) 9459-8738, com Gisele.

**SÓ ISSO!**

Fonte: edição do *Só Isso!* de nº 4, dez.2004, p. 3.

<sup>41</sup> Retomo a discussão acerca da materialidade do jornal para a melhor compreensão da seção “Boca no Trombone”, pois o pequeno destaque que esta possui no impresso é um importante ponto de análise tendo em vista o fato de se caracterizar como um espaço de reivindicação das presas.

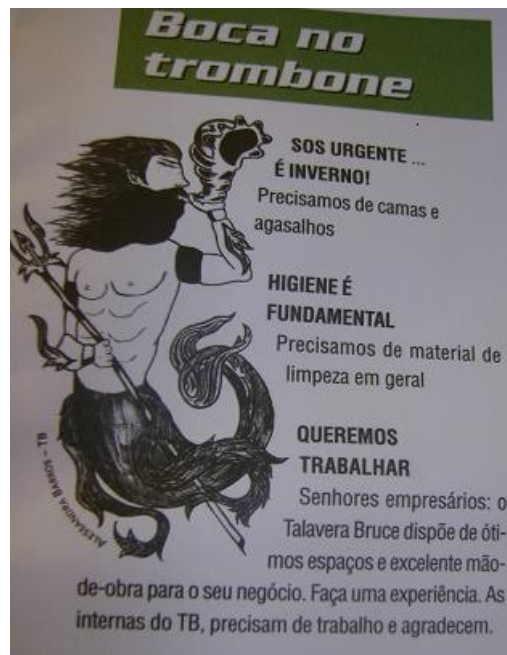
Figura 15: Página do impresso da edição n. 4, dez. 2004.



Fonte: edição do *Só Isso!* de n. 4, dez.2004, p. 3.

As figuras acima mostram o pequeno espaço que a seção ocupa no jornal. Optei por destacar primeiramente a coluna e depois a página completa em que se encontra, com o objetivo de mostrar mais claramente o que representa, em termos de espaço, a “Boca no Trombone”. Em edições mais recentes verificamos mudanças na seção, como mostram as figuras a seguir:

Figura 16: Seção “Boca no Trombone” da edição n. 7, dez. 2005.



Fonte: edição do *Só Isso!* de n. 7, dez. 2005, p. 1.

Figura 17: Página do impresso da edição n. 7, dez. 2005.



Fonte: edição do *Só Isso!* de n. 7, dez. 2005, p. 1.

No que diz respeito ao conteúdo dessa seção, muitas são as reivindicações feitas por suas escritoras. Vale destacar, um trecho desta que retrata a falta de respeito das autoridades com as internas:

Sei que somos culpadas por estarmos neste lugar, mas sei que podemos ser tratadas com um pouco mais de dignidade, pois já estamos pagando pelos nossos erros. Fico triste em ver muitas internas que não têm um familiar que as ajude. E as unidades precisam que os senhores governantes nos dêem mais atenção pois faltam cobertores, material de higiene para as internas, o governo nos trata como porcos. Temos três refeições por dia, café-da-manhã, almoço e jantar. O governo não tem culpa de estarmos aqui, mas também não temos culpa de não termos chance na sociedade. Quem não tem família chora e dorme com fome, a não ser que a colega sinta pena e lhe dê algo para comer, o que é mais triste ainda. Que os senhores governantes e empresários pensem nas unidades prisionais com mais respeito, pois apesar de sermos internas somos seres humanos e precisamos ser tratadas com mais respeito. Pois já sofremos com nossas culpas e arrependimentos (n. 2, ago. 2004, p. 7).

Além da lamentável realidade exposta acima, muitos outros problemas afetam essas mulheres. Percebemos neste espaço do impresso a reivindicação por trabalho na prisão, pedidos de medicamentos, ambulância, médicos para a Unidade, cadeiras de rodas, agasalhos, camas para os alojamentos, cobertores, equipamentos para o consultório dentário, solicitação de fraldas para os filhos das apenadas que estão na creche da Penitenciária, entre outras:

Alguns anos atrás quando os presos chegavam na unidade, eles recebiam um pequeno kit para manter-se com o mínimo de dignidade na prisão. Neste kit continham: uma caneca, um prato, uma colher e garfo plástico, um colchão, um lençol, um cobertor e duas camisas. Fora isso, recebiam mensalmente um kit de higiene contendo: uma barra de sabão, um litro de cloro, um sabonete, um creme dental, um rolo de papel higiênico e um pacote de absorvente. E agora?? Falta tudo, não temos absolutamente nada. Hoje o nosso material de limpeza é água, somente água. Sem falar que não temos camas suficientes. Isso é um dever do estado (n. 12, ago. 2007, p. 1).

Entre todas as questões mencionadas, vale destacar um tema recorrente na seção: a falta de oferta de trabalho para essas mulheres e homens de outras unidades prisionais:

Alô, Santa Cabrini! Somos mil homens (Plácido de Sá Carvalho)<sup>42</sup>, a um passo da liberdade total. Cumprimos quase todas as nossas penas designadas pela justiça, voltaremos para o lar e para as nossas famílias e desejamos e pedimos que empregos e trabalhos sejam outorgados para nós. As dificuldades são muitas para se conseguir um trabalho. Necessitamos com urgência ter um referencial de trabalho por intermédio de sua prestigiosa empresa que serve e que ajuda aos presidiários. (n. 5, mar. 2005, p. 3)

---

<sup>42</sup> Presídio Semiaberto localizado no Complexo de Gericinó.

Senhores empresários: o Talavera Bruce dispõe de ótimos espaços e excelente mão-de-obra para o seu negócio. Faça uma experiência. As internas do TB precisam de trabalho e agradecem (n. 7, ago. 2005, p. 1).

Alô empresários! Aceitem o desafio e façam uma experiência na Talavera Bruce, que dispõe de excelente espaço para qualquer que seja seu ramo. Venha nos visitar e comprove! Com essa experiência os senhores estarão nos beneficiando e sendo beneficiados também com mão-de-obra barata e isentos de tributos (n. 12, ago. 2007, p.1).

Todas essas dificuldades físicas e materiais que denotam a precarização das assistências e direitos aos privados de liberdade aliam-se à tristeza individual de cada interna que sofre em sua cela e desabafa por meio do *Só Isso!*. O trecho da matéria “Diário de uma detenta” expõe a dificuldade de estar enclausurada e a dificuldade de viver em um ambiente tão hostil e que não prepara para a vida além das grades:

O clarão do dia vem surgindo, chego até as grades para contemplá-lo, e isto aumenta mais o meu desejo de ser livre. O meu sol que já era pouco se tornou nenhum nesse cativo de sombras, onde a minha vida passa simplesmente por passar. Olho ao redor e vejo que nada mudou! É a mesma aparência morta de um cemitério. Talvez possam existir mortas-vivas como eu, enterradas na sombra do esquecimento pela fonte da realidade que é a ‘Sociedade’ (n. 4, dez. 2004, p. 1).

O cotidiano não é nada fácil na prisão. É marcado por regras e horários bem definidos para todas as atividades. Às 7 horas da manhã o café é servido e as internas pouco a pouco despertam em meio a falta de espaço. Uma hora depois vão para o “confere” quando são chamadas uma a uma pelas funcionárias com objetivo de verificar se todas as internas estão na unidade. Ao longo do dia as apenadas saem para trabalhar, estudar, tomar banho de sol ou participar de outra atividade. O jantar é servido logo cedo, às 16 horas e às 17 horas a unidade fecha para as presas e todas voltam para suas celas. Um dia a dia sempre muito barulhento em que os sons de rádios, televisões e gritos se misturam dentro dos cubículos que abrigam esses sujeitos.

Tudo se torna mais difícil quando uma das internas comete algum erro e é punida, sendo direcionada para o que chamam de “tranca”, que é o castigo para aquelas que se comportam mal. Trata-se do confinamento total em uma cela onde ficam sozinhas e não podem sair para circular em nenhum espaço da penitenciária. “O isolamento é o maior castigo, não importa se a pessoa é tranquila ou rebelde, ela acaba fazendo essa auto-análise e é nessa hora que dói (n. 10, set. 2006, p. 3).

Também nesse momento difícil e que faz parte da rotina, normas e regras da prisão, em que entram em total clausura e isolamento, a escrita se torna um meio de suportar tamanha solidão. “Por mais calma ou agitada que sejam as pessoas que passam pela tranca, elas acabam tendo uma coisa em comum: o hábito de passar seus sentimentos escrevendo nas paredes da tranca. Pode ser uma frase curta como: “Eu te amo” ou textos grandes, mas ali fica marcado o seu desabafo” (n. 10, set. 2006, p. 3).

Nos estabelecimentos penais os internos e internas, apesar da precariedade do sistema prisional, decidem de que forma buscam uma maneira de amenizar as mazelas do encarceramento e, de alguma forma, o trabalho, a escrita e a leitura se configuram até mesmo como estratégias de sobrevivência:

Aqui no TB é assim, onde umas andam pela cadeia vendo e ouvindo todo o tipo de gente e de situações, já outras estudam, trabalham ocupando o tempo e a mente de forma útil. Mas os dois casos funcionam como escape para não enlouquecermos pensando em nossos problemas e nossa dura realidade (n. 10, set. 2006, p. 3).

Hoje estou bem melhor, sobrevivi à queda, os anjos renovaram os escombros, agora posso ler, orar, meditar, louvar. Foram dias de retiro espiritual para reconhecer meu ser, que talvez nem eu mesma conhecia (n. 10, set. 2006, p. 3).

A compreensão acerca do cotidiano e dificuldades da Penitenciária Talavera Bruce a partir do *Só Isso!*, traz a reflexão e o entendimento do universo prisional pela voz dos sujeitos encarcerados. Tendo como enfoque a análise de suas escritas é possível perceber e destacar a importância destas nos espaços de privação de liberdade que, por meio desse impresso remonta os sentidos da comunicação entre os internos, assim como faz emergir a complexidade de um estabelecimento penal feminino. Nas páginas do *Só Isso!* a subjetividade das internas ganha visibilidade, subjetividade esta que “é construída por meio de relações materiais, econômicas, interpessoais, efetivamente sociais e, em longo prazo, históricas, cujo efeito é a constituição de sujeitos como entidades autônomas e fontes confiáveis do conhecimento que provém do acesso ao real” (DE LAURETIS, 1992, p. 251-94 *apud* ARFUCH, 2010, p. 119) e que no caso das mulheres que se abrigam na Talavera Bruce é marcada pelo sofrimento da vida em cárcere.

## 5 A ESCRITA COMO UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

O estudo do *Só Isso!* possibilitou mergulhar nas diversas nuances do encarceramento feminino e nos possíveis sentidos que a escrita na prisão assume na vida dos privados e privadas de liberdade. Esses sujeitos que utilizam a escrita para amenizar a solidão, aliviar sofrimentos e desabafar, trazem relatos sobre histórias de vida marcadas por inúmeras dificuldades materiais, psicológicas e emocionais.

Nesse sentido, a relevância desse trabalho se configura por trazer à tona sujeitos invisibilizados pelas pesquisas acadêmicas e revelar parte do universo complexo e degradante que os cerca. O impresso em destaque garantiu a discussão acerca das dificuldades da vida no cárcere e as ambiguidades, tensões e precariedades das propostas educacionais, das atividades laborativas, das condições materiais dos estabelecimentos penais, além da religiosidade e das dores da prisão que passam pela ausência da família, pela separação dos filhos, pelo estigma carregado por mulheres presas e todas as mazelas físicas, emocionais e materiais que cercam a vida de homens e mulheres privados de liberdade. No entanto, fugi da ilusão de que o jornal poderia trazer o que verdadeiramente acontece nos presídios e trabalhei apenas com as representações escritas acerca desse universo complexo, certa de que os textos das apenas falam, mas também calam. Isto exigiu um esforço para interpretar também os sentidos dos ditos, não ditos, censuras, crenças e silêncios.

Pensar na produção, circulação e recepção do jornal estudado tornou-se relevante na medida em que trouxe a reflexão do quanto a leitura e a escrita na prisão ajudam esses sujeitos a suportar o espaço frio do cárcere, permitindo, ainda, melhor compreensão das práticas jornalísticas nos presídios e as práticas cotidianas das encarceradas e encarcerados, principalmente no que tange a uma realidade que possui suas especificidades e grandes problemáticas a serem enfrentadas. Diante desse cenário, é possível pensar em como o direito ao ato de escrita e leitura na cadeia torna-se revestido de uma função social e educativa e, o estudo do *Só Isso!*, propiciou a compreensão da realidade do grupo constituído por aprisionados a partir da interpretação dos discursos por ele veiculados e dos temas debatidos que fazem

emergir, por meio da escrita, o modo de vida de mulheres e homens presos, seus anseios e desilusões

A tentativa desse estudo é dar visibilidade à realidade dos privados de liberdade e, longe de apontar fórmulas ou receitas, suscitar a reflexão de caminhos possíveis para as instituições que abrigam essas mulheres e homens. No entanto, é preciso ressaltar a incompletude dessa pesquisa, pois muitos aspectos do impresso não foram trabalhados, tendo em vista a diversidade de temas contidos neste e a necessidade de novos olhares para essas temáticas. São muitas as nuances e matizes que o jornal apresenta e este trabalho é apenas uma das interpretações possíveis. Nesse sentido, não houve a pretensão de esgotar as múltiplas leituras acerca do jornal e das vicissitudes do encarceramento feminino e tampouco reduzir os possíveis significados da produção, circulação e recepção do periódico pesquisado.

Pensar na escrita contida no jornal é também uma forma de contribuir para que as demandas de mulheres apenas sejam ouvidas, na medida em que se dá visibilidade às suas vozes e às suas necessidades. Sendo assim, é possível trazer, a partir do *Só Isso!* uma reflexão acerca da necessidade de propostas e políticas visando avanços na posição feminina, auxiliando o acesso social e minimizando as situações de discriminação. Diante dessa perspectiva, o trabalho aponta para a possibilidade de investigação de outros impressos produzidos no cárcere, assim como outros caminhos possíveis para a análise do *Só Isso!*

Os textos que emergem nas páginas do impresso mostram um mundo de emoções, fragilidades, escolhas e aprendizados, que é fortemente exposto pelas encarceradas e, nesse espaço de escrita e leitura, estas produzem um conhecimento sobre si, sobre o universo prisional, sobre as dificuldades e os sonhos para o futuro. São relatos singulares, carregados de subjetividade e experiências.

Nesse sentido, esse impresso se configurou como um instrumento de grande importância para esses sujeitos, pois contempla todas as encarceradas de alguma forma, seja pertencendo à redação e com isso conquistando um espaço de trabalho, seja como escritora e ou leitora, o que possibilita expressar sentimentos e diminuir as dores geradas pelo encarceramento.

O estudo sobre os sentidos da escrita de mulheres privadas de liberdade a partir desse impresso possibilitou compreender discursos, relações e práticas e dar-se a ouvir as apenas. Na conquista de autonomia, de espaço e de identidade



social, possivelmente, o impresso *Só Isso!* representa um avanço, possibilitando que, a partir da escrita, essas mulheres possam aliviar suas tensões, transmitam uma ideia de si, reinterpretem suas vidas na busca pela reconstrução de suas histórias, na medida em que refletem sobre sua condição atual de apenadas e projetam um futuro melhor para além dos muros e grades da prisão.

Foram muitas as questões que nortearam essa pesquisa e dentre elas vale destacar: quais as motivações que levaram à criação do jornal? O que esse impresso representa? O que revela? Quem são seus escritores e leitores? Quais as principais temáticas? Que outros sujeitos do sistema estão envolvidos com o jornal? O que revela a prática jornalística no cárcere? Quais são as marcas dessa escrita? Qual o papel da edição? Na tentativa de responder a essas e outras perguntas tive como alicerce teórico autores que partem da perspectiva da história da cultura escrita e de autores que discutem, principalmente nas áreas da sociologia e antropologia, as diversas questões que perpassam a realidade do sistema penitenciário.

Para melhor compreender essa realidade, esse estudo buscou não ficar refém de concepções que vitimizam os apenados e condenam *a priori* outros sujeitos, como agentes penitenciários e gestores. Isto envolveu um olhar compreensivo para esses atores de modo que as mazelas e os acertos pudessem ser confrontados, depurados e interpretados.

Analisando os relatos encontrados nesse jornal e traçando um diálogo com os estudos já realizados na área, é possível perceber a necessidade de possíveis e novos caminhos para o plano institucional que abriga os privados de liberdade, na busca por soluções para os problemas que afetam esses sujeitos sociais tão estigmatizados.

Construir um projeto educativo, em seu sentido mais amplo, em ambientes prisionais não significa constituir privilégios e, sim, garantir direitos que são de todos. Não se pode confundir privação de liberdade com a exclusão de outros direitos e, sobretudo, é preciso pensar na educação na prisão como uma forma de possibilitar que os apenados, após o cumprimento da pena, tenham maiores possibilidades de superação das adversidades que a sociedade irá lhes impor.

Ao finalizar esse trabalho, percebemos os motivos que levaram essas mulheres à inserção no mundo do crime, as relações familiares, os sentidos que a prisão assume em suas vidas, arrependimentos e aprendizados que são temas

recorrentes nas narrativas autobiográficas dessas mulheres. O impresso *Só Isso!* representou um avanço no sentido de possibilitar que, a partir da escrita, essas mulheres possam aliviar suas tensões, transmitir uma ideia de si, reinterpretar suas vidas na busca pela reconstrução de suas histórias, na medida em que refletem sobre sua condição de apenadas e projetam um futuro melhor para além dos muros e grades da prisão.

Concluo esse trabalho lamentando o fato do *Só Isso!* não mais existir e com a esperança de que outras propostas como essa surjam, a fim de melhorar a condição de vida daqueles que se encontram nos estabelecimentos penais de todo o país. Esta pesquisa é uma pequena contribuição, mas a partir dela é possível perceber que os caminhos e desafios são árduos e muito trabalho será necessário.

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Carlos. Cárcere e Sociedade na América Latina, 1800- 1940. In: *História das Prisões no Brasil*, volume I. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. *Mulheres que matam: o universo imaginário do crime no feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia Política, 2001.
- ALZUGARAT, Alfredo. *Trincheras de papel: dictadura y literatura carcelaria en Uruguay*. Montevideo: Ediciones Trilce, 2007.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil- CPDOC/FGV, v.11, n.21, p.9-33, 1998.
- BARBOSA, Inês. Aprendendo com os cadernos escolares: sujeitos, subjetividades e práticas sociais cotidianas na escola. In: MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.) *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p.139-144.
- BONILLA, Diego Navarro. Archivos y cultura escrita carcelaria: escribir y documentar la prisión desde El siglo XVI. In: SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo Antonio (Orgs.). *Letras bajo sospecha: escritura y lectura em centros de internamiento*. Alcalá: Ediciones Trea, 2005.
- BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Grupo de Trabalho Interministerial. *Reorganização e Reformulação do Sistema Prisional Feminino-2008*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008.
- CAFFARENA, Fabio. Condenados a escribir. Cartas e recuerdos del establecimiento penitenciario de Finale Ligure. In: SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo Antonio (Orgs.). *Letras bajo sospecha: escritura y lectura em centros de internamiento*. Alcalá: Ediciones Trea, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 2000.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. *Revista do Centro de Educação da UFSM*, Santa Maria, v.30, n.2, p.87-104, 2005.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio ; SIERRA BLAS, Verônica. Prólogo: Entre la represión y la libertad. In: SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo (Orgs.). *Letras bajo sospecha: escritura y lectura em centros de internamiento*. Alcalá: Ediciones Trea, S.L, 2005, p.11-14

CATANI, Denice Barbara ; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano, artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

CHAUVEAU, Agnes ; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. In: CHAUVEAU, Agnes (Org). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p.7-38

CHIES, Luiz Antônio Bogo ;VARELA, Adriana Batista. A ambiguidade do trabalho prisional num contexto de encarceramento feminino: o circulo vicioso da exclusão. Disponível em: <[http:// www.sbsociologia.com/congresso](http://www.sbsociologia.com/congresso)>. Acesso em: 7 de junho de 2010.

CHIES, Luiz Antonio Bogo ; BARROS, Ana Luisa Xavier. A prisão dentro da prisão: sínteses de uma visão sobre o encarceramento feminino na 5ª Região Penitenciária do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, ano 17, n. 79, 2009.

CHIES, Luiz Antonio Bogo; BARROS, Ana Luisa Xavier; LOPES, Carmen Lúcia Alves da Silva et al. Prisionalização e Sofrimento dos Agentes Penitenciários: fragmentos de uma pesquisa. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, v.13, n.52, p.309-335, 2005.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. De boas intenções o inferno está cheio: reflexões sobre a educação formal nos ambientes prisionais. In: SILVA, Vini Rabassa da; MENDES, Jussara Maria; FAGUNDES, Helenara Silveira et al. (Org.). *Política Social: temas em debate*. Pelotas: EDUCAT, 2009. p.103-130.

DAEMON, Flora. A imprensa que não se censura: a apropriação do dizer jornalístico como ferramenta do “jornal da prisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., Natal, 2008. *Anais*. Natal: o Congresso, 2008. p.1-13.

DAEMON, Flora. *A imprensa carcerária ou a reinvenção da notícia: um olhar intramuros sobre o fazer jornalístico*. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal Fluminense, 2009.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. *A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão*. São Paulo: Humanitas, 2008.

DIAS, Márcia Hilsdorf. A escola Normal Paulista na ótica dos conservadores. In: GONDRA, José. *Dos arquivos à escrita da história: e educação brasileira entre o império e a república*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. *A ressocialização através do estudo e do trabalho no sistema penitenciário brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica na história da educação. In: *IMPRESSOS e História da Educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

GÓES, Moacyr de. *Sem paisagem: memórias da prisão*. Editora Europa, 1990.

GOMES, Ângela de Castro. Prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.7-26.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMGRUBER, Julita. *Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1999.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello ; XAVIER, Libânia Nacif. Apresentação. In: *IMPRESSOS e História da Educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

MAEYER, Marc de. Na prisão existe a perspectiva da educação ao longo da vida? p.17-37. *Alfabetização e cidadania - Revista de educação de adultos*, Brasília, n. 19, jul. 2006.

MARQUES, Glaucia Diniz. *Cartas em tempos de guerra: uma missão cívico-patriótica da associação brasileira de educação (1942-1945)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Artesãos da palavra: cartas a um prisioneiro político tecem redes de idéias e afetos. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (Orgs.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Ed. UFP, 2002.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos (Orgs). *Tecendo Educação, história, escrita autobiográfica*. In: \_\_\_\_\_ (Orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p.17-27.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara ; CUNHA, Maria Tereza Santos (Orgs ). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

MORAES, Eliane Robert. A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade. In: GALVÃO, W. N. ; GOTLIB, N. B. *Prezado senhor, prezada senhora – estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.55-60.

NÓVOA, Antonio. A imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 11-31

ONOFRE, Elenice. Escola da prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado?. In: *Educação escolar entre as grades*. São Carlos: Edufscar, 2007.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. *Leitoras Aprisionadas: histórias de vida e leitura narradas na Penitenciária Feminina em Cuiabá - Mato Grosso*. 2010. Tese (Pós-Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

PAIVA, Jane. Educação de Jovens e Adultos: continuar... aprender por toda a vida. Disponível em:  
<[http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/saltofuturo\\_eja\\_set2004\\_proppedag.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/saltofuturo_eja_set2004_proppedag.pdf)>  
Acesso em: 07 de junho de 2010.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnes (Org). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.39-50.

ROCHA, Bárbara Trindade. *Cartas em revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da Nova Escola*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2004.

RUBACALBA PÉREZ, Carmen. Escribo aquello que no sabía decirle a nadie: La escritura em reclusión. In: SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo (Orgs.). *Letras bajo sospecha: escritura y lectura em centros de internamiento*. Alcalá: Ediciones Trea, 2005. p.217-235.

SANTA RITA, Rosangela Peixoto. *Mães e crianças atrás das grades: em questão o princípio da dignidade da pessoa humana*. Brasília, DF: Ministério da Justiça, Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, 2007.

SIERRA BLAS, Verônica. *Aprender a escribir cartas: los manuales epistolares en la España contemporánea. (1927-1945)*. Gijón: Trea, 2003

SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo. Prólogo. In: SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo (Orgs.). *Letras bajo sospecha: escritura y lectura em centros de*

*internamiento*. Alcalá: Ediciones Trea, 2005.

SILVA, José Claudio Sooma. Foucault e as relações de poder: o cotidiano da sociedade tomado como uma categoria histórica. *Revista Aulas- Dossiê Foucault*, nº 3, p. 1-28, 2007.

SOARES, Bárbara Musumeci Soares ; ILGENFRITZ, Iara. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. *Histórias de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

TAVARES, Daiane de Oliveira. *Mulheres e Cárcere: educação na prisão e a especificidade feminina*. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2007

VARELLA, Dráuzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

VAZ, Elida. A Encenação da Educação nas cartas de leitores. *Comunicação e Educação*, São Paulo, v.16, p.36-42, set/dez 1999.

VAZ, Elida. A Encenação da Educação nas cartas de leitores. *Comunicação e Educação*. Projetos Experimentais.com. Ano 1, vol 1-m N. 1, 2007.

VAZ, Elida. *A Encenação da Educação nas cartas de leitores*. Comunicação e Educação. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Editora UFMG, Faculdade de Letras, 1995.

VILLELA, Heloisa. Imprensa pedagógica e Constituição da profissão docente no século XIX: alguns embates. In: GONDRA, José (Org). *Dos arquivos à escrita da história: e educação brasileira entre o império e a república*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VINÃO FRAGO, Antonio. Las autobiografías, memórias y diários como fuente histórico-educativa: tipologia y usos. *Teías*, Rio de Janeiro, n. 1, p.82-97, 2000.